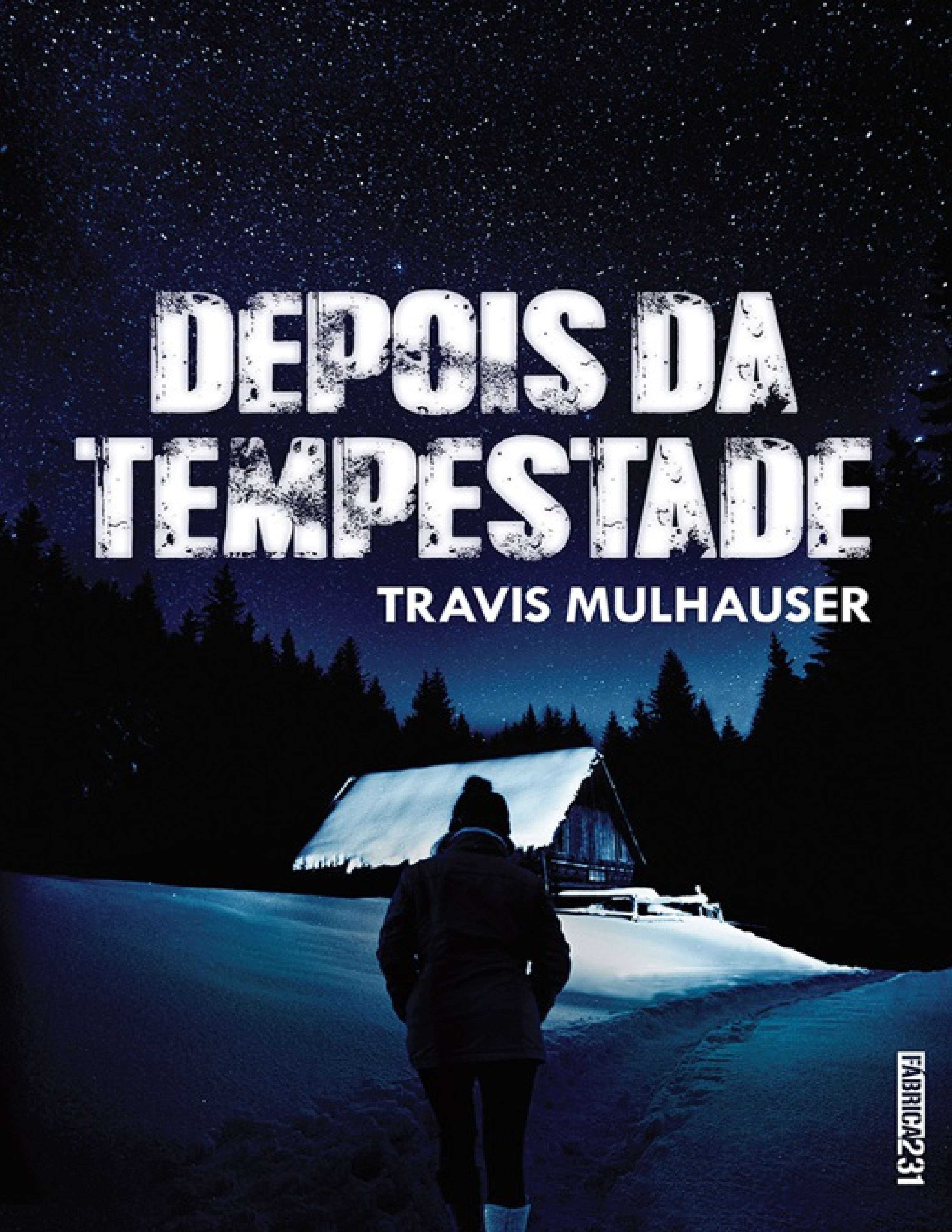
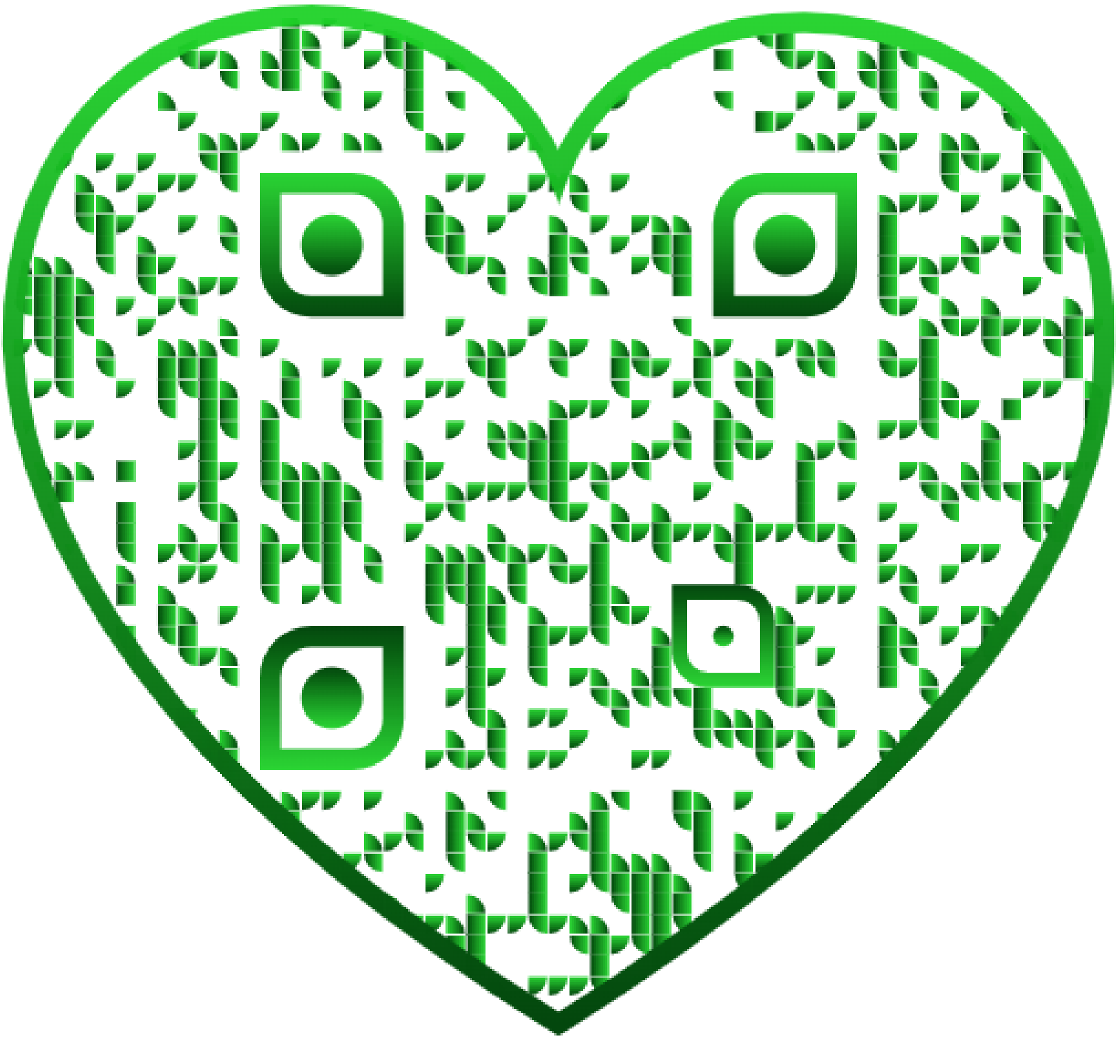

DEPOIS DA
TEMPESTADE
TRAVIS MULHAUSER
FÁBRICA231



Encontre mais livros como este no e-Livros

e-Livros.xyz

e-Livros.site

e-Livros.website

TRAVIS MULHAUSER

DEPOIS DA TEMPESTADE

Tradução de Fabiana Colasanti

FÁBRICA231

Para Cassy

Sumário

Para pular o Sumário, clique aqui.

Agradecimentos

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Catorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezesseis

Capítulo Dezessete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezenove

Capítulo Vinte

Capítulo Vinte e Um

Capítulo Vinte e Dois

Capítulo Vinte e Três

Créditos

O Autor

Agradecimentos

Leo e Edie Lou, que são meus corações e que me ensinaram muito sobre tudo. Susan Ramer, por ser espetacular. Minha editora, Megan Lynch, por seu talento, sua visão, e por ser a mão que me guia. E todos na Ecco que fizeram tanto por este livro. Søren Palmer, por todas as caronas e leituras. Jon Baker, por todas as perguntas respondidas. Sustainable Arts Foundation, por sua incrível generosidade. Por suas leituras e várias áreas de especialidade: Fred Mulhauser, Whitney Mulhauser, Cassy Stubbs, Laura Waldrep e Matt Norcross. Por seu apoio infinito, Joanna Kolodziej e Kyler Mulhauser. E por todo tipo de coisas, esta lista de seres humanos estelares: Pamela Kolodziej, Emily Dings, os Gillmor, os Redding, Niels Lunsgaard, Matt Gallagher, Gill Pulley, Robert Sorrenti, Rebo Sullivan, Susan Miller-Cochran, Michael Parker, Terry Kennedy, os Aaron, John e Terri Lee e Louise Deaton.

Capítulo Um

Nove dias depois que mamãe desapareceu, eu soube que ela estava se drogando com Shelton Potter. Gentry disse que a vira pegando pesado e vagando pela casa da fazenda como um fantasma.

Mamãe comprava seu álcool na Night Moves, onde Gentry trabalhava no balcão, e ele passou para me dizer que a tinha visto na casa do Shelton enquanto estava lá entregando um barril de cerveja.

– Quando? – perguntei.

– Ontem à noite – disse ele. – Eu queria ter passado aqui antes.

A única coisa que me surpreendeu foi a minha própria surpresa. Por mais vezes que Carletta tivesse me deixado na mão, eu ainda me sentia tonta como se tivesse levado um soco no estômago, como se fosse a primeira vez que ela se esquecia de me pegar no colégio.

– Ela nem me reconheceu – disse ele. – Foi como se ela olhasse através de mim.

Gentry deu um trago em seu cigarro de cravo e puxou o gorro de tricô por cima das orelhas. Era sete anos mais velho que eu, mas nós éramos amigos. Ele me vendia cigarros na loja, apesar de eu ter acabado de fazer dezesseis anos naquele verão, e eu sempre o apoiava quando ele tinha algum drama com um namorado.

Ele olhou para mim com olhos tristes. Disse que podia entrar se eu estivesse a fim de conversar, mas não vi motivo. Gentry era um bom ouvinte e havia muitas coisas que eu podia dizer sobre a mamãe, mas nenhuma delas ia trazê-la para casa.

Peguei meu moletom com capuz do cabide, agradeci ao Gentry por ficar de olho e fui para a caminhonete. Ele me chamou da varanda, mas continuei andando.

Estava tarde e frio, e eu estava exausta. Eu trabalhava na Móveis Pickering, e havia descascado e lixado duas mesinhas e uma cômoda naquela noite. Só tranquei o galpão depois das oito da noite, mas o que eu devia fazer? Me espreguiçar no sofá como se tudo estivesse bem?

Não, em vez disso liguei a caminhonete. Aumentei o aquecimento e olhei para a neve que caía lá fora. Havia um vento norte a caminho, mas nem o próprio apocalipse deteria mamãe se ela já estivesse em órbita – então eu disparei pela rua Clark e parti para as montanhas do norte como uma destrambelhada.

O nosso quarteirão era todo de casas alugadas caindo aos pedaços e cercas quebradas, mas o visual ficou ainda pior quando cheguei à rua Detroit, onde os mexicanos ficavam. Carletta a chamava de *barrio* e gostava de estalar a língua quando passávamos por aquelas casas geminadas em ruínas. Ela gostava de dizer que não entendia como algumas pessoas viviam.

Nunca me dei o trabalho de observar que morávamos a apenas alguns quarteirões de distância, em um quarto e sala, e que eu não sabia dizer se dormia na sala ou na cozinha, já que o sofá tecnicamente ficava nos dois cômodos. Mamãe não teria entendido a ironia; ela sempre dizia que nós temos uma "planta aberta" – como se a gente morasse em uma casa de revista, onde tudo era arrumado de um jeito

bonito e todos os tecidos combinavam com as almofadas. Como se tivéssemos tigelas de frutas decorativas só por ter.

Não que eu me incomodasse com o sofá. Eu dormia feito um bebê. Era só que Carletta tinha um jeito de negar certas realidades para fazer com que sua existência parecesse ser mais do que era, o que era uma forma de lidar com aquilo, mas na maioria das vezes era apenas outra maneira de mentir.

Ainda assim, eu sentia falta dela. Sentia falta dela e estava cansada da minha vida de espera e preocupação. Estava cansada de ficar imaginando onde ela estava e da inquietação constante que estrangulava meu coração como uma videira.

Então, peguei a rua Detroit até a Grove, que me levou na direção da cidade, onde as casas e vidas melhoravam consideravelmente. Havia os prósperos moradores em suas grandes casas de tijolos e, depois deles, o litoral, onde a grana de verdade estava. O dinheiro do sul do estado e de Chicago fincou suas raízes na areia – seus habitantes sazonais perfeitamente colocados ao longo da orla para um panorama completo, e nenhuma alma ali para aproveitar, porque o tempo não era bom nessa época do ano.

Eu não podia culpá-los. Estávamos no meio de janeiro no condado de Cutler, Michigan. Estamos no topo noroeste da península mais baixa, a ponta do seu dedo anular esquerdo, se você imaginar o mapa nas costas da sua mão, e, a não ser que você curta uma onda de fim do mundo tipo Jack London, por que não voaria para algum outro lugar, se pudesse? Eram só nove horas da noite e o centro da cidade já tinha três quarteirões de janelas escuras atrás de grandes pilhas de neve, e não havia um único outro carro nas ruas.

Passei pelo sinal vermelho piscando para entrar na rua 31 Norte, peguei a autoestrada e passei pela velha fábrica de cimento e o estacionamento de trailers Shoreline Estates. O vento vinha forte da baía e eu podia ver o formato das colinas do norte ao longe – uma linha denteada cor de ferrugem pela neve.

Eu queria poder parar na casa de Portis Dale. Portis era a coisa mais parecida com um pai que eu tinha, e possuía uma cabana a menos de oitocentos metros da casa de Shelton. Eu teria preferido imensamente levá-lo até a fazenda comigo e implorado de boa vontade se achasse que havia alguma chance de ele ir.

O problema era que Portis havia parado de correr atrás de Carletta havia anos, e poderia me amarrar a uma cadeira pelo resto do inverno se eu chegasse sequer a sussurrar alguma coisa sobre a casa de Shelton Potter. Eu podia ouvi-lo, claro como água.

– Aquela fazenda não é lugar para uma menina – diria ele. – Não é lugar para você.

Portis podia ter razão, mas eu continuei dirigindo mesmo assim. Dirigi apesar das promessas quebradas e da mágoa, apesar de todas as mentiras e roubos e das desculpinhas totalmente esfarrapadas. Ignorei meu próprio bom senso e a tempestade que estava chegando, e saí da autoestrada para a estrada Grain, e a segui ao longo do rio Three Fingers.

A estrada e o rio traçavam uma linha torta e dividiam as colinas de cima a baixo. Para o leste não havia nada além de mata fechada e alguns lagos de pesca, enquanto que para o oeste havia uma ampla dispersão de cabanas e trailers conectados por caminhos estreitos e trilhas para motos de neve.

As colinas do norte ficavam a apenas cinco minutos da cidade, mas bem poderiam ser mais de cem quilômetros daquelas casas grandes ao longo da baía. No instante em que você entrava nas colinas, era como se alguém tivesse desligado um interruptor. As árvores altas engoliam as estrelas e as luzes da cidade, e havia momentos em que parecia que você estava caindo. Havia locais nas colinas onde você conseguia enxergar além, clareiras e mirantes que deixavam entrar alguma luz, mas o caminho para cima parecia como escorregar por um poço de mina.

Fiz as curvas fechadas e fiquei surpresa que o sinal de rádio se manteve – Kid Rock falava sobre pescar picão-verde enquanto eu olhava para fora e procurava a minha entrada.

A estrada Grain era asfaltada debaixo da neve, mas eu ia ter que desviar para chegar à casa de Shelton. Isso me preocupava um pouco, mas a casa da fazenda não era muito longe do rio e eu evitaria o emaranhado de pistas estreitas que corriam mais para o oeste.

Meus faróis altos não adiantavam muito contra a escuridão, mas eu vi a curva onde o rio batia nas grandes rochas, entre pedaços de gelo flutuante, e formava uma turbulência. A estrada que dava entrada para a casa de Shelton ficava na próxima clareira entre os pinheiros, e eu deixei o velho Nissan rabear quando a peguei.

A estrada era estreita, mas havia um pedaço, quatrocentos metros adiante, onde ela virava para fora e revelava a clareira onde a casa da fazenda ficava, na beira do lago Jackson. Em um dia bonito, você podia ver a cor da porta da frente daquele cume, mas no escuro eu não conseguia ver nada abaixo de mim além de uma grande tigela vazia de escuridão.

Saí do cume e a estrada se estreitou conforme serpenteava mais para dentro da floresta. Dirigi até chegar à beira da propriedade de Shelton, onde um milhão de estacas sinalizadas e placas pregadas nas árvores diziam PROIBIDA A ENTRADA. Eu estava me lixando para os direitos de propriedade de Shelton Potter, mas não queria ir muito adiante e ficar presa na neve. Já podia sentir meus pneus começando a baixar, então botei a caminhonete em ponto morto e fiquei sentada lá dentro enquanto planejava a melhor rota a pé.

Calculei que estava a um quilômetro e meio da porta da frente por terra. O caminho mais rápido seria através do lago, mas odeio andar em cima de gelo no escuro. Eu sabia que era provável que o gelo aguentasse, mas digamos que não aguentasse? Um passo em falso e eu logo poderia ter problemas – gelo estalando enquanto as rachaduras se espalhavam como raízes e se abriam em falhas.

Eu teria que caminhar o resto do caminho pelo meio da floresta, aí atravessar o terreno aberto para chegar à casa da fazenda. Seria frio e escuro e absolutamente miserável, mas eu continuaria andando até chegar lá porque não tinha escolha. Carletta tinha que ser resgatada.

Eu me inclinei na direção das saídas de ar e passei os braços apertados em volta do peito para puxar o calor para dentro. Mamãe achara apropriado roubar meu casaco de inverno e minhas luvas na noite em que desapareceu, o que significava que eu ia fazer a trilha de moletom de capuz e jeans. Uma injustiça que poderia ter me enfurecido se eu achasse que ia ajudar em alguma coisa.

A neve já estava se acumulando no capô da caminhonete. Eles interromperam a transmissão de rádio com um aviso sobre o tempo, e depois das sirenes de advertência veio a voz de Lester Hoffstead, o nome

mais confiável do norte de Michigan no que dizia respeito ao clima. Ele estava muito agitado por causa de seu radar Doppler e suas previsões lúgubres, e eu estiquei a mão para apertar o botão de desligar. Sem querer ofender Lester, mas eu já entendi que havia uma maldita nevasca a caminho.

Abri a porta e senti o frio cair em cima de mim como uma onda. Apertei os cordões do meu capuz e corri para a proteção das árvores.

Andei por entre os pinheiros nos limites da propriedade sem muitos problemas, mas, quando a floresta se abriu e cheguei aos campos abertos, a neve ficou funda. O vento batia com força em mim e tive que abaixar bem a cabeça contra as rajadas. Fechei as mãos ao lado do corpo e andei.

Era o tipo de frio que queima. Um corte havia se aberto no meu lábio e encostei a língua nele e senti o gosto salgado do sangue que se empoçava. Meus dedos dos pés já estavam latejando e formigando, e o ar incendiava os meus pulmões só de respirar. Olhei para trás depois de um minuto e não consegui ver a floresta de pinheiros nem diferenciar a neve que caía nos campos da que era soprada pelo vento.

Shelton vivia na fazenda, mas o dono das colinas do norte era seu tio Rick. Rick possuía quase tudo a oeste do rio, onde alugava terrenos para seus amigos e construíra para si mesmo um rancho no topo, que pôs de frente para o pôr do sol. Até Portis estava nas terras de Rick, um resquício do tempo em que ele andava com aqueles idiotas.

Rick foi criado nas colinas e ganhava seu dinheiro com cocaína e maconha, mercados legítimos em comparação à preferência de Shelton por metanfetamina feita em casa. Rick tinha acordos de longa data com a polícia de Cutler e era um herói de futebol americano colegial, ainda por cima. As pessoas ainda lhe pagavam bebidas por causa de algum recorde pretensioso que ele bateu contra Cheboygan, e todo Natal ele ficava na rua Mitchell vestido de Papai Noel e assava castanhas para o Clube Kiwanis.

Rick Potter era um pilar da comunidade, enquanto Shelton havia puxado uma etapa na penitenciária de Ionia e fumava seu próprio produto – uma fonte de tensão considerável entre os dois. As pessoas diziam que Shelton era o bandido, mas eu não gostava de nenhum dos dois por princípio. Não me dava o trabalho de fazer distinções entre as formas pelas quais conduziam suas vidas criminosas, mas era do Shelton que eu tinha medo enquanto andava pela escuridão.

As pilhas de neve finalmente ficaram mais baixas perto da casa e havia trilhas sulcadas e um pouco de neve batida onde podia firmar meus pés. Eu podia ver a sede da fazenda agora, um borrão azulado através dos meus olhos lacrimosos por causa do vento, e o Bonneville de Carletta estacionado nos fundos e enterrado debaixo de trinta centímetros de neve.

Eu não subi os degraus da frente. Em vez disso, dei a volta na casa, então me icei por cima da balaustrada no lado mais distante da varanda. Havia uma grande janela de guilhotina na parede e eu me agachei ao lado e limpei a neve com a manga.

A sala de estar tinha uma iluminação fraca, mas eu podia ver as costas de Shelton através do vidro. Ele estava sem camisa e esparramado no sofá de calça jeans. Tinha GAROTO BRANCO tatuado nas costas – para não ser confundido com um negro albino – e eu podia ver o rabisco em Old English atravessando

a saliência ossuda de seu ombro. Dava para ver uma erupção de acne em suas costas enquanto ele dormia de frente para o meio da sala.

A mesa de centro estava entulhada de papel-alumínio, cachimbos e cinzas, e havia uma espingarda apoiada na parede ao lado dela. Havia uma mulher no chão, de jeans e um suéter preto. Seu cabelo louro estava puxado para trás, e eu podia ver a linha dura de seu maxilar e dois braços magricelos esticados acima da cabeça como se ela estivesse tentando pegar algo. Ela parecia familiar de alguma forma, mas achei que provavelmente era só porque parecia com Carletta quando ela apagava. Estava toda contorcida e parecia pisoteada, com a cara no chão como um cadáver trazido pelo mar na praia.

Corri para os fundos da casa, onde degraus levavam à porta de trás. O vento foi um pouco amortecido pelo celeiro atrás de mim e eu podia ouvir o aparelho de som no máximo do lado de dentro. Podia ouvir a batida do baixo e uma voz de homem acima das guitarras. A porta dos fundos se abria para a cozinha, e eu fiquei ali no frio, com a mão na maçaneta gelada.

Tive meu momento de dúvida. Parte de mim queria desistir da coisa toda bem ali e voltar para a caminhonete. Eu sabia como era estupidez entrar por aquela porta dos fundos, mas mamãe tinha que ser encontrada. Não havia garantias de que ela fosse sobreviver à tempestade, presumindo que já não tivesse se enroscado em um canto da fazenda e morrido.

A maçaneta girou na palma da minha mão, eu dei um passo para dentro e fui empurrada para trás pelo fedor. Não sei por que fiquei surpresa pelo lugar cheirar como um circo, mas tive que esperar um minuto e ficar ali com a respiração presa.

O chão estava entulhado de lixo e fezes de animais, e o som da música sacudia garrafas vazias em cima da bancada. Havia um gato maine coon enroscado em cima do barril de cerveja do Gentry e ele me assustou tanto que eu arfei quando o vi – um furor de pelo branco e laranja, lambendo as patas todo preguiçoso. Eu acenei com a cabeça e o gato me seguiu com seus olhos amarelados.

O homem no aparelho de som cantou alguma coisa sobre pijamas de pele e eu dei uma respirada rápida e atravessei o aposento. Eu tinha uma lanterninha no meu chaveiro e segui seu facho minúsculo até uma escada entre a cozinha e a sala de estar. Fiquei feliz pela música, senão sei que Shelton Potter poderia ter ouvido meu coração batendo alto.

Check out Mr. Businessman [Saca só o sr. Homem de Negócios], disse o cantor.

O fedor ficou pior quando cheguei ao segundo andar, então enterrei o nariz na dobra do braço e sussurrei por Carletta. Examinei o chão com a lanterna.

O corredor era estreito e escuro. O papel de parede era estampado com galos e estava rasgado em tiras largas, debaixo do papel eu podia ver a estrutura de madeira e sentir o frio assoviando através dela.

Havia uma porta de cada lado do corredor, e quando abri a primeira o fedor era como uma parede na qual eu entrei de cara. Sacudi os ombros e me segurei no batente da porta, mas não consegui não vomitar. Era o odor mais nojento que eu já havia me deparado e eu soube no mesmo instante que era de morte. Vomitei pela segunda vez e aí acendi minha lanterna.

O cachorro estava deitado duro no tapete no meio do aposento e eu gritei quando vi seus olhos estáticos e vidrados. Vi o focinho retrocedendo na direção da mandíbula caída e o pelo que estava

amontoado onde os músculos haviam ficado moles. Saí do quarto e tive que me conter para não bater a porta de ódio.

Se você quer assar o seu próprio cérebro com um monte de produto de limpeza, tudo bem, mas deixar um animal indefeso preso e morrendo de fome enquanto você fazia isso? Eu estava tremendo de raiva e tive o pensamento de que devia descer e sufocar aquele filho da puta do Shelton enquanto dormia. Ou atirar nele se a arma estivesse carregada.

É o tipo de pensamento que você tem porque sabe que não vai fazer nada com ele, mas faz você se sentir melhor por um segundo ao pensar que poderia. Eu não sou uma assassina, e, mesmo que fosse, quem ia cuidar da Carletta enquanto eu estivesse apodrecendo na prisão por fazer um favor ao mundo ao apagar as luzes do Shelton Potter?

Voltei à minha busca e sussurrei pela mamãe. Perguntei se ela estava ali. Não veio nenhuma resposta do corredor e, enquanto eu abria a outra porta devagar, tinha no coração uma prece desesperada e sem palavras sobre o que eu ia encontrar ali.

O aposento era iluminado por uma única lâmpada exposta, que piscava e lançava uma luz empoeirada do teto. Havia uma avalanche de frio que vinha de uma janela aberta na parede lateral, e neve se acumulava no beiral e no tapete. Um colchão estava torto no chão e, entre o colchão e um radiador, eu vi um bercinho. Dentro do bercinho estava um bebê.

O homem no aparelho de som estava de volta à parte sobre pijamas de pele. Eu não sabia se a canção fora posta para tocar repetidamente ou se o cantor sentira necessidade de voltar atrás e abordar de novo esse detalhe em particular.

As coisas se despedaçam, continuou ele. *É científico*.

Eu podia ver que o bebê estava urrando, mas seus gritos eram sufocados pelo vento. A neve entrava de lado, se deslocava pelo chão e salpicava de gelo as bochechas do bebê. Os olhos da criança dispararam de um lado para outro em pânico, enquanto ele esticava as mãos tremendo para cima, à procura de algo para agarrar.

Eu corri na direção dele.

Capítulo Dois

A crise é uma constante quando você é filha de Carletta James, o que me impediu de entrar completamente em pânico ao ver um bebê abandonado na fazenda. Isso não quer dizer que não fiquei surpresa com a descoberta do bercinho ou com a visão do bebê urrando contra o vento. É claro que essas coisas me surpreenderam e me encheram de um terror momentâneo – é só que eu não podia permitir que o meu choque se estendesse além de uma ou duas respirações entrecortadas. Apesar de os detalhes de uma determinada calamidade poderem ser impossíveis de prever, apesar de eu jamais poder dizer que esperava encontrar um bebê no quarto, o caos em si era sempre confirmação do pavor que eu carregava no fundo dos meus ossos.

Na lateral do bercinho estava escrito BEBÊ JENNA com caneta de feltro e cercado por flores que tinham sido cuidadosamente entrelaçadas com as letras.

– Shh – sussurrei, e a tirei lá de dentro.

O pijama dela estava frio e pegajoso e molhado atrás. Ela fedia a merda e ao cheiro azedo de vômito, e eu senti seu peitinho subir e descer enquanto ela chorava. Suas bochechas estavam geladas ao toque e eu tirei a neve delas enquanto a embalava nos braços. Seu queixo estava caído enquanto ela soluçava, e seus olhos passavam de mim para o quarto e então de volta. Suas mãos estavam fechadas e ela parecia estar tentando tanto me alcançar quanto se proteger da minha presença. Continuei a acalmá-la. Não sabia mais o que fazer.

Os olhos dela eram cinza-esverdeados, da cor da borda do céu antes de uma tempestade, e seu cabelo preto se projetava em todas as direções e se encaracolava por cima das orelhas. Fiquei com ela no vão da porta, mantendo um olho no corredor e na escada, e foi aí que ela passou uma das mãos em volta do meu dedo e apertou.

Você vê o tempo todo fotos de mãozinhas de bebês, e com frequência elas são justapostas contra a pegada muito maior de um adulto. Quase sempre essas fotos são usadas por grupos contra o aborto ou postadas no Facebook por garotas ricas e hipócritas com alguma mensagem moralista – mas vou lhe dizer que há um poder verdadeiro naquela mãozinha. Vou lhe dizer que fez meu coração parar quando senti a pegada dela. Olhei para ela e soube que não a deixaria naquela casa. Eu a embalei e sussurrei até o choro finalmente se acalmar e ficar estável em seus pulmões.

Havia uma mochila no chão ao lado do bercinho, e eu a segurei com uma das mãos e vasculhei a bolsa com a outra. Havia uma muda de roupa dentro, algumas fraldas, uma mamadeira, uma lata de leite em pó e um chocalho.

Jenna começou a se contorcer e eu abri o zíper do meu casaco e a enfiei dentro. Ela precisava desesperadamente ser trocada, mas não era a hora nem o lugar. Cobri tudo, menos sua boca, passei a mochila por cima do ombro e desci lentamente o corredor.

Prendi a respiração enquanto passávamos pelo cachorro e observei conforme Jenna permanecia completamente imóvel dentro do casaco. Seus olhos estavam bem arregalados e ela olhou para mim diretamente e com o que parecia ser a certeza de sua confiança. A música no aparelho de som tinha sido posta para tocar repetidamente. Eu tinha certeza disso agora.

Fale alto, cantou o homem. *Não consigo ouvi-lo*.

Havia um lugar molhado na escada, onde eu havia deixado neve cair, e olhei cuidadosamente para cada degrau conforme descíamos. Notei os pedaços gastos de madeira e senti a velha casa se assentando no vento. Botei a mão chapada na parede para nos guiar onde os degraus se transformavam no patamar e esperei que não fôssemos traídas por um rangido das tábuas do chão.

Eu ia sair pelos fundos e ir direto para a casa do Portis. Minha caminhonete estava tão distante da fazenda quanto da cabana, e tudo montanha acima. Se o Shelton ou a garota se dessem ao trabalho de perceber que o bebê havia sumido, eles iam ligar os trenós e a caminhonete e se dirigir direto para a estrada pela qual eu tinha vindo. Não, o melhor era ir buscar o Portis. Fazê-lo nos levar para o hospital em seu Ranger.

Potter e a garota nem haviam se mexido. Estavam deitados exatamente como os havia encontrado, enquanto eu passava rápido pela cozinha e saía pela porta dos fundos para dentro do vento e da escuridão com redemoinhos de neve.

A minha lanterna não era de muita utilidade do lado de fora, não depois que eu vasculhei as trilhas de neve batida perto da casa da fazenda e a escuridão espiralou e ficou mais profunda. Andei por algum tempo, me preocupando quando a Jenna chorava, e me preocupando mais ainda quando ela não chorava. Andei até minhas pernas começarem a ficar bambas e eu começar a suar na lombar. Carreguei Jenna com os dois braços e aninhei cuidadosamente sua cabeça.

Eu estava usando minhas botas de combate, que havia comprado em uma liquidação na loja do exército e da marinha. Elas eram feitas em Bangladesh e na verdade eram para garotos de uma academia militar, em vez de serem equipamento padrão do exército americano, conforme me explicara o miliciano louco enquanto as passava por cima do balcão como um saco de lixo com frutas podres. Achei que ele estava tentando me envergonhar para fazer uma compra mais cara, mas ele estava certo em desdenhar das minhas pobres botas. Eu estava com minhas meias de ginástica puxadas até as panturrilhas, mas ainda podia sentir o frio se infiltrando pelos ilhoses e pela lingueta.

Atravessei com esforço as pilhas de neve, mas é claro que a neve encontrou um pedacinho de pele debaixo do forro da bota e decidiu se acumular ali e me deixar em carne viva. E esse é o problema no condado de Cutler – não é tanto o frio, é o fato de que em algum ponto a surra parece ser pessoal.

Ainda pior, comecei a imaginar se estava andando em círculos pelos campos. A fazenda ficava a apenas oitocentos metros da casa do Portis, e parecia que havia passado tempo demais desde que eu saíra da casa do Shelton. Eu não conseguia encontrar a cabana e não conseguia diferenciar uma pilha de neve preta como piche da outra.

É claro que se a Carletta não tivesse parado de pagar a operadora, eu teria meu celular comigo e poderia ter verificado a hora enquanto pedia ajuda. Poderia ter ligado para a Emergência no segundo em que encontrei Jenna, mas Carletta parou de pagar a conta duas semanas antes de desaparecer e o meu telefone estava em uma gaveta da mesa, em casa, bem ao lado do meu pré-pago que estava totalmente sem crédito.

Eu me agachei baixo no chão para descansar e observei minha respiração subir. O frio estava dentro de mim agora, como um peso no meu sangue, e comecei a me preocupar que eu o estivesse passando para Jenna da mesma forma que os corpos trocam calor. Eu havia feito um trabalho sobre hipotermia uma vez e sabia que o frio era imprevisível. Havia uma menininha na Islândia que sobrevivera a uma noite na natureza a 42 graus negativos, enquanto outro homem morrera depois de apenas algumas horas em uma temperatura acima do congelamento. Não me lembro qual era a intenção do trabalho, porém, ou se havia algo que a menina havia feito para se proteger que o homem não fizera.

Talvez eu soubesse melhor o que fazer se tivesse sido bandeirante. Eu sempre havia invejado aquelas pestinhas no ensino fundamental, com seus uniformes bonitos e distintivos e arrecadações altruístas de fundos para bebês africanos que passavam fome. Eu também lhes invejava suas mães, que pareciam todas com a Sandra Bullock e usavam calças Pleiades quando vinham à sala de aula recrutar novos membros. Eu queria muito entrar, mas sabia que elas não estavam se referindo a mim quando perguntavam se alguém estava interessado em se tornar bandeirante.

Sim, certamente haveria um mundo de informações que eu teria à minha disposição se a minha infância não tivesse sido passada tomando conta da Carletta e me preocupando com o serviço social de Cutler, imaginando quando eles poderiam finalmente chegar para levar a mim e minha irmã, Starr, embora para sempre.

Suponho que as bandeirantes fossem saber exatamente o que fazer na minha situação, apesar de que nenhuma delas jamais teria tido oportunidade para estar ali, para começo de conversa – mães estilo Sandra Bullock não são do tipo que desaparecem depois de trocar o serviço de celular de sua filha por algumas pedras de metanfetamina. As ironias eram abundantes ali nos campos, mas resisti ao ímpeto de chafurdar em sua amargura enquanto me levantava e retornava à minha marcha.

O que eu deveria ter feito era andar direto para o rio, aí virar para o lado da correnteza. Era isso que as bandeirantes teriam me ensinado. Vá até o rio e isso a manterá no curso certo. Não dá para não ver um rio grandão. Mas, não, eu simplesmente saíra correndo para a escuridão e esperara saber para onde estava indo. Eu só dera um passo depois do outro e sentia vagamente que estava indo na direção certa. Suponho que eu tenha entrado em pânico.

Quando vi uma luz ao longe, por um momento fiquei preocupada que eu simplesmente tivesse traçado um círculo gigante de volta para a fazenda. Eu me aproximei com alguma cautela, mas aí vi a linha do rio atrás da cabana. Vi a inclinação distinta do telhado do Portis e ouvi a Wolfdog latindo para o vento.

Capítulo Três

Portis me recebeu como recebe todas as suas visitas – com a ponta do cano de seu rifle. Ele mirou através de uma fenda cortada na porta e exigiu que eu me identificasse.

– É a Percy! – falei. – Abra!

Mantive a Jenna perto de mim e me afastei da Wolfdog. Ela passara a latir para mim, mas eu estava mais magoada do que assustada. Eu conhecia Wolfdog desde que ela era um filhotinho e passara dias inteiros pescando no Three Fingers com ela e com Portis. Eu amava Wolfdog e sempre pensara que me amava de volta, mas ela estava inclinada para a frente, em suas patas dianteiras, e mostrando seus caninos como canivetes. Ela devia ser metade husky, mas parecia toda lobo naquele momento.

– Rápido – pedi. – Está gelado.

– Chegue para trás – disse Portis, e empurrou a porta para abri-la.

Ele saiu de camiseta, shorts de ginástica e botas. Ainda estava com o rifle levantado.

– Portis – falei. – Sou eu.

– Ora, merda – disse ele, e abaixou o cano.

Lá dentro, Portis me avaliou com seus olhos estreitos e penetrantes. Ele largou o rifle e verificou a tranca da porta. Olhou para Jenna e puxou sua barba áspera e grisalha. Wolfdog ainda estava latindo do lado de fora, e pulou para a janela e arranhou as unhas pelo vidro. Portis esticou a mão para uma garrafa de uísque em cima da mesa e deu um gole.

– Isso é uma porra de um bebê? – disse ele.

Ele estava com o gerador zumbindo. Havia luzes de Natal passadas pelas vigas do teto e uma de suas bandas dos anos 1970 estava tocando na rádio FM, cantando sobre noites solitárias.

– Isso é uma porra de um bebê, não é?

Jenna estava razoavelmente calma, e agora era eu quem estava chorando. Senti as lágrimas ardendo no alto das minhas bochechas frias. Era um bebê.

– É uma bebezinha – disse e funguei.

– É a sua bebezinha?

– O quê? Não!

– De quem é a porra do bebê?

– Eu não sei!

A minha voz falhou quando eu disse mais alto por irritação, ultrajada com a situação toda. Portis voltou para a porta e abriu a fresta. Espiou para fora enquanto Wolfdog latia e batia contra as janelas.

– O que há de errado com a Wolfdog?

– Ela não gosta de surpresas – disse ele.

– Ela normalmente é tão doce.

– Ela está com um pressentimento ruim.

– O que isso quer dizer?

– Ela está nervosa, droga! Está com uma sensação ruim em seus ossos de lobo, começou a latir há uns vinte minutos.

– Talvez seja a nevasca.

– É normal nevar no inverno – disse ele. – Eu provavelmente diria que você e o bebê são o evento digno de nota aqui. Agora, por favor, me diga de quem é esse bebê.

– Acabei de lhe dizer, eu não sei. De alguma garota.

– Alguma garota?

– Eu a encontrei.

– Na fazenda?

Mudei Jenna de braço e despi meu moletom. Fiquei perto do fogão a lenha de camiseta e calça jeans enquanto Jenna soltava um pequeno grasnido. Tentei acalmá-la, o que parecia preferível a lidar com Portis e sua agitação.

– Está fumando pedra agora, Percy?

– Não.

– Não minta para mim.

– Juro.

– Então foi parar na fazenda por nenhum motivo? Depois de todas as vezes em que eu a avisei sobre o que acontece lá?

– Gentry passou lá em casa – disse eu. – Ele viu mamãe quando foi até lá entregar um barril de cerveja.

– E o que você estava fazendo de papo com um cara como Gentry?

– Ele é meu amigo – respondi. – Ele me vende cigarros na loja.

– Você tem dezesseis anos, da última vez que eu verifiquei.

– Você me deu Marlboro vermelho quando eu tinha doze!

– Isso foi para impedir que você os roubasse.

– Qual é a diferença?

– Não tem importância – disse Portis, e fez um gesto com a mão. – Só fique longe desse Gentry. Ele é um homem de trinta anos e posso garantir que é do tipo que só faz um favor porque espera uma recompensa de volta. E você sabe de que tipo de recompensa eu estou falando.

– Ele tem vinte e três – eu disse. – E é gay.

– É gay nada – disse Portis. – Gay nem sempre é o que parece na superfície.

– Jesus Cristo – falei. – Você realmente é maluco.

– E pense – disse ele. – Você veio *me* procurar por ajuda.

À luz do fogo, mesmo com sua barba opulenta, eu podia ver os pontinhos brancos das cicatrizes que

cobriam o rosto do Portis como respingos de tinta. Podia ver a pálpebra esquerda e onde ficara colada na beira da cavidade ocular, deixando-o com o olho permanentemente franzido. Ele sobrevivera à sua temporada com a parada do Shelton, mas ficava só na bebida agora. Suponho que fosse um sofrimento mais lento, fracionado de forma mais sensata.

Ele deu mais um gole no uísque e eu expliquei os fatos antes que ele pudesse cair em cima de mim de novo. Contei que mamãe havia sumido e que seu Bonneville estava estacionado na frente da casa do Shelton, mas que ela não estava dentro. Eu entrara pela porta dos fundos e encontrara o bebê no andar de cima enquanto Shelton e a mãe estavam desmaiados na sala de estar. Descrevi o bercinho perto da janela aberta e como a neve estava entrando. Contei a ele que o Shelton e a mulher não haviam se movido um centímetro e que eu tinha certeza absoluta de que ninguém me vira.

– Você tem certeza disso? – perguntou ele.

– Absoluta. Ninguém viu nada.

Portis virou-se para a janela e franziu o cenho para os latidos de Wolfdog.

– Só um minuto – disse ele, e finalmente largou seu uísque.

Ele abriu a porta e eu senti o vento se infiltrar pelas tábuas do piso conforme ele saía para se agachar ao lado da Wolfdog. Ele acariciou o pescoço dela, abraçou-a com força, aí sussurrou algo em sua orelha e ela saiu correndo e sumiu.

Portis sabia que ela estava muito tensa. Wolfdog atacaria imediatamente se Shelton Potter aparecesse, e aquele homem não hesitaria um segundo em matá-la. Pensei no cachorro morto na fazenda e senti um arrepio deslizar de baixo para cima na minha espinha.

– Sinto muito – disse quando Portis voltou para dentro. – Eu a vi lá e não sabia mais o que fazer. E simplesmente a peguei.

– Bem – disse ele. – Você fez alguma coisa, eu acho.

– Ela parece bem. Levando-se em conta o que passou.

– Ela está melhor do que estava – disse ele. – Presa naquela casa com Shelton Potter.

– Pode segurá-la? – pedi. – Só por um minuto?

– Não vou segurar bebê nenhum – respondeu Portis.

– Os meus braços vão cair, Portis. Não posso simplesmente botá-la no chão.

– Não tenho habilidades na área de cuidados infantis – disse ele. – Não tenho ternura.

– Por favor.

– Bebês não gostam de mim.

– Todo mundo gosta de você.

Portis deu um gole em sua garrafa, enxugou os cantos da boca com a manga da camisa. Ele olhou para Jenna, aí desviou o olhar.

– É melhor você tirar essas roupas e botá-las perto do fogão a lenha – disse ele. – Tenho um cobertor com o qual pode se cobrir. Há algumas roupas de mulher por aí, eram de uma antiga conhecida minha.

– Você acha que ele vai vir procurar? – perguntei. – O Shelton?

– Ele vai vir procurar – respondeu ele.

Entreguei a Jenna para o Portis e ela urrou na hora.

– Droga – disse ele. – Eu avisei.

– Você está indo bem. Só segure-a.

– Ela é muito pequenininha.

– Acho que ela tem uns seis meses – disse eu.

– Ela está molhada.

– Nós vamos trocá-la e alimentá-la. Tenho leite em pó na bolsa, se você tiver um pouco de água mineral. Aí temos que levá-la para algum lugar quente e seguro. Achei que você podia nos levar de carro para o hospital.

– Eu tenho água – disse ele. – Mas não tenho caminhonete.

– O que aconteceu com a sua caminhonete?

– Nada – respondeu ele. – Está no alto da colina.

– A que distância? – perguntei.

– Longe o bastante.

– O que ela está fazendo no alto da colina?

– Está parada, eu espero.

– Por que a caminhonete está lá em cima e você está aqui embaixo?

– Há motivos – disse ele.

Por "motivos" Portis queria dizer que havia dirigido colina acima para verificar suas armadilhas, ficado bêbado demais e perambulado pela floresta até esquecer o que estava fazendo e voltar para a cabana.

– Onde está a sua caminhonete? – perguntou ele.

– Eu a deixei lá no alto da serra, logo atrás da casa do Shelton. Não dava para dirigir mais com a neve.

Peguei um cobertor na cadeira de balanço e mandei o Portis virar de costas. Eu não vinha vê-lo há meses e avaliei rapidamente a cabana. A soma total de seus móveis continuava sendo uma cama estreita, uma mesa de carteado e uma cadeira de balanço, todos os quais estavam dispostos para ficar de frente para o fogão a lenha. Havia prateleiras embutidas na parede atrás do fogão e estavam cheias de litros de uísque, comida enlatada e potes de carne-seca – o que eu acho que faziam daquilo a cozinha. Atrás dos móveis não havia nada além de caixotes de roupas e suprimentos, e uma janela que dava vista para os pinheiros.

– Carletta chamaria isso de planta aberta – disse.

– Não há planta nenhuma – disse Portis. – Rick Potter construiu essa cabana como uma cabana de caça. Ganhei a posse em um jogo de cartas pouco tempo depois de sua mãe e eu terminarmos. Mas, sim, para responder à sua pergunta, eu gosto dela aberta. É melhor para a energia circular.

Senti o ar quente arrepiar minha pele quando tirei a camiseta, então me enrolei no cobertor e fiquei perto do fogão a lenha. Eu estremeci e disse a mim mesma para ignorar o fedor azedo e suado do cobertor. Lembrei a mim mesma o quanto estivera com frio apenas momentos antes, lá fora na noite.

Portis balançava Jenna de leve nos braços. Ele bebeu do uísque e olhou para o bebê pelo canto do olho. Inflou as bochechas e fez um som de peido. Jenna cuspiu um pouco, aí chorou um pouco mais baixo.

– Por acaso você não tem um telefone, tem? – perguntei. – Celular ou outro?

– Não – disse ele. – Acho que não.

– Por que isso não me surpreende?

– Sei lá – disse ele. – Mas eu adoraria me sentar e discutir mais o assunto. Gostaria de chegar ao fundo dessa questão, que é de grande importância para mim.

– Ela se acalmou – disse.

– Ela ficou sem nada para dizer – disse ele.

– Ela gosta de você.

– Você não sabe de nada disso – replicou ele.

Eu levei Jenna e a mochila para a mesa de cartas. Portis tinha uma pequena pilha de pornôs ali, e é claro que eram do pior tipo de imundície. Portis era pão-duro até para comprar suas putarias. Dava para saber porque todas as capas tinham essas fotos minúsculas de modelos desoladas, como se não quisessem que você olhasse nenhuma delas com muita atenção.

Empurrei aquelas baixarias para fora da mesa e pude ver que Portis estava com vergonha delas pela rapidez com que ele as recolheu e as enfiou na prateleira ao lado da comida enlatada. Eu desdobrei o cobertor e botei a Jenna em cima da mesa enquanto Portis voltava para seu uísque e acendia um cigarro. Ele foi até a porta e espiou para fora.

– Vou buscar o seu caminhãozinho de brinquedo Tonka movido a arroz – disse ele.

– É um Nissan – falei.

– É um produto do Oriente – replicou ele. – Não importa como você o chame.

– Ahn – disse.

Tirei as roupas da Jenna com o máximo de cuidado que pude, mas não havia como parar seus gritos. Ela urrou, e por alguns momentos terríveis não fez nenhum som. Só ficou deitada ali com a boca escancarada, berrando silenciosamente até o ar ficar preso, e ela vomitou e gritou novamente.

– Minha nossa – disse Portis.

Havia marcas de urina e merda pelas pernas dela abaixo e revirou o meu estômago olhar para aquilo. Eu poderia não ter dentro de mim a vontade de atirar em Shelton Potter ou em qualquer outra pessoa, mas devia ter feito alguma coisa com a mãe. Ela fumou até ficar fora de si, aí ficou deitada ali como se fosse uma mancha no tapete enquanto seu bebê chorava no frio. O que eu devia ter feito era pegar a infeliz pelos cabelos e a arrastado eu mesma até a polícia.

Cuidei de Jenna com os lenços umedecidos, mas ela já estava coberta de assaduras. Seu traseiro estava cheio de feridas e havia brotoejas na linha da fralda que estavam vermelhas e sorando. Havia vergões debaixo de uma crosta de merda seca em suas costas e, quando olhei na luz, senti minha garganta ficar presa. Achei que ia chorar de novo.

– O que foi? – perguntou Portis.

– Pode vir aqui e olhar? – pedi. – Por favor.

Portis sugou o ar quando viu, e então eu peguei as pernas da Jenna para lhe mostrar a parte de trás.

– Jesus – disse ele.

– Você acha que está infeccionado?

– Não gosto desse soro saindo – disse ele. – Isso eu posso lhe dizer.

Ele estava com uma panela de água esquentando no fogão a lenha e jogou um pano de prato dentro, espremeu e trouxe de volta para mim na mesa. As bochechas da Jenna estavam molhadas de lágrimas e meleca, e eu botei a mão em sua barriga para segurá-la.

Ela urrou e chutou com as pernas enquanto eu limpava. Eu queria largar aquele pano e segurá-la nos braços, mas agarrei seus tornozelos e continuei. Ela esmurrou a mesa com os punhos, e quando ficou com o rosto roxo, Portis teve que sair.

Coloquei uma fralda limpa quando terminei, e aí peguei um macacão azul com pés na mochila. Ele estava limpo e seco e eu o abotoei rápido. Portis entrou de novo quando o choro havia acabado, leu as instruções do leite em pó e preparou uma mamadeira.

– Acho que ela está com fome – disse ele.

Eu me sentei à mesa com a Jenna e arrulhei para ela enquanto sacudia a mamadeira. Estava preocupada que ela não fosse confiar em mim depois daquela cena da fralda, mas ela agarrou o bico imediatamente e bebeu.

– Prontinho – murmurei.

Observei sua garganta subir e descer com as mamadas e fiquei preocupada com quanto tempo ela havia passado sem se alimentar.

– Vá em frente, então – disse Portis. – Coma tudo, pequena Jenna.

– Ela está com fome – disse eu. – Isso é certo.

Quando ela finalmente fez uma pausa para respirar, eu limpei um pouco do leite derramado de seu queixo, e pela primeira vez ela fez um som que não era choro – gorgolejando enquanto esticava a mão para mim e a roçava de leve no meu queixo.

– Você disse alguma coisa? Você está conversando, Jenna?

Jenna disse *pthththth*. Eu disse *pthththth* de volta, e aí um sorriso se abriu em seus lábios e eu vi as beiradas minúsculas e irregulares de dois dentes. Jenna disse *Ghuuuu*.

– Bem, *ghuuuu* para você também – disse Portis, e se inclinou por cima de nós duas.

– Ela é linda – falei.

– Geralmente – disse ele –, eu acho que a maioria dos bebês tendem mais a serem feios. A maioria parece com Winston Churchill, se você quer saber a verdade. Mas esta aqui é uma gracinha.

– Uma gracinha – repeti.

– Ela com certeza não é do Shelton – disse ele. – Isso eu posso lhe dizer agora mesmo.

Jenna quis outra mamadeira depois que terminou a primeira, mas eu imaginei que podia ser perigoso alimentar demais um bebê. Principalmente um tão faminto. Até onde eu sabia, Jenna estava quase morrendo de fome. Seu rosto e suas bochechas eram gorduchos e redondos, mas de resto ela era fina

como papel – com os mesmos cotovelos e joelhos ossudos e salientes de sua mãe.

Eu a abracei e a botei para arrotar, e em pouco tempo ela adormeceu, e Portis estava vestindo sua roupa e sapatos de neve. Ele despejou um pouco de uísque dentro de um frasco, aí bebeu do frasco e o encheu de novo. Ele ia buscar a minha caminhonete.

Ele puxou o cano de seu rifle e me disse para botar o rádio alto se aparecesse alguém.

– Deixe a porta trancada e deixe o rádio abafar o bebê. Quem quer que seja vai achar que eu estou desmaiado de bêbado, como sempre. – Ele apontou para outro rifle, pendurado em pregos na parede mais distante. – Se entrarem, é seu direito atirar sem fazer perguntas.

– Não vou atirar em ninguém com este bebê em meus braços – disse.

– Como quiser – disse ele. – Mas eu sempre achei isso melhor do que levar um tiro.

– Seja rápido – pedi, e me virei para olhar para Jenna.

Capítulo Quatro

Shelton Potter acordou no meio da noite, incomodado com o cheiro de cachorro morto. O Velho Bo falecera alguns dias antes, e quando Shelton se sentou no sofá ele logo acendeu um cigarro e inalou profundamente, esperando que a fumaça diluísse um pouco o fedor.

O Velho Bo morrera de causas naturais, pelo menos foi o que Shelton presumiu depois de ele tombar de lado e morrer sem fornecer muito como forma de explicação. Inicialmente, Shelton ficou arrasado demais para mover o corpo, mas agora ele queria ter feito isso. O cheiro chegara até o andar de baixo e ele estava com medo do que poderia encontrar no quarto. Shelton não gostava da ideia de carne de cachorro apodrecendo e vermes se contorcendo tanto quanto não gostava da ideia de o Velho Bo estar morto e desaparecido para sempre.

A casa da fazenda era fria e tinha correntes de ar, mas Shelton não se apressou para procurar uma camisa. Preferiu flexionar o braço e malhar um pouco seu tríceps. Ele vinha enrolando em seus exercícios desde a prisão, mas no geral Shelton estava satisfeito com a progressão de seu tríceps. Seu primeiro amor eram os bíceps, eles sempre teriam a chave de seu coração, mas isso não era desculpa para ignorar os tríceps inteiramente.

Ele se abaixou até o chão, esticou as pernas e plantou as mãos atrás de si, na beirada do sofá. Fez vinte extensões rápidas, só para bombear o sangue.

Enquanto isso, havia uma música dos Talking Heads no aparelho de som. Shelton não gostava dos Talking Heads, eles só estavam por acaso no CD *Hits dos anos 80* de seu tio Rick e era isso que Kayla gostava de ouvir enquanto eles ficavam chapados. A canção era duplamente irritante para Shelton agora, mas ele não sabia onde estava o controle remoto e o aparelho de som estava do outro lado da sala.

Temos uma vida louca, *louca*, cantava o homem.

Shelton terminou seus exercícios e sentou-se de novo no sofá. Derramou um pouco de cinzas na palma da mão e se preparou para a resolução de problemas, para resolver toda essa situação do Velho Bo.

O que ele queria fazer era convencer Kayla a lidar com o cadáver. Kayla tinha o coração mole, e se ele enfatizasse sua dor, se focasse no trauma que sofreria ao ver o Velho Bo em seu estado atual, então talvez conseguisse extrair solidariedade suficiente para fazê-la assumir a tarefa sinistra. Em retorno, ele se ofereceria para trocar as fraldas do bebê durante um dia inteiro, o que agradaria o lado mais astuto e racional dela.

Por falar no bebê, Shelton se lembrou de como a haviam posto para dormir no andar de cima antes de ficarem chapados. Kayla ficara preocupada com o fumo passivo. Ela perguntou se era a mesma coisa para metanfetamina do que era para cigarros, podia fazer mal só de você estar por perto? Shelton disse que fazia sentido que fizesse e eles fizeram a coisa responsável e levaram o bebê para o segundo andar.

Shelton sabia que devia ir olhar o bebê imediatamente, mesmo que significasse passar pelo Velho Bo. Era a coisa certa a fazer. Bebês precisavam ser checados, e a verdade era que Shelton meio que gostava da pirralhinha. Jenna era muito bonitinha e não dava muito trabalho.

É claro que o que Shelton realmente queria era que a Kayla acordasse e fosse ela mesma buscar o bebê. Ele podia fazer um fogo e Kayla podia trazer o bebê para baixo para Shelton segurar. Aí, ele e Jenna poderiam ficar sentados bem aconchegados no sofá enquanto Kayla se livrava do cadáver do Velho Bo. Depois, ela poderia fazer café e algumas panquecas para eles. Aí poderiam comer e partilhar algumas de suas lembranças mais queridas do Bo. Era pedir muito, mas era o sonho do Shelton, e por um momento ali no sofá ele ousou sonhá-lo.

Ele cutucou Kayla com o dedo do pé, mas ela estava apagada. Ele ficou de joelhos e verificou a respiração dela e sentiu-se reconfortado pelas respirações curtas e suaves que ela inalava pelo nariz. Shelton a beijou na testa e sussurrou que a amava. Era verdade.

– Agora, vamos cuidar desse bebê – disse ele, e se levantou.

Shelton andou até a base da escada, onde fez uma pausa para reunir coragem. Ele pegou uma camiseta suja do corrimão e a vestiu. Puxou o colarinho por cima do nariz e, apesar de a camiseta feder a suor e mijo quente, isso não era defesa contra a presença de morte podre. Seus olhos se encheram de água enquanto ele subia a escada, e ele teve ânsias quando passou pelo Velho Bo e correu para o final do corredor, onde haviam deixado a Jenna.

Às vezes, ele o chamava de quarto do bebê, só para ver como soava, e ficou grato pelo ar fresco que entrava pela janela quando finalmente empurrou a porta para abrir.

– Bom dia, flor do dia – disse ele, mas quando se virou para o bercinho, Jenna havia sumido.

Foi uma visão alarmante. Shelton já vira algumas coisas na vida, mas não conseguia se lembrar de nada tão horrível quanto aquele colchão vazio e lençol liso, bem onde deveria ter havido um bebê. Mas aonde Jenna poderia ter ido? Ele sabia que a haviam posto no bercinho porque se lembrava especificamente de abrir a janela. Haviam feito isso para que o cheiro do cachorro não a fizesse vomitar. Ele tinha certeza disso, porque se lembrava que ele e Kayla haviam debatido a decisão a fundo. Ela achava que o frio poderia ser ruim para o bebê, mas Shelton insistiu.

– Isso é ciência – dissera ele. – Há bactérias flutuando pelo ar, e o frio vai matá-las.

Ele não fazia ideia se isso era verdade ou não, mas meio que parecia que poderia ser. Kayla acabou cedendo à sua lógica e eles puseram Jenna no bercinho ao lado da janela aberta. Ele se lembrava de dizer que voltariam em um minuto, e então desceram para fumar umas pedras.

Shelton se sentou no chão e cruzou as pernas no estilo dos índios. Era o modo como se sentava quando precisava pensar. Ele se curvou para a frente e ficou puxando os pelos do tapete. Estava estupefato.

Quanto tempo ele ficara desmaiado? E será que o bebê de alguma forma havia saído do bercinho e engatinhado para algum lugar? Até onde Shelton sabia, o bebê não sabia engatinhar, mas suponha que tivesse aprendido enquanto eles estavam lá embaixo dormindo? Suponha que o bebê tivesse se jogado para fora do bercinho e então de repente tivesse descoberto como se mover? Suponha que tivesse saído

para dar uma volta? Não parecia provável, mas Shelton não podia ter certeza. Ele não sabia tanto assim sobre bebês.

Aí ele teve um pensamento terrível. Ele teve o pior tipo possível de pensamento e correu para a janela e olhou para baixo. Se havia se jogado para fora do bercinho, então as chances eram meio a meio que tivesse saído para fora da janela e despencado direto para o chão. E, se tivesse despencado direto para o chão, teria sido enterrado há muito tempo pela neve que caía. Ele olhou para a nevasca, sentiu o frio morder os nós de seus dedos no beiral da janela.

– Jesus, não – disse.

Ele correu para fora apenas de meias, pegou uma pá na varanda e começou a trabalhar na pilha de neve debaixo da janela. Ele cavava, e a cada enfiada chegava mais perto de entender o horror que sentiria se retirasse o bebê daquela pilha de neve com sua pá.

Shelton cavou até chegar ao chão, mas não havia nenhum bebê congelado na neve. Ele caiu de joelhos e olhou para a janela aberta. Foi inundado de alívio e poderia ter chorado de felicidade, só que o bebê ainda estava sumido e ele não fazia ideia de onde estava. Deixou a pá na neve e entrou.

Por um instante, pensou em ligar para o tio Rick. Rick estava de férias na Flórida e pedira para não ser incomodado, mas esta podia ser uma situação que ele gostaria de avaliar. Bebês desaparecidos podiam ser um problema para todos os envolvidos, mas, por outro lado, Rick deixara Shelton no comando. Suas únicas instruções tinham sido não fazer nenhuma merda, e agora que ele fizera, não parecia ser do seu interesse reportá-la diretamente.

Shelton precisava de alguma coisa para fumar, mas não havia mais metanfetamina na casa porque ele fizera a última e fumara com a Kayla. Kayla pesava uns quarenta quilos, mas a garota fumava muita pedra.

Parecia que Shelton sempre ficava sem metanfetamina no pior momento possível. Ele precisava desesperadamente se concentrar, e começou a entrar em pânico diante da perspectiva de tentar fazer isso enquanto estava sóbrio, mas então lembrou-se do tanque de óxido nitroso que havia guardado no armário no caso de uma emergência.

Bem, se isso não era uma emergência, então Shelton não sabia o que era. E talvez uma cheiradinha de óxido fosse uma mudança perfeita de ritmo. Havia mais na vida do que metanfetamina e, na verdade, provavelmente faria bem a ele largar um pouco o cachimbo, para não começar a mostrar sinais de comportamento de viciado.

Ele trouxe o tanque para fora e o pôs de pé no chão da sala de estar. Tinha um pacote de balões de festa para usar junto e pescou um vermelho primeiro. Girou o bocal do tanque e saboreou seu chiado satisfatório conforme o gás era expelido.

A beleza do óxido era que ele não aparecia em um exame de urina padrão. Pelo menos Shelton achava que não apareceria. Obviamente a metanfetamina estaria lá, bem à vista, junto com a maconha e o álcool e a cocaína, mas que bem fazia ficar pensando nessas coisas? Seu oficial de condicional podia ligar para ele a qualquer momento e fazê-lo dirigir até o tribunal para mijar. Era simplesmente o jeito que o sistema legal funcionava, desorganizado e totalmente impossível de prever. Não era algo que você

podia deixar que se intrometesse no seu estilo de vida.

Ele sugou o primeiro balão e prendeu o gás por um tempinho antes de soltar. Aí encheu outro balão. Engoliu o segundo e se recostou no sofá e sentiu sua cabeça fazer *uá-uá-uá*.

Era bom relaxar de vez em quando, pensou Shelton. Uma boa cheirada de óxido era como ter alguém esfregando seu cérebro com uma escova, e ele seria condenado se o mundo não brilhasse por um momento ali no sofá.

Ele cheirou mais um balão e então foi para a cozinha e se serviu de um pouco de vodca, mas só para realçar o gás. Ele não ia ficar bêbado, não em um momento como esse. Só o que Shelton precisava era se aquecer mais um pouco.

Ele pegou o General Winthrop, o gato maine coon, e prometeu a si mesmo que, quando o general morresse, ele não deixaria seu corpo para apodrecer em um quarto no andar de cima. Fez um carinho no gato e tomou sua bebida.

– Você e eu, Winthrop – disse ele. – Vamos andar por este mundo juntos.

O general soltou um suspiro e Shelton acariciou sua juba.

– Bom garoto – disse ele.

Shelton havia começado a pensar que alguém entrara na fazenda e roubara Jenna do bercinho enquanto ele e Kayla estavam deitados dormindo. Uma invasão como essa era ousada e corajosa, era meio maluca, mas podia ser a única explicação lógica para o desaparecimento do bebê. Ou era isso ou o bebê criara asas e voara para longe.

O que Shelton precisava fazer, e ele ficou envergonhado por não ter pensado nisso de cara, era oferecer uma recompensa pelo retorno da Jenna sã e salva. Não importa que ele não tivesse dinheiro. Podia resolver isso depois, com a ajuda do tio Rick.

Seu tio tinha meia dúzia de patifes à sua disposição. Delinquentes profissionais e idiotas em geral que vendiam bagulho e pó desde o ensino médio. Desses fracassados indolentes, Krebs era o mais confiável e o primeiro para quem Shelton telefonou.

– Nós temos uma situação – disse ele.

– Quem é “nós”? – disse Krebs. – Tem alguém com você?

– Há um bebê desaparecido – disse ele. – E ele precisa ser encontrado. Imediatamente, tenente.

– Que bebê? – perguntou Krebs.

– É um amigo da família.

– De quem é?

– Bem, isso não importa agora, não é? – disse Shelton. – Há um bebê desaparecido e eu preciso procurar por essas colinas e encontrá-lo. É o que o Rick também quer.

– O que aconteceu com ele?

– Foi levado.

– Por quem?

– Nós não sabemos.

– Onde devemos procurar?

– Pegue o seu trenó – disse ele. – Dirija para cima e para baixo da estrada Grain e aí vá para oeste. Se não a encontrar, retorne e faça de novo. É o que eu vou fazer.

– Sinto que não há muita informação para prosseguir aqui – disse Krebs.

– Talvez não – disse Shelton. – Mas é o que temos.

– Eu me sentiria melhor se ligássemos para o Rick.

– Acabei de falar com o tio Rick. Ele não quer mais ser incomodado com isso. O tio Rick disse que há cinco mil dólares para quem quer que encontre o bebê.

– Ele ofereceu recompensa?

– Cinco mil. Em dinheiro.

– Caralho – disse Krebs.

– É o que estou dizendo – disse Shelton.

– Você sabe se é um menino ou uma menina?

– É uma menina.

– Como ela é?

– Ela tem cachos pretos bonitinhos – disse Shelton. – Olhos esverdeados. Não tenho muita certeza. No geral, ela só tem cara de bebê.

– Está bem, então – disse Krebs. – Ainda não fui dormir, de qualquer maneira.

– Ótimo – disse Shelton. – Vá em frente e saia agora. Não espere amanhecer.

– Pode deixar – disse Krebs.

Shelton desligou e ficou imaginando se fora um pouco longe demais com o dinheiro da recompensa. Rick era rico, mas isso era porque não gostava de gastar dinheiro. Seu tio ia ficar furioso, mas Shelton supôs que resolveria essa questão quando chegasse a hora. O importante agora era encontrar a Jenna.

Kayla se remexeu na sala de estar, e ocorreu a Shelton que a última coisa de que ele precisava era que ela acordasse e percebesse que a Jenna havia sumido. Ele não podia lidar com sua histeria, não podia arriscar que ela entrasse em pânico e ligasse para a polícia.

Ele pegou um Valium do vidro que ela carregava na bolsa e se agachou ao lado dela. Ergueu sua cabeça com cuidado do chão e sussurrou que estava tudo bem enquanto enfiava o comprimido dentro de sua boca delicada e seca. Ela balbuciou alguma coisa por cima do Valium e ele a abraçou apertado e lhe disse para voltar a dormir.

– Está tudo bem – disse ele, e abriu a boca de Kayla para ela engolir o comprimido com alguns goles de vodca.

Ela tossiu quando engoliu. Cuspiu um pouco da Gordon’s, mas o comprimido desceu. Ela se recostou nele e ele beijou sua testa e disse que a amava. Foi uma troca terna. Um momento lindo, ele pensou, se você olhasse da maneira certa.

Ele a deitou devagar no chão de novo e saiu sem dar um pio. Ela nunca pedia travesseiro, mas Shelton pegou um do sofá e o enfiou embaixo dela de qualquer modo.

– Boa noite, mingau – disse ele. – Boa noite, colher.

Shelton cheirou outro balão e depois mais um. Ele não cheirava pelo sabor, mas havia uma ponta de

doçura no gás se você tirasse um tempinho para saborear. Shelton estalou os lábios e cheirou mais um. E aí mais um pouco. Ele não via razão para contar, mas logo havia uma pilha de cascas brilhantes de balões aos seus pés. Ele cheirou mais um e aí foi até o armário para pegar sua roupa de trenó de neve. Ela era preta, com uma faixa de corrida vermelha no lado esquerdo, e ficava gostosa e apertada nele. Ele acreditava que a roupa acentuava seu tórax de uma forma muito sutil, mas poderosa, e havia comprado o capacete e as botas combinando. Então cheirou um balão para cada bota e aí mais um para o capacete. *Uá-uá-uá*.

Ele deu uma olhada em si mesmo no espelho quando estava vestido e quis não ter apagado Kayla tão cedo. Queria que sua garota pudesse tê-lo visto em seus trajes esportivos de inverno. Shelton era uma bela visão, e ele não negaria isso em nome da falsa humildade.

Uma roupa de trenó de neve era como um smoking para a ralé, e Kayla teria ficado vermelha se tivesse visto como ele podia ficar lindo quando se esforçava. Eram seus peitorais, sim, mas e aquele visor preto? Shelton se sentia como um maldito mistério com aquele visor, o tipo de mistério de que uma mulher gosta em um homem.

Mas, apesar de toda a glória da roupa e da intriga do visor, o capacete em si era a verdadeira joia. A bela do baile, como dizem. O capacete era aerodinâmico, e seu formato moderno escondia, ou talvez redistribuísse, o tamanho anormal de sua cabeça. Shelton tinha uma cabeça grande, com aparência de inchada, ao que ele era sensível porque achava que o fazia parecer retardado.

Ele tinha uma dificuldade de aprendizagem, isso era verdade, mas estava muito longe de ser retardado, e Shelton odiava que sua cabeça pudesse sugerir outra coisa. Quando criança, não paravam de implicar com ele por causa de sua cabeça. No ensino fundamental o chamavam de Cabeça de Balde e Shel-tardado. E apesar de cada nome ter seus próprios méritos cruéis, seus colegas de turma consolidaram suas zombarias quando Shelton deixou crescer um bigode no sexto ano e todo mundo começou a chamá-lo de Cabeça de Gorila Retardado.

Shelton nunca brigou de volta, apesar de ter uma vantagem considerável de tamanho. Na verdade, normalmente era ele quem ria mais alto às suas próprias custas. Às vezes saía pulando e fazia barulhos de macaco, coçava os sovacos e batia no peito. Ele não podia evitar, Shelton queria tanto que todo mundo gostasse dele.

Se alguém tivesse conversado com Shelton sobre a sua infância, ele poderia ter-lhes dito que nunca havia escapado totalmente do eco dessas provocações no pátio da escola. Que ele as levava consigo aonde quer que fosse, e as ouvia com mais clareza quando se olhava no espelho e via aquele seu cabeção. Mas ninguém nunca conversava com o Shelton sobre muita coisa, que dirá sobre sua infância. Talvez fosse por isso que ele quase matara John Jameson, seu companheiro de copo, quando ele se inclinou na direção do Shelton no bar e disse: “Passe aquela cerveja para mim, Cabeção.”

O passado doloroso do Shelton estava tanto tempo atrás agora, mas de outras formas parecia que ainda estava acontecendo. Ainda assim, aquelas vozes ficavam em silêncio quando ele punha seu capacete. Shelton estava bonito e pensou que talvez devesse subir e tirar uma foto de si mesmo no espelho, de corpo inteiro, e depois mandar para Kayla para quando ela acordasse.

A questão era que ele teria que passar pelo Velho Bo de novo. Teria que sentir o cheiro dele e se lembrar de que estava morto e lidar com toda aquela gama de emoções incômodas, e ele simplesmente não tinha forças para fazer isso. Não agora. Não quando havia tanta coisa para ser feita.

Shelton estava pronto para ir, mas por que raios aquela música dos Talking Heads ainda estava tocando? E onde estava a porcaria do controle remoto? Shelton olhou na mesinha de centro e então deu tapinhas nos bolsos da sua roupa de neve, o que não fazia nenhum sentido lógico. Ele acabara de vestir a roupa de neve e o CD estivera tocando o tempo inteiro, então obviamente o controle remoto não estaria ali. Verificou os bolsos novamente, porém, só para garantir.

Em seguida foi à cozinha e afugentou o General Winthrop de cima da mesa. O controle remoto não estava na pilha de pratos e copos sujos, e ele olhou para o gato e ficou imaginando se o animal poderia ter fugido com ele.

– E aí? – disse ele. – Você roubou o meu controle remoto, General?

O gato exalou e se acomodou enroscado no chão. Ficou lambendo uma de suas patas da frente.

– Não – disse Shelton. – Você pode não ser grande coisa, General Winthrop, mas não é um ladrão.

Shelton abriu a geladeira e a fechou. Chutou o barril de cerveja e ele estava vazio. Andou na cozinha de um lado para outro e aí voltou para a sala de estar. Bombeou mais um pouco de gás do tanque, tirou uma folga para um balão.

Vasculhou a mesa de centro de novo, pegou as almofadas do sofá e as jogou no chão. Olhou nos vincos do sofá e então debaixo da poltrona La-Z-Boy. Ele olhou na prateleira em cima da lareira e andou de volta até a mesa de centro. Pegou uma tigela velha de cereal emborcada, mas não havia nada debaixo dela.

– Droga – disse.

Ele pegou as almofadas do sofá do chão e as botou de volta no sofá. Ficou de joelhos e se arrastou pelo tapete. Passou os dedos pela pelúcia e tateou pelo frio do plástico.

Cheirou outro balão, e então foi ao banheiro e olhou dentro da privada. Voltou para a cozinha e olhou no alto da geladeira, e então dentro da máquina de lavar pratos. Chutou o barril de cerveja com um pouco mais de força dessa vez e ele ainda estava vazio. Abriu e fechou a porta da despensa e então entrou na sala de estar.

A ironia era que, com toda a energia que acabara de gastar, ele poderia ter ido até lá e desligado a porcaria com a mão, poderia ter feito isso cem vezes. Shelton percebeu isso e se sentiu um idiota, sentiu por um momento como se ainda fosse o Cabeça de Gorila Retardado, pulando pelo pátio do colégio e agindo como um macaco.

Então, olhou para Kayla e achou que poderia perturbar seu sono ao desligar os Talking Heads, de qualquer modo, e por que ele se importava, se estava prestes a ligar o trenó e ir encontrar Jenna? Então acabou que todo o negócio do controle remoto foi uma perda de tempo. Shelton disse a si mesmo para não ficar remoendo isso e inflou mais um balão para si.

Shelton tinha uns baseados apertados e escondidos em sua gaveta secreta na cozinha, que era onde também guardava sua Glock com a mira chique de laser. Pegou a arma e algumas morras para o

caminho, então soprou um beijo de despedida para Kayla. Abaixou o visor e saiu para dentro da tempestade. Se não tivesse certeza de que não era, ele poderia ter pensado que era um herói.

Capítulo Cinco

Meus pés ficaram frios sentada ali na cabana, esperando. Pensei que seria bom tirar as meias, para esquentá-las durante um tempinho perto do fogão, mas não queria me mexer e me arriscar a acordar o bebê. Ela precisava de seu descanso e eu precisava do silêncio. Eu não gostava da ideia de Jenna gritando enquanto Portis não estava e Shelton Potter estava lá fora espreitando na noite. Eu me senti com sorte por Jenna estar calma e não estava disposta a arriscar nem um estremecimento se isso pudesse acordá-la.

Posso não parecer do tipo feminino, maternal, mas sempre fui boa com bebês. Eu tinha reputação na cidade de ser uma moleca, que é como eles a chamam em Cutler quando você não usa maquiagem, mas também não é lésbica.

Minha irmã, Starr, tinha um filhinho em Portland e nós já éramos unha e carne. Tanner só tinha seis meses de idade e eu ainda não o conhecera pessoalmente, mas eu ia à biblioteca todos os sábados para podermos falar pelo Skype, e eu juro que aquele bebê não parava de sorrir depois que botava os olhos em mim. Starr vivia dizendo que pagaria a minha passagem de avião se eu fosse visitá-la, mas eu não tinha coragem de dizer a ela que não podia – que mamãe tivera outra recaída e não podia ser deixada sozinha.

Starr e seu marido, Bobby, estavam morando no oeste há cerca de oito meses e estavam começando a se instalar. O tio do Bobby era um empreiteiro importante por lá, e enchera o Bobby de trabalho desde que haviam aterrissado. Eles deram entrada em uma casa, com alguma ajuda do tio do Bobby, e a última coisa que eu queria era preocupar Starr com o que estava acontecendo aqui em Cutler.

Mamãe estava sóbria quando a Starr foi embora, e eu não vi nenhum motivo para lhe dizer algo diferente. Starr queria que eu fosse com ela, que fosse morar com ela e com o Bobby, mas eu lhe disse que poderíamos muito bem servir um drinque para Carletta se nós duas fôssemos embora e a deixássemos ao mesmo tempo. Disse que tínhamos que dar para a mamãe uma chance real de conseguir dessa vez, e ela finalmente parou quando eu jurei de pés juntos que ligaria no segundo em que a mamãe derrapasse.

Eu nunca liguei, porém. Starr preferia não falar com a mamãe diretamente, então sempre que ela perguntava eu lhe dizia que a Carletta estava ótima, e inventava alguma mentira sobre como ela ainda estava trabalhando como garçonete e indo a reuniões.

Não sei se a Starr acreditava em mim, mas acho que ela não queria me acusar abertamente de mentir. Não quando ela estava em Portland com um bebê pequeno e não podia fazer nada a respeito, de qualquer modo.

O problema maior era a escola. Eu não assistia às aulas desde outubro, quando passei a trabalhar em tempo integral na loja de móveis para que eu e mamãe pudéssemos sobreviver. Essa era a única coisa que a Starr não iria tolerar. Eu havia largado oficialmente o ensino médio e, se minha irmã descobrisse, ela ia

botar a boca no mundo e provavelmente pedir minha custódia. Ou isso ou me dopar e me mandar para Portland dentro de uma caixa de madeira.

Eu estava pensando na Starr e em como ela estava indo bem, em como eu sentia falta dela, quando me toquei quem era a garota na fazenda: Kayla Hawthorne. Ela fora da sala da Starr durante todo o colégio e um desastre total desde o começo. Não a reconheci de cara porque ela parecia ter cem anos de idade, mas a verdade era que ela não podia ter mais de vinte e dois. Kayla Hawthorne fora para a cadeia e já tinha um filho de dois anos no condado de Porcupine, que ela perdera para o estado.

Olhei para Jenna e percebi o quanto estava feliz por tê-la comigo. Se não tinha certeza disso antes, eu tinha agora. Ela estava fora daquela fazenda e segura nos meus braços, e isso não era pouca coisa.

Fiquei ouvindo o rangido das tábuas do piso debaixo da cadeira de balanço e me perdi na respiração lenta e regular dela. Observei o subir e descer de seu peito e segui alguns ramos de veias que corriam por seu pescoço abaixo. Fiquei ouvindo a lenha estalar e me concentrei no lindo bebê nos meus braços.

Em algum momento eu me desliguei e devo ter dormido profundamente, porque esqueci onde estava quando Portis finalmente entrou como um furacão pela porta, todo zangado e ensopado de uísque. Eu me sentei sobressaltada e encontrei Jenna chorando nos meus braços.

– Você estacionou o carro em uma porra de uma encosta – disse ele. – A neve se acumulou lá e compactou. Está até os para-lamas, sem falar que você está a um metro e meio da trilha, para começar.

– O quê? – perguntei.

– Você está presa – disse ele. – Aquela caminhonete não vai a lugar nenhum.

– Achei que tinha parado a tempo – disse eu. – Não pensei que tivesse ido longe demais.

– Estava errada.

– Não podemos cavar?

– Nós não vamos cavar nada – disse ele.

– Sinto muito – disse.

– Não sinta – disse ele. – Não temos tempo para isso. Mas quantas vezes eu já lhe disse para não estacionar em uma encosta na porra da neve?

– Sei lá – disse. – Acho que você nunca me disse isso.

– Isso não é verdade – disse ele.

Portis despiu sua roupa de neve e me disse para botar um pouco de carne-seca em sua mochila. Pediu para eu pegar duas garrafas de uísque e botar isso também.

– Aonde vamos?

– Pegue a garrafa de água limpa – disse ele. – E leve isso para a mamadeira dela.

– Portis – disse eu. – Me diga aonde estamos indo!

– Ande logo e faça a mala – disse ele.

Portis cortou fora o capuz de sua roupa de neve com um canivete de caça enquanto eu largava Jenna e enchia a mochila. Meu moletom de capuz e minha camiseta estavam quase secos no fogão a lenha, e depois que eu os havia vestido Portis me jogou um suéter de moletom.

– É grande – disse ele. – Mas está limpo.

Era largo e cinza. Dizia RESTAURE O RUGIDO acima de um capacete desbotado do Detroit Lions. Parecia que essa era a roupa de mulher que o Portis prometera, e eu vesti o suéter por cima do moletom de capuz e me retraí um pouco com o cheiro azedo de fumaça de cigarro.

Portis havia cortado dois buracos em seu capuz e os unido com uma corda. Ele disse para eu ir até ele com o bebê, me entregou o capuz e disse para acomodá-la dentro dele. Passou a corda por cima da minha cabeça, aí a ajeitou nos meus ombros. Quando eu disse que o ajuste estava bom, ele amarrou. Olhei para Jenna, aninhada e segura ali dentro. Ela não estava mais chorando.

– Esse é o seu canguru – disse ele.

A beirada do capuz era forrada de pele e fazia uma boa borda e mantinha Jenna apertada no meu tronco. Suas pernas estavam balançando um pouco para fora, mas Portis as enfiou em uma meia de lã e disse que eu podia protegê-la dentro do suéter de moletom também.

Jenna gorgolejou.

– Ela deve ficar mais quente dentro disso – disse ele. – É mais fácil de carregar.

– Portis – disse. – Por favor, me diga aonde estamos indo.

– Para a minha caminhonete – disse ele. – E aí para o hospital, para conseguir ajuda para esse bebê.

– Por que estamos levando toda essa merda?

– Porque vamos fazer o caminho mais longo.

– Por que temos que fazer isso?

– Eu explico enquanto andamos – disse ele. – Sendo o caminho mais longo, vamos ter bastante tempo.

Ele me entregou uma lanterna e enfiou algumas pilhas extras na mochila.

– A tempestade deu uma acalmada – disse ele. – Podemos fazer a viagem em um tempo decente se sairmos agora.

– Sinto muito – disse. – Por arrastá-lo para dentro disso.

– Não sinta – disse ele. – Você não está me arrastando para nada. Fez certo quando pegou esse bebê e fez certo quando veio até mim. Em geral, você sempre fez o certo. Qualquer erro que você tenha cometido já foi cancelado há muito tempo.

– Não sei disso – disse eu.

– Eu sei – disse ele. – Certo e garantido. E, de qualquer maneira, isso não importa, é meu trabalho ajudá-la.

– É? – perguntei. – Por quê?

– Porque sim – respondeu ele. – Nós quase fomos parentes.

Andamos dentro da escuridão e da noite. Eu não estava nada feliz em estar de novo no frio, mas pelo menos o Portis estava certo a respeito da tempestade. A neve havia parado e o vento estava quieto ao longo do rio.

Portis vestira de novo a roupa de neve e estava usando um gorro de lã onde o capuz estivera. Havia

uma pá de jardinagem presa ao seu cinto e uma faca embainhada ao lado. Ele carregava uma lanterna em uma das mãos e uma garrafa de uísque na outra. Seu rifle estava preso à mochila com corda.

Eu estava com a Jenna no canguru e sua mochila estava passada pelos meus ombros. Portis guiava e eu seguia a trilha que seus sapatos de neve entalhavam pela ribanceira. Mantive minha própria lanterna apontada direto para a frente e andei.

O longo caminho até a caminhonete significava que tínhamos que andar para o sul, até a passarela, e atravessar o rio para entrar na metade leste das colinas. Portis disse que não se podia entrar naquela mata sem ser a pé e que era perigoso demais ficar onde estávamos, a oeste do rio, ou tentar sair pela estrada principal. Portis suspeitava que o Shelton e seus rapazes estariam pela trilha toda em breve, presumindo-se que alguém se importava o suficiente para perceber que a Jenna havia sumido.

Depois que tivéssemos atravessado a ponte, íamos caminhar para nordeste, colina acima, na direção do lago Trout. Portis mantinha uma cabana de pesca lá no inverno e disse que íamos precisar de um pouco de descanso e calor antes de fazermos o esforço final. Sua caminhonete estava estacionada em Scutter's Point, uma clareira onde os lados leste e oeste se juntavam brevemente acima do rio. Eu estivera certa sobre Portis ter estado lá para verificar algumas armadilhas, apesar de que ele jamais admitiria a bebedeira que eu tinha certeza que o havia separado de seu velho Ford Ranger, para começo de conversa.

Portis calculou que já passava das duas da manhã, e que teríamos sorte em chegar ao hospital com o bebê na hora do café da manhã.

– É minha esperança fervorosa de que vamos resolver essa situação antes da galera do almoço chegar ao Elias Brothers – disse ele. – Se eu estiver em um daqueles reservados de vinil elegantes comendo uma omelete rústica às dez da manhã, vou considerar essa nossa escapadinha um sucesso.

Na pressa, eu esquecera de pedir meias de lã ao Portis. Eu sabia que um de nós provavelmente devia voltar para pegar um par, mas me senti uma idiota por tê-las esquecido e não queria diminuir nossa velocidade.

Não havia como saber o que o Shelton poderia fazer se nos alcançasse. As pessoas diziam que ele podia ser doce, quase dócil, mas aí seu temperamento se incendiava e a merda ficava séria.

Ele cumprira seu ano por quase matar John Jameson no Paradise Junction. Eles estavam bebendo no bar quando Jameson disse alguma coisa que fez o Shelton perder a cabeça. Ninguém sabia o que Jameson havia dito, mas vinte minutos depois ele estava em uma maca, e o Shelton estava no banco de trás de uma patrulha, algemado.

Jameson passou dois dias em condições críticas, e no silêncio profundo do meu coração eu tive esperanças de que ele morresse. De verdade, nunca esperei algo com tanta força em toda a minha vida. Fiquei com vergonha de mim mesma, mas não podia evitar. Aquela esperança era tão profunda e verdadeira que eu não conseguia sufocá-la – nem mesmo com o meu horror por ter dado vida a ela.

Se Jameson morresse, e ele também não era nenhum cidadão modelo, Shelton seria preso, e talvez para o resto da vida. Eles parariam de vender tanta pedra nas colinas do norte e Carletta teria uma chance. Sempre haveria drogas por aí, mas eu não acreditava ser coincidência que os piores episódios da

mamãe de alguma forma sempre incluíam o Shelton.

No final, Jameson sobreviveu. Crianças morrem de câncer todos os dias, e ainda assim o perverso Jameson teve permissão para ir em frente com suas bebedeiras alcoólatras e perseguição a meninas menores de idade. Eu costumava usar esse fato para afastar os cristãos fervorosos da escola, que ocasionalmente ficavam tão desesperados para obter almas que decidiam baixar o nível e vinham tentando pescar a minha.

Shelton cumpriu um ano, e quase quinze meses depois – andando no frio com a Jenna agasalhada nos meus braços – eu ainda desejava que John Jameson tivesse morrido. Eu desejava isso mais do que nunca.

– Não sei onde ela poderia estar – disse eu. – A mamãe.

– É melhor você não pensar nisso de jeito nenhum.

– O carro dela estava lá na fazenda.

– Bem – disse Portis –, ela nunca foi de ficar no mesmo lugar.

– Não paro de pensar que ela morreu congelada, enterrada aqui fora em uma pilha de neve.

– Ela não está congelada em lugar nenhum – disse ele. – A sua mãe só está chapada em algum lugar. Como sempre.

Botei minha luz no rio e podia ver a água baixa se movendo rápido entre os pedaços congelados. Eu podia ver os grandes troncos dos pinheiros à nossa volta e os espaços abertos onde as trilhas de trenós de neve cortavam, e estava claro por que o Portis queria que atravessássemos. Ia ser uma marcha longa e difícil, mas precisávamos nos esconder.

Ele estava certo a respeito do rio e provavelmente estava certo a respeito da mamãe. Ela tinha um talento para sobreviver a coisas às quais não devia, mas, mais do que isso, eu sabia que teria sentido de alguma maneira se ela estivesse morta. Eu me acostumei a chamá-la de Carletta por causa da Starr, mas ainda a chamava de mamãe também. Nós éramos unidas assim, por sangue e por osso, pelo espírito, e eu teria sentido no momento em que ela se afastasse de mim. Teria me feito cair de joelhos.

Jenna estava dormindo e observei a bruma fina que subia de sua respiração. Eu estava feliz por ela estar descansando, mas não gostava da forma como seus membros ficavam pendurados naquele suporte. Pensei em como ela parecia tão magrinha de fralda.

– Ela está magricela demais – falei.

– Bebês devem ser gordos – disse Portis. – Quanto mais gordos melhor.

– Ela está desnutrida.

– E isso é uma vergonha – disse Portis. – Acho que eu poderia matar alguém, deixar um bebê sozinho assim.

– Nem quero pensar nisso.

– A ironia – disse ele – é que aconteceu igualzinho com você.

– Acho que não.

– Você não acha?

– Nunca fui deixada em uma boca de metanfetamina, Portis. Não assim.

– Não se prenda muito aos detalhes – disse ele.

– Detalhes? – falei. – Ou fatos?

– Não é a criança que tem que estar procurando a mãe – disse ele. – É para ser o contrário.

Eu comecei a ficar tensa, mas lutei contra o ímpeto de responder. Portis nunca ia mudar de opinião sobre a Carletta e havia pouco proveito em discutir mais o assunto com ele. Além disso, ele nunca vira mamãe sóbria, e não fazia ideia de como ela podia ser boa quando estava limpa.

Naquele verão mesmo ela ficara cinco semanas seguidas sem consumir nada, e eu nunca a vi com uma aparência tão boa. Havia cor em suas bochechas e seu cabelo engrossou e se curvou nos cachos que eu me lembrava de escovar quando era criança. Eu queria que o Portis pudesse tê-la visto, catando florzinhas no montinho de erva daninha na nossa entrada e enfiando-as atrás das orelhas.

Ela fazia o café da manhã todos os dias e eu me sentava à mesa e tomava o meu café enquanto ficávamos de bobeira naquele tempo ocioso antes de nós duas termos que sair para o trabalho. Mamãe é da Carolina do Sul e estava sempre falando sobre o mar.

– Nunca pensei que iria sentir falta de qualquer coisa do sul – disse ela um dia. – Mas eu sinto falta do mar.

– Você gosta mais do mar do que dos lagos?

– Um lago não é nada para o mar – disse ela, e botou umas fatias de bacon em cima de uma toalha de papel. – Um lago pode parecer grande da costa, principalmente se você não conhece o resto, mas fique na beira do oceano e vai ver a diferença. Vai sentir também.

– Sentir como?

– É difícil descrever. Mas meio que faz com que você se sinta vazia e totalmente preenchida ao mesmo tempo. E depois que você deixa o mar, ele meio que fica se revirando dentro de você. Como um eco. Eu não volto há quinze anos e ainda posso vê-lo tão claro quanto qualquer outra coisa. Posso ver os píeres se esticando e as tempestades vindo negras acima da água.

– Eu não ia gostar do sal.

– Você ia gostar do mar da mesma forma natural com que gosta de tudo, Percy. Sem falar que o mar está no seu sangue. No seu e no da Starr.

– Eu gostaria de ir, algum dia – disse eu. – Para a Carolina do Sul.

– Nós vamos – disse Carletta. – Minha prima Veronica ainda tem uma casa lá. É bem na frente da praia também.

No fundo, no fundo, nunca acreditei que realmente iríamos à Carolina do Sul, mas era bom o bastante ficar sentada ali por alguns minutos e pensar que poderíamos ir. Ver mamãe sorrir enquanto jogava alguns ovos na gordura do bacon e trabalhava neles com a espátula.

Eu teria gostado de ficar bem ali naquela lembrança o máximo de tempo que pudesse, até termos atravessado o rio, pelo menos, mas meus dedos estavam ardendo dentro das botas e estava ficando difícil de ignorar. Havia pontadas de dor e já estava claro que não ter voltado para buscar as meias fora um erro terrível. Comecei a imaginar quanto tempo levava para a úlcera por congelamento iniciar, ou se já havia se iniciado. Eu já sentira frio antes, mas isso era diferente.

Mudei o peso do corpo para tentar ativar alguma circulação, apesar de tomar cuidado para não

chamar a atenção do Portis. Eu me senti idiota, mas também tinha medo de que ele me fizesse tirar a meia da Jenna e colocá-la em mim mesma se descobrisse que eu estava sentindo dor.

Era melhor continuar andando. Melhor continuar focada em chegar àquela ponte. O Portis andava adiante, com os ombros curvados para a frente, e eu soprei um pouco de ar quente na direção da Jenna e esperei que ajudasse a diminuir um pouco o frio. Eu esperava que fosse melhor do que não fazer nada.

Houve uma abertura nas nuvens e por algum tempo tivemos a sorte de ter um pouco de luar no qual caminhar. Eu podia ver o quanto o Three Fingers realmente era largo, talvez seis metros para o lado oposto de onde ficavam os pinheiros como uma parede que continha a floresta fechada. O rio soava como um tarol onde ele corria, e quando a água rompia a margem, ela espirrava alto e perfurava a neve recém-caída.

Portis havia aumentado o ritmo e eu acelerei para ficar logo atrás dele. Estava prestes a perguntar a ele sobre a ponte, sobre quanto ainda estava longe, quando uma luz passou pelo meio das árvores atrás de nós e eu ouvi o gemido alto de um trenó de neve.

Portis se jogou de joelhos e eu o imitei. Aí a luz se afastou e a floresta ficou escura. O zumbido retrocedeu e por um momento tudo ficou imóvel e silencioso na floresta. Portis olhou para mim.

– Vamos correr, se ele voltar – disse ele. – E se chegar ao ponto de eu ter que parar para lidar com o Shelton, continue correndo.

– O que você quer dizer com lidar?

– Não interessa – disse ele.

– Eu vou ficar com você. Não vou correr se você não for correr.

– Diabos – disse ele. – Você vai fazer o que eu mandar.

A luz voltou inteiramente, e o brilho era amplo e claro e encheu a floresta de sombras. Eu não sabia quem podia ser além do Shelton, e ele estava mais barulhento e mais perto agora. Portis me disse para desligar a minha lanterna, e eu me levantei quando ele se levantou e corri rápido atrás dele pelo rio abaixo.

Havia um murro nos meus pés a cada passada, como um martelo caindo, mas eu não diminuí o ritmo e corri sentindo dor o melhor que pude. A luz varreu de um lado para outro atrás de nós, mas eu não sabia dizer se tínhamos sido vistos.

Portis virou bruscamente para a esquerda quando chegamos à ponte, e eu podia ver que ela ficava mais ou menos uns dois metros acima do rio e se estendia longa e reta através da escuridão.

Eu o segui para cima da madeira empenada e dei uma olhada infeliz para a direita, onde o corrimão havia despencado e a neve afinava em uma lâmina lisa de gelo. Se eu escorregasse seria uma queda direta dentro da água gelada, e não queria pensar sobre o que aconteceria se eu afundasse e fosse pega pela correnteza.

Jenna estava chorando muito dentro do canguru e eu a apertei junto ao peito e corri com os olhos abaixados. Observei cada passo aterrissar e não ergui os olhos para me localizar ou olhar por cima do ombro para ver se o Shelton havia chegado mais perto. Juro que ninguém nunca havia corrido mais reto, e apesar de você poder me dar o crédito de ter algum triunfo de equilíbrio, na verdade eu só estava com

muito medo de cair.

Estava tão concentrada no que havia debaixo de mim que demorei a perceber quando o Portis gritou, quando uma das tábuas quebrou embaixo dele e ele caiu até o joelho. Não vi que ele havia caído até estar bem em cima dele, e eu teria caído de ponta-cabeça se ele não tivesse esticado os braços para agarrar minha cintura e me puxar.

Escorreguei um pouco na neve, mas quando fiquei firme ele me largou e me disse para correr. Fiquei em pé por um momento e o observei lutando para soltar a perna.

– Vá! – gritou ele. – Atravesse a porra dessa ponte.

Eu vi as luzes do Shelton cortando pela floresta, e quando estiquei o braço para o Portis, ele bateu na minha mão para afastá-la e me disse para ir.

Eu não queria deixá-lo ali, mas deixei. Corri para o outro lado e aí caí dentro da neve de joelhos. Eu estava bufando, mas tentei acalmar a Jenna entre uma respiração e outra.

– Portis! – gritei.

– Continue andando, Percy – disse ele.

– Para onde? – perguntei. – Só tem árvores.

– Só ande além da ponte mais um pouco. Me espere lá.

– Posso voltar e tentar puxá-lo.

– Merda – disse ele. – Essa porra dessa ponte toda parece que está prestes a cair.

– O que aconteceu?

– O que você acha que aconteceu? Eu pisei em um buraco.

– Você está dentro d’água?

– Não – respondeu ele. – Meu pé está pendurado.

A luz ficara mais suave e mais distante do outro lado do rio. Fiquei quieta por alguns instantes e escutei até não poder mais ouvir o trenó de jeito nenhum.

– Acho que o Shelton foi embora.

– Pode ser – disse Portis. – Pelo menos por enquanto.

– O que você vai fazer?

– Vou ficar aqui – disse Portis. – E virar uma dessas peças de instalações de arte humana. O que você acha que eu vou fazer?

– Estou falando sério.

– Ótimo – disse ele. – Que bom que está falando sério, porque eu estou só de sacanagem. Só estou aqui pela diversão.

Jenna havia diminuído um pouco seu choro e eu olhei para ela e lhe disse que ia ficar tudo bem.

– Está tudo bem, Docinho – disse eu.

Portis grunhiu algo horrível então, grunhiu alto e longamente e aí gritou conforme a madeira da ponte estalava. Fiquei sentada segurando a Jenna e olhando a floresta acima do rio.

– Portis – disse eu. – Conseguiu sair?

Ele não respondeu, mas eu podia ouvir suas botas batendo e, quando finalmente se juntou a mim do

outro lado, ele estava dando goles profundos em sua garrafa de uísque.

– Você está bem? – perguntei.

– Comparado a quê? – disse ele.

– Sei lá – falei. – Com o seu ser de sempre.

– Comparado ao meu ser de sempre, estou ótimo. Apesar de estar menos bêbado do que preferiria.

Portis havia rasgado a perna esquerda do seu traje de neve. Mirei a lanterna nele e havia um talho bem sangrento que corria de cima a baixo em sua coxa.

– Jesus Cristo! – exclamei. – Isso pode precisar de pontos.

– Está tudo bem – disse ele.

– Você precisa descansar?

– Você pode descansar – disse ele. – Mas eu vou continuar andando.

– Tem certeza?

– Eu gostaria de pôr alguma distância entre nós e o que está do outro lado da ponte – disse Portis. – Creio que vou me sentir melhor quando estivermos relaxando no calor da minha cabana.

– A que distância fica?

– Alguns cliques.

– O que é um clique?

– É difícil de explicar.

– Precisamos dar uma parada em breve – disse eu. – Não nos faça andar o caminho todo até a cabana se for muito longe.

– Bem – disse ele –, acho que fui avisado.

– Estou falando sério, Portis.

– Isso foi estabelecido na ponte – respondeu ele.

Portis se virou e continuou andando e eu fiquei animada pela grosseria dele, o que era normal de sua personalidade e me acalmou um pouco em relação à sua perna. Também fiquei feliz em ver que ele não a estava protegendo muito visivelmente enquanto o seguia para o que parecia ser uma trilha de caminhada.

A caminhada era muito mais difícil na mata fechada, e toda ela era em aclive. Mal havia espaço para cuspir, que dirá passar de trenó, e isso estava bem para mim. Seguimos os feixes curtos de nossas lanternas e eu me senti um pouco mais segura com cada passo que dávamos para longe do Three Fingers.

Andei e estava feliz por estar com o Portis e por ter voltado para a velha maneira tranquila que sempre tivemos juntos. Eu não o via desde o verão, mas no que dizia respeito a mim e ao Portis, era sempre como se não tivesse passado tempo algum. Quando era criança, eu tivera esperanças de que as partes boas do Portis superassem as ruins, e acreditava, todos esses anos depois, que elas tinham.

Eu tinha sete anos no ano em que moramos juntos e ainda podia ver aquele Portis claramente, aquele com a barba aparada e as mechas de cabelo preto saindo pelos lados de seu boné de beisebol.

Ele se mudou para o apartamentinho que tínhamos na rua Petoskey, e depois da escola eu e a Starr íamos para casa para encontrá-lo esparramado no sofá com seus Viceroys e a televisão. Ele adorava

Welcome Back, Kotter, e quando não estava nos atualizando sobre as trapalhadas do Barbarino ou reencenando uma das frases de efeito do Horshack, ele usava os intervalos comerciais para nos regalar com histórias do verão que passou no México. *Mex-ee-co*, ele chamava.

Tinha havido um monte de namorados, especialmente naquela época, antes de a mamãe realmente se transformar. Eu mal conseguia distinguir um homem do outro, a não ser por Portis, que era engraçado e inofensivo e estava sempre passando os dedos por seu bigode farto.

Carletta não contou porra nenhuma sobre nosso próprio pai para mim e Starr. Só que era o mesmo pai e que ele nos deixou na mão quando eu ainda estava no útero. Carletta achava que ele havia se mudado de volta para o Colorado, onde dizia que ele provavelmente continuava sem se importar com nada, a não ser consigo mesmo.

Starr dizia que tínhamos que considerar tudo o que a Carletta dizia com muita cautela. Starr dizia que havíamos nascido com cinco anos de diferença, e como poderíamos ter o mesmo pai se a Carletta nunca ficava com ninguém, além do Portis, por mais do que alguns meses? E será que mamãe achava que a Starr não se lembraria de um pai que havia ficado por cinco anos antes de fugir subitamente para o Colorado?

Tenho certeza de que a Starr tinha razão, e qual era a importância disso, de qualquer modo? Se alguém era o meu pai, era o Portis, e ele só durou um ano antes da noite em que a mamãe o botou para fora. Não consigo me lembrar sobre o que eles brigaram e tenho certeza de que não importa, mas me lembro de ficar olhando para a chuva depois que ele foi embora – formando gotículas nas janelas e caindo rápido através da luz amarela dos postes da rua.

Eu marquei o momento como o início da decadência da mamãe, apesar da Starr dizer que seu significado existia principalmente na minha cabeça. Minha irmã dizia que eu só me lembrava daquela noite porque era muito jovem e porque gostávamos bastante do Portis. Dizia também que a mamãe havia entrado em decadência bem antes de ele ir embora.

– Se é que algum dia ela não esteve em decadência, para começo de conversa – dizia ela.

Eu gostava de estar com o Portis, mas isso sempre vinha com uma pontada de mágoa quando eu pensava em tudo o que poderíamos ter tido, tudo o que poderíamos ter sido se apenas ele e a mamãe tivessem vivido vidas diferentes e encontrado uma forma de ficar juntos apesar de tudo.

O lado leste do rio parecia muito mais seguro, mas estávamos andando devagar. A neve ficara mais funda entre as árvores e eu tive que usar os pinheiros para me equilibrar e andar de um tronco para outro. Estava começando a perder o tato nos meus dedos dos pés e, no meio da dormência, havia pontadas de ardência e absoluta queimação. A dor vinha em ondas, e quando vinha uma muito forte, eu tinha que me segurar para não gritar. Descobri que se botasse o peso nos calcanhares melhorava um pouco, mas isso fazia com que andar fosse muito mais difícil.

Não havia mais nenhuma luz da lua. O céu em si pode ter continuado iluminado, mas não havia como saber através do dossel alto. Eu estava me sentindo prestes a desabar e fiquei feliz ao ver Portis

finalmente largar sua mochila e se apoiar em uma árvore. Parei ao lado dele e nós dois ficamos ali, ofegando.

– Droga – disse ele. – Essa é uma descida difícil.

– É como andar em melaço – disse eu.

– É – respondeu ele. – Só que é frio pra cacete.

Portis tirou a tampa de seu uísque e tomou um gole. Ele deu mais um e então me ofereceu a garrafa.

– Quer um golinho? – perguntou. – Para se esquentar?

– Não – respondi. – Eu estou legal.

– Boa garota – disse ele, e tomou mais um.

Jenna chorou um pouco e fiquei imaginando se devia tirá-la. Eu sabia que ela queria ser pega, que provavelmente estava com fome, mas achei que podia ser melhor mantê-la fechadinha dentro do canguru. Que qualquer calor que tivesse se acumulado devia ser mantido.

Os olhos dela ficavam muito enrugados nos cantos quando ela chorava. As pontas de seu cabelo negro estavam cobertas de neve, e as névoas minúsculas que sua respiração formava no frio me dilaceravam com sua pequenez. Eu conhecia aquele bebê há não mais do que algumas horas e ela já partira meu coração uma meia dúzia de vezes.

– Ela parece estar aguentando bem – disse Portis.

– É impressionante – disse eu.

– Vamos alimentá-la na cabana – disse ele.

– Quanto mais?

– Não muito – respondeu ele. – Vamos chegar lá antes que a tempestade comece de novo.

– O quê?

– Essa tempestade está prestes a ficar mais forte – disse ele.

– Não está nem nevando.

– Bem – disse Portis –, está prestes a nevar.

– Acho que a tempestade passou, Portis – disse. – Não vi um floco de neve desde a cabana.

– A tempestade está longe de acabar – disse ele.

– Como você sabe?

– Não importa – respondeu ele, estendendo as mãos enluvadas. – Vamos. Deixe-me carregar o bebê um pouco.

– Não sei se consigo carregar a sua mochila – disse. – Provavelmente pesa mais do que ela.

– Não disse que você tinha que carregar mochila nenhuma.

– Estou bem com ela, Portis. Sério.

– Não vou deixá-la cair – disse ele. – Ande logo e faça isso enquanto ela ainda está agitada, assim só vamos ter que acalmá-la uma vez.

– E quanto à sua perna?

– O que tem ela? – perguntou ele, deixando as mãos estendidas ali entre nós.

Eu estava cansada demais para continuar brigando com ele. Além disso, meus ombros estavam

pegando fogo e eu estava desesperada para ter uma folga daquele canguru. Eu o tirei e entreguei a Jenna.

O cabelo do Portis caiu para a frente de sua testa, e enquanto pegava Jenna mais perto, ele empurrou os fios para trás para não incomodá-la. Ele passou as alças por cima de seu ombro direito e balançou o canguru para cima e o carregou como uma bola de futebol. A corda era pequena demais para fazer uma alça até o outro lado, mas Portis mal pareceu registrar o peso enquanto cruzava o braço esquerdo debaixo do direito e andava.

Jenna ficou mais agitada no começo, mas seus gritos logo se estabilizaram e então pararam de vez. Ela adormeceu nos braços do Portis, e eu senti os músculos no meu ombro e nas minhas costas relaxarem e se transformarem em geleia.

– Portis – disse eu. – Posso lhe perguntar uma coisa?

– Pode – disse ele. – Mas só porque acho que não posso impedi-la.

– Algum dia você pensou em pedir a mamãe em casamento? Quando vocês dois estavam juntos?

– Bem – disse ele. – Isso foi inesperado.

– É uma coisa que eu sempre fiquei imaginando.

– Eu pensei nisso – disse ele. – Claro.

– Quanto?

– Quem sabe? – disse ele. – Muito, eu acho.

– Então por que não pediu?

– Nenhum motivo, na verdade.

– Tem que ter havido algum motivo.

– Não havia.

– Você a amava?

– Amava.

– Ela era bonita, não era?

– Era a mulher mais linda que eu já tinha visto. E não vi outra como ela desde então.

Portis, apesar de ser propenso à hipérbole e a ficções absolutas, estava falando exatamente a verdade sobre a beleza da mamãe. Tenho uma foto da Carletta quando ela tinha a minha idade, do lado de fora da casa do pai dela, usando um vestido de verão. Ela está em um campo e há flores silvestres espalhadas pela grama alta – as chicórias e as prímulas florescendo enquanto ela está parada ali, parecendo que acabou de sair de um set de filmagem de Hollywood.

Mamãe já está no norte há anos, mas ela é do sul e ainda fala como se fosse de lá. Ela costumava dizer que eu era sua filha rebelde porque falo como ela, enquanto Starr fala como os nortistas. Nunca considerei a minha fala parecida com nada, mas podia ouvir a diferença entre a mamãe e a Starr.

De qualquer modo, ela dividiu sua beleza igualmente entre nós. Starr ficou com os seios e o cabelo louro, enquanto eu fiquei com os olhos azuis e a altura. O outro lado dessa moeda é o meu peito de pombo e cabelo preto, enquanto Starr foi amaldiçoada com pernas atarracadas. Se a mamãe era um dez e nós duas saímos um seis, então fica bem claro que o nosso pai, ou pais, quem quer que tenham sido, contribuíram com pouca coisa de valor no quesito beleza. O que foi exatamente o que eles contribuíram

no resto dos quesitos.

– Então, por que você não pediu? – perguntei. – Para ela se casar com você?

– Eu lhe disse a verdade – respondeu ele. – Quando disse que não houve motivo.

– Isso não faz o menor sentido.

– Posso ter pensado que havia um motivo na época. Mas, se não consigo me lembrar dele agora, não devia ser um motivo muito bom, não é?

Portis havia parado de andar.

– Aqui está – disse.

Eu não conseguia ver a cabana no escuro, mas podia dizer que havíamos chegado à beira do lago Trout – podia sentir o ar livre e a ausência dos pinheiros.

– A cabana fica lá? – perguntei.

– Fica – disse ele.

– É segura?

– Você já pescou comigo nessa cabana antes. Não me lembro de ninguém caindo dentro d'água.

– Estou falando do Shelton – disse eu. – Ele não vai voltar aqui para procurar?

– O preguiçoso do Shelton? – disse Portis. – Não. Acho que não vai sair andando para procurar a gente no lago. Disso eu tenho quase certeza.

– Ter certeza seria melhor – disse eu.

– É melhor não começar a pensar no que seria melhor – respondeu ele. – Foi assim que aprendi.

Capítulo Seis

Shelton dirigiu seu Polaris 500 do rio Three Fingers até a margem no extremo leste das colinas do norte e vasculhou cada canto de cada trilha no caminho. Ele tinha vinte e cinco anos de idade e vinha dirigindo trenós quase a vida inteira, mas ainda sentia aquele mesmo entusiasmo infantil com o trenó ligado e rugindo embaixo dele.

Uma coisa era certa: eles haviam precisado da neve. Shelton estivera decepcionado com as corridas de trenós até agora nessa temporada, mas aí veio a tempestade e o inverno havia renascido no dilúvio. Sim, havia um bebê para encontrar, mas também havia neve fresca e o vasto emaranhado de trilhas nas colinas para explorar. Shelton não estava dizendo que isso compensava o desaparecimento da Jenna, só que as coisas não estavam todas ruins se você soubesse como olhar para elas.

Sua mente estava cristalina no ar frio e ele não conseguia se lembrar da última vez em que vira condições tão boas para andar de trenó, certamente antes de Ionia e do inverno inteiro que perdera na penitenciária. Ele se movia livremente por entre os choupos e bétulas, dirigia pelas trilhas largas com tudo elétrico e totalmente branco sob os faróis altos.

Shelton dirigiu e acabou deixando sua mente se esquecer de Jenna. Ele se esqueceu da Kayla inconsciente na casa e do Velho Bo estar morto. Shelton dirigiu até se esquecer de si mesmo.

Ele levantava lindos borrifos brancos de neve e ziguezagueava por entre as árvores. Ele se levantava nas retas para esticar as costas e aí sentava-se de novo e acelerava ainda mais. E cantava pedaços dos hinos do rock'n'roll de sua juventude, os clássicos com os quais o tio Rick o havia criado antes de todo aquele negócio dos Talking Heads. Zeppelin. AC/DC. Humble Pie. Shelton não fazia isso conscientemente, nem mesmo percebia que estava acontecendo. Ele simplesmente batia em um desnivelzinho ou fazia uma curva fechada e gritava: "Trinta dias no buraco!"

Shelton dirigiu e dirigiu e dirigiu. Dirigiu até a noite retroceder acima das colinas do norte e escorrer devagar, até ele poder ver uma elevação ao longe onde as estrelas pálidas eram como uma dispersão de pedras de rio e a manhã nascia acima dos pinheiros com um tom azulado.

Shelton acreditava que era a coisa mais bonita que já tinha visto, aquela beirada de sol frio, aquele estranho arco de luz, e acelerou o trenó e pensou que poderia dirigir direto para o topo das colinas e se lançar. Ele queria ver se podia tocar o sol, nem que só por um momento, e acreditava que poderia ter tocado se o trenó não tivesse travado e então engasgado até parar no meio da trilha.

– Puta merda – disse.

Ele deu a partida no trenó e o motor ligou, mas ele nunca mais voltou à mesma velocidade e, quando falhou de novo, foi de vez.

– Droga.

Ele limpou o gelo do medidor de gasolina e lá estava o ponteiro naquele vermelho brilhante, letra

maiúscula E. Saltou do trenó e olhou em volta. Estivera passeando para sudeste, na direção da autoestrada, e estava muito longe da fazenda.

Não podia acreditar que não havia checado o combustível. Era uma porra de um idiota e havia fracassado com a Kayla e com a pequena Jenna, sem falar no Velho Bo lá em cima, naquele quarto escuro e frio. Shelton podia ter chorado, de repente ele se sentia tão deprimido.

Queria ter imaginado um jeito de trazer aquele tanque de óxido nítrico com ele. Queria poder consumir um balão de festa aqui na floresta sozinho, ou pelo menos uma garrafinha de meio litro para mamar em toda a sua tristeza.

Tirou o capacete e o jogou na neve. Limpou um pouco de meleca de seu nariz e sentiu o frio morder as pontas de suas orelhas. Gritou por socorro, mas não houve resposta. Também gritou pela Kayla e, quando ela não respondeu, gritou que a amava e que sentia muito.

Ele entendia que a onda estava passando agora. Passando com força. Desabando, desabando, desabando. Sentiu a escuridão descer, sentiu a vileza esvaziada e o pavor. Seu coração subitamente estava em pedaços e seus nervos estavam quentes como fios desencapados. O problema com as drogas é que não duram para sempre. Elas lhe davam as asas para voar e aí subir e dominar o céu. *Mayday*, *mayday*, pensou Shelton. Falcão Negro foi abatido.

Ele arrancou as luvas, jogou-as no capacete e abriu o zíper da frente de sua roupa. Respirou fundo algumas vezes e então deslizou a mão para seu cinto e puxou a Glock. O laser acendia sozinho quando a arma era pega para atirar, o que sempre divertia Shelton. Era uma linha vermelha bonitinha, e brilhante contra a neve, mas nesse caso puramente ornamental; ele não ia precisar dela depois que botasse o cano na têmpora.

Uma coisa a respeito daquele seu cabeção: alvo fácil. Uma puxada no gatilho e estava feito. Ele não teria que se preocupar em voltar para a fazenda ou em como ia ter que explicar à Kayla que a Jenna fora levada enquanto eles dormiam.

Shelton ajeitou sua pegada na coronha, sentiu a borracha macia e imaginou, será que ia doer? Ele achou que poderia, mesmo que fosse por apenas uma fração de fração de segundo. Meio que esperava que doesse, apesar de não saber dizer exatamente por quê.

Imaginou se havia um céu e se ele, de alguma forma, conseguisse entrar, o Velho Bo viria correndo para recebê-lo com uma bola para brincar de pegar?

Shelton duvidava que houvesse um céu, porém, e mesmo que houvesse, ele provavelmente não entraria. E mesmo que entrasse, digamos, por um erro administrativo, por que o Velho Bo viria correndo querendo brincar?

Ele não viria. Não depois do Shelton tê-lo deixado lá para apodrecer naquele caixão miserável de quarto. Então seria isso. Shelton estaria morto e sofrendo uma eternidade de solidão pior do que conhecera na Terra.

De repente, não parecia ser uma escolha muito boa. Não com a Kayla em casa e toda a promessa que seu amor ainda poderia trazer se ele pelo menos pudesse levar seu bebê de volta.

Então, Shelton se lembrou que tinha alguns baseados enfiados nos bolsos da calça e isso mais ou

menos encerrou o assunto. Acabou que ele não ia dar um tiro na cabeça, afinal de contas. O que Shelton ia fazer era fumar um cigarro de maconha e andar até a autoestrada para ver se não conseguia uma carona. Ele estava longe demais da casa da fazenda para marchar de volta através da floresta, a maior parte subindo, ainda por cima.

Chamar o Krebs e os rapazes para ajudar simplesmente estava fora de questão. Os caras já não respeitavam Shelton do jeito que era, e ele só podia imaginar o que diriam se descobrissem sobre o trenó e como ele ficara sem gasolina. Shelton devia estar no comando, mas em seu breve mandato ele já conseguira perder um bebê e ficar sem recursos na floresta.

Não deveria haver nada para estar no comando, para começo de conversa. Todo mundo comprava do Rick e vendia a seu próprio critério, não havia realmente uma organização, mas seu tio o amava e queria lhe dar um voto de confiança, e então disse aos rapazes que ele estaria falando através de seu sobrinho enquanto estivesse fora. Que se o Shelton dissesse que precisava de alguma coisa, eles deveriam tratar como se tivesse vindo diretamente do Rick.

Shelton havia acabado de sair da cadeia e fizera o certo em relação a seu tio quando entregou um concorrente para pegar uma pena mais leve. Agora que ele havia saído e estava tentando tomar seu rumo no mundo, Rick estava recompensando sua lealdade, mesmo que não gostasse ou tivesse lucro com o produto de preferência de seu sobrinho.

Shelton fumou seu baseado durante algum tempo na neve. Ele estava no meio de uma abertura nas árvores e inclinou a cabeça para trás para ver um pouco do céu acima. As nuvens estavam baixas e vindo rápido, e Shelton jurou que estava testemunhando o exato momento em que a tempestade voltou, como se o vento norte tivesse esperado para ter certeza de que ele estava olhando antes de apagar a aurora e sua nesga valente de luz.

Então veio a neve. E o vento. De algum modo, parecia pessoal.

Shelton colocou seu capacete de novo e partiu para a autoestrada. Ele devia ter ido mais para o sul na trilha do que havia percebido, porque não levou muito tempo até chegar à estrada. O vento soprava com mais força a céu aberto e a neve era chicoteada do chão até ele não poder distingui-la da que estava caindo. Havia uma vantagem no clima ruim, porém: Shelton achava que seria mais provável que as pessoas lhe dessem carona se não pudessem enxergar através da nevasca e ver que era ele.

Shelton nunca vira uma tempestade assim. Ele vira Lester Hoffstead segui-la a semana inteira e, apesar de o homem do tempo parecer totalmente melodramático, no mínimo Shelton acreditava que ele havia menosprezado a ira da fúria e seu poder devastador.

Ela desceu do Canadá através do lago Superior e atingiu a península Superior primeiro. Munising e as falésias de arenito. Depois foi para o interior e branqueou os campos de feno e os pinheiros e abetos de bálsamo, as grandes florestas esmeralda, a espinha sempre verde da vasta e magnânima península do Michigan. Foi um pouco retardada pelas árvores, mas forçou caminho até o lago Michigan de qualquer maneira, até Mishigami, a grande água, onde recobrou suas forças nas profundezas frias e negras, e finalmente atingiu Cutler com toda a sua ira.

Sim, Lester Hoffstead fizera um desserviço a todos eles. Lester Hoffstead deveria ter feito tudo em

seu poder para botar seus espectadores em um frenesi de pânico. Devia ter plantado uma bananeira e sacudido os braços como uma galinha, lido um capítulo do Apocalipse enquanto a câmera fazia uma tomada panorâmica por seu radar Doppler.

Por falar na Bíblia, Shelton havia começado a se sentir como Jonas, preso na barriga da baleia. Era como se a tempestade o tivesse engolido inteiro, principalmente agora que estava além das árvores na autoestrada, onde tudo era plano e se dobrava dentro do cinza violento e rodopiante.

Ele odiava a tempestade, mas também a respeitava, enquanto virava de costas para o vento e estendia o polegar. E, milagre dos milagres, a primeira caminhonete que ele viu parou para pegá-lo.

Era Zeke Turner em sua F-150. Shelton sabia porque quem mais além de Zeke tinha uma caminhonete pintada tão vivamente de roxo, que brilhava no meio da tempestade como um ovo de Páscoa gigante? Shelton correu para a porta do lado do carona e Zeke destravou as portas e fez um gesto para ele entrar.

– Entre, cara – disse ele. – Está frio como cu de foca aí fora.

Shelton tremeu enquanto subia na cabine, e Zeke virou as entradas de ar quente na direção dele.

– Valeu – disse Shelton, e tirou seu capacete.

Zeke Turner sempre fora um cara legal. Não negaria uma carona ao Shelton mesmo se ele tivesse passado dez anos na cadeia. Shelton o considerava um amigo, ou o mais perto disso possível.

– Achei que era você – disse Zeke. – Não dava para saber exatamente através da neve, mas aí eu disse, quem pode estar aqui fora nas colinas além daquele grande filho da puta do Shelton Potter?

– Eu pensei a mesma coisa – disse Shelton. – E soube de cara que era você, porque quem mais tem uma caminhonete que parece um grande ovo de Páscoa gay?

– Merda – disse Zeke. – Se você encontrar um ovo de Páscoa que não seja gay, me avise. Eu diria que gay e ovo de Páscoa andam juntos.

– O que nos leva à pergunta – disse Shelton.

– O roxo é para chamar a sua atenção para o que está escrito nos painéis laterais. ZEKE TURNER ENTRETENIMENTO.

– Está bem – disse Shelton. – Bem, na verdade isso faz algum sentido.

Shelton se lembrou então que Zeke era cantor. Ou pelo menos estava tentando ser. Na maior parte do tempo, ele trabalhava na fábrica de plásticos, mas tinha sonhos próprios, o que também explicava por que estava usando uma camisa de caubói preta com debruns brancos e espirais de lantejoulas bordadas no colarinho. Ele usava calças pretas combinando e botas de couro de cobra. Estava com uma peruca preta lisa com franjas, que parecia uma tigela invertida em sua cabeça.

– Não está usando casaco? – perguntou Shelton.

– Não posso amassar a camisa.

– Então tem um show?

– Rock’n’roll – disse Zeke.

– Onde?

– Lá no Sault.

– Mesmo nessa tempestade?

– As máquinas caça-níqueis ficam dentro – respondeu Zeke. – Vou tocar durante o bufê do brunch.

– Você parece o Elvis – disse Shelton. – Mas eu sei que não é.

– Roy Orbison.

– Isso mesmo – disse Shelton. – Desculpe.

Zeke dispensou-o com um gesto.

– Eu ouço isso o tempo todo – disse ele.

Eles dirigiram dentro dos redemoinhos de neve e do céu, que baixara recentemente. Não havia outro carro na estrada.

– Não estava nevando – disse Shelton. – E aí, bum!

– Eu vi dois flocos caírem inocentes, e aí a porra toda desabou – disse Zeke. – Parece o planeta Hoth aqui fora.

– Bem, eu agradeço por você ter parado – disse Shelton. – E tenho um baseadinho pelo seu inconveniente, se estiver interessado.

– Eu diria que estou profundamente interessado – respondeu Zeke.

Shelton acendeu o baseado e o passou para Zeke primeiro. Zeke deu um tapa e o passou de volta. Eles fumaram o beque em silêncio, deliberadamente. Shelton olhou para Zeke e tentou decidir se ele estava usando maquiagem. Achou que podia estar. E pensou que era estranho para um homem usar maquiagem, mas supôs que as coisas fossem diferentes na indústria do entretenimento. Pinçou a bagana e a largou em cima do console.

– Para depois do show – disse.

– Você é maneiro, Potter – disse Zeke. – Eu nunca disse nada diferente.

– Esse é um bagulho bem bom – disse Shelton. – É decente, pelo menos.

– Vou abrir a janela um tiquinho – disse Zeke. – Mas só porque não consigo diferenciar a fumaça da neve.

– Se não se incomoda – disse Shelton –, eu preciso de uma carona para casa.

– Claro – respondeu Zeke. – O que aconteceu para você estar andando nessa porcaria, por falar nisso?

– Meu trenó ficou sem gasolina.

– Que droga – disse Zeke.

Shelton deu de ombros.

– Sabe, você pode ir ao cassino, se quiser – disse Zeke. – Às vezes tem umas mulheres para pegar. Divorciadas, na maioria. Se não, eu conheço algumas das garçonetes. Podemos arrumar um quarto e ver se não podemos passar o dia. As pessoas lá gostam de se divertir. Conheci um casal uma vez e o marido queria que eu comesse a esposa dele. Foi uma situação tipo Robert Redford.

– Robert Redford?

– Daquele filme. No qual ele quer comer a mulher do Woody Harrelson. Só que isso foi o contrário, porque esse cara queria que eu comesse a mulher dele. Ele ia assistir e pediu que eu continuasse de

peruca e não houve dinheiro envolvido. Não foi uma proposta paga.

– Você comeu?

– De jeito nenhum.

– Esquisito demais?

– Esquisito demais – respondeu Zeke. – Mas também porque a esposa era feia.

– Se não fosse, você teria comido?

– Não posso dizer que não teria.

– É – disse Shelton. – Esse provavelmente é o fator decisivo.

– Então, o que você me diz? Quer vir comigo e ver se podemos fazer alguma merda?

– Parece bom – disse Shelton. – Mas tenho umas coisas para fazer em casa.

– É – disse Zeke. – Eu sei como é.

– Como vai a sua patroa?

– A June? – perguntou Zeke. – Mais malvada do que nunca. Acho que ela está dando para outra pessoa. Está sempre on-line martelando no teclado, aí quando entro no quarto ela fecha o monitor. Acha que eu não percebo.

– Que droga.

– Ela vem e vai. Passo dias inteiros sem vê-la.

– Ela vai aos seus shows?

– De jeito nenhum – disse Zeke. – Ela acha que o negócio todo é criancice. Não consegue acreditar que um homem adulto quer passar o tempo todo fingindo ser outra pessoa. É a palavra que ela usa, "fingindo".

– Ela não o apoia?

– Não – disse Zeke. – Não apoia. Não mais.

– Eu tive uma garota assim uma vez.

– Ela me encurralou – disse Zeke. Ele deu um puxão de leve no colarinho, ajeitou a abertura no retrovisor.

– Às vezes eu sinto como se a vida não tivesse propósito – disse Shelton. – Se quer saber a verdade.

– Eu sinto como se estivesse vivendo debaixo d'água – respondeu Zeke. – Como se mal pudesse respirar.

– Você está se afogando – disse Shelton.

– O mais triste é que comecei a me questionar. Essa é a verdadeira tragédia.

– Às vezes, quando estou feliz – disse Shelton –, não parece real. Às vezes a tristeza é a única coisa que parece verdadeira.

– A verdade – disse Zeke – é que a June me deixou há algum tempo. Ela me deixou sem jamais sair de casa. E eu não faço ideia do que vou fazer sobre isso.

– A vida não é o que eles fizeram parecer que seria na escola.

– Isso é fato – disse Zeke.

– A minha garota provavelmente vai me deixar em breve – disse Shelton. – Se eu não encontrar o seu

bebê.

– Encontrar o quê?

– A minha garota, Kayla. O bebê dela sumiu aqui ontem à noite. Eu estava no trenó procurando por ela quando fiquei sem gasolina.

– Como assim, um bebê?

– Um bebê – disse Shelton. – De fralda.

– Sumiu?

– Eu acordei e ela tinha sumido. Como se tivesse se levantado e saído voando.

– Você está brincando.

– Sumiu – disse Shelton. – Ela foi levada, foi o que aconteceu. É a única coisa que eu consigo imaginar.

– Merda – disse Zeke. – Isso é uma merda. Espere. Você está falando sério, agora?

– Tão sério quanto nunca.

– Estou começando a me sentir meio chapado, então estou tentando me assegurar de que estou entendendo isso tudo direito. Você disse que a sua garota tem um bebê de fralda e que ela sumiu aqui hoje de manhã e que você acha que foi abduzida? Tipo alguém veio e a levou?

– Aconteceu ontem à noite, em algum momento – respondeu Shelton. – Mas é. É exatamente o que estou dizendo.

– E você não está de sacanagem comigo?

– Eu não faria isso – disse Shelton. – Não sobre isso.

– Cacete – disse Zeke. – Acabei de ver um especial sobre isso. Na televisão. Teve uma reportagem investigativa especial. Tinha a ver com o tráfico de escravos humanos.

– Tráfico de escravos?

– Escravos sexuais, cara. Tipo essas porras desses doentes que roubam bebês e os vendem no México. Eles os criam para serem prostitutas.

– No México?

– É um tráfico internacional – disse Zeke. – Mas é grande lá no México. No México e na Rússia. Esses são os dois principais, por causa de sua economia e falta de lei geral.

– Filhos da puta – disse Shelton.

– E a gente tem todas aquelas porras de cucarachas agora, cara. Todos aqueles chicanos na rua Detroit. Eles são praticamente donos do leste de Cutler.

– Empreste de Cutler – disse Shelton.

– El Cutlero – disse Zeke.

– Mas aqueles mexicanos são legais.

– Tenho certeza de que alguns são – respondeu Zeke. – Só estou lhe dizendo o que eu vi na televisão. O que estava na reportagem investigativa. Você conhece algum daqueles garotos de lá?

– Eu conheço o pequeno Hector Valquez. Ele faz uns trabalhos para mim. É um bom garoto, cara. Ele vende uma quantidade boa de pedra para mim.

– Bem, é por aí que eu começaria – disse Zeke. – Eu iria e faria umas perguntas para o garoto, se fosse você.

– Merda – disse Shelton. – Ele sabe da Jenna. Eu estava com ela e com a Kayla da última vez em que fui lá para fazer uma entrega.

– Quem é Jenna?

– O bebê.

– Droga – disse Zeke, e sacudiu a cabeça. – Não se pode confiar em ninguém.

– Filhos da puta – disse Shelton.

– Eu iria com você – disse Zeke. – Mas não posso perder esse trabalho, cara.

– Nem se preocupe com a entrada da estrada – disse Shelton. – Só vá até onde puder na Grain, aí eu faço o caminho longo e atravesso o lago.

– Eu levo você, cara. Não é trabalho nenhum.

– Você não pode entrar por trás. Não com toda essa neve. É mais rápido se eu for andando.

– Como você vai sair de novo?

– Eu vou dirigir por cima do lago.

– Ele vai aguentar?

– Ele aguenta – disse Shelton. – Eu fiquei dando voltas lá uma semana atrás.

– Tem certeza de que não quer que eu dirija até lá e veja se não conseguimos entrar? Ainda tenho fé na 150, Shelton. Odiaria achar que você não tem.

– Não é isso – disse Shelton.

– Eles não aceitaram o resgate financeiro – continuou Zeke. – As pessoas se esquecem disso, mas eles não aceitaram.

– Não posso dizer que eu escolheria um Ford – disse Shelton. – Não é algo que eu possa verdadeiramente assinar embaixo, mas posso dizer que acho que eles fizeram alguns avanços nos últimos anos. Obviamente eu nunca pintaria um veículo de roxo, mas não tenho motivos comerciais para fazer isso.

– Desde que não tenha a ver com a caminhonete.

– Isso é estritamente pelo tempo – respondeu Shelton. – Fique tranquilo.

– Shelton – perguntou Zeke –, posso lhe perguntar uma coisa, cara? Pode parecer meio engraçado, mas eu sinto necessidade de perguntar.

– Manda.

– Você esteve usando esse capacete o tempo inteiro?

– Eu não estava antes, mas o botei aqui há apenas uns minutos.

– Graças a Deus, cara. Eu achei que estava ficando maluco.

– Você está legal, Zeeker – disse Shelton. – E bem aqui está bom.

Zeke parou a caminhonete, mas nem se deu ao trabalho de sair da estrada.

– Tem certeza?

– Eu juro a você – respondeu Shelton.

– Não consigo enxergar nada.

– Eu também não – disse Shelton. – Mas sei aonde estou indo.

– Eu passo aqui dentro de alguns dias – disse Zeke. – Para ter certeza de que tudo isso foi resolvido.

– Vai ser resolvido – disse Shelton. – Eu mesmo vou resolver.

Capítulo Sete

Portis me entregou a Jenna quando chegamos à cabana, aí acendeu uma lamparina de querosene e correu para encher seu fogão com uma pequena pilha de lenha no canto. Eu não estivera dentro da cabana desde o ensino fundamental, mas quando a luz tremulou percebi que era exatamente como eu me lembrava.

As paredes e o chão eram de compensado sem acabamento e tinham a marca da cabeça de índio da madeireira Big North. Portis tinha um fogão Packer, que era baixo e plano e ventilava através de um buraquinho no teto, e havia um catre e uma cadeira de jardim em paredes opostas. Havia uma pilha de roupas no canto e um engradado de leite cheio de luvas e chapéus. Entre as roupas e o fogão havia um buraco para pescar, onde Portis trabalhava no gelo com uma furadeira manual. O lugar inteiro tinha um cheiro esquisito, como animal selvagem, mas, como o próprio Portis, estava misericordiosamente erodido pelo álcool – um adstringente, pelo menos.

Havíamos tentado proteger a Jenna o melhor que podíamos, mas eu podia ver agora que suas bochechas estavam vermelhas, queimadas pelo frio. Ela não estava reclamando, porém. De algum modo estava tão calma quanto podia estar, só deitada ali em seu canguru como se estivéssemos em um piquenique da escola dominical.

Portis olhou para mim enquanto rodava a manivela da furadeira.

– Troque a fralda do bebê – disse ele. – E depois vamos cuidar de você.

– Cuidar de mim?

– Não seja uma idiota – disse ele. – Não temos tempo para isso.

– Eu realmente não sei do que você está falando – respondi. – Mas tudo bem.

– Você estava andando nos calcanhares porque não consegue sentir os dedos dos pés – disse ele. – Ficou mancando por aí que nem um maldito pinguim a noite toda, achando que eu não podia perceber. Agindo como se eu fosse cego ou idiota, um ou outro.

– Eles só estão frios – disse eu.

– Você está com ulcerações de frio, Percy.

– Não tenho ulceração nenhuma.

– Então eu sou o melhor espadachim de toda a França.

– O quê?

– Nada – disse ele. – Só troque a porcaria da fralda.

Portis já havia acabado com a furadeira e se ajoelhou para botar a pilha de lascas de gelo dentro de um balde verde de cerca de quarenta litros. Ele levou o balde para fora para esvaziá-lo, e aí o virou de cabeça para baixo para usá-lo como assento. Eu temia que ele tivesse aberto o buraco para cagar por ele, mas em vez disso ele abriu o lacre de sua segunda garrafa de uísque. Fumou um cigarro e pareceu satisfeito por enquanto.

Eu odiava perturbar Jenna com ela tão imóvel nos meus braços, mas sabia que ela precisava ser trocada. Portis tinha razão quanto à fralda, e me parecia que também podia ter razão quanto à ulceração por frio – apesar de eu não me permitir ficar pensando o que seus remédios caseiros poderiam incluir. Havia dois cobertores de lã dobrados atrás dele, mas eu não queria lhe pedir para pegar um para mim. Não queria que ele achasse que eu não podia andar até lá e pegar eu mesma.

Eu me preparei antes de andar, mas não podia evitar de mancar. Cerrei os dentes e dei outro passo, e quando grunhi, Portis se levantou do balde.

– Dói quando fica quente, né?

Ele me entregou o cobertor e se sentou de novo.

– Não enche – disse eu.

– Não fique zangada comigo – disse ele. – Fique zangada com os seus dedos dos pés.

Portis virou sua garrafa e bebeu o uísque. Ficou sentado no balde olhando para seu pedacinho de lago sem gelo.

Eu abri o cobertor no chão e sussurrei para Jenna. Disse a ela que tudo ia ficar bem.

– Só troque a porcaria do negócio – disse ele. – Acabe logo com isso.

– Está bem – respondi, e respirei fundo.

Abri o zíper do macacãozinho, aí ofereci meu dedo para Jenna. Ela o agarrou e então olhou para mim e disse: *dun-dun*.

– Oi, Docinho – disse eu. – Eu estou te vendo.

Os olhos dela eram tão azuis e translúcidos quanto água de piscina, e eu juro que sua vulnerabilidade abriu um túnel direto pelo meu peito. Enxuguei um pouco de saliva de seu lábio inferior e ela disse: *Thththth*.

– Eu sinto muito – falei, e soltei sua fralda.

Ela estremeceu quando o ar frio bateu, aí olhou para mim com os olhos arregalados pela traição. Seu queixo tremeu, aí desabou. Ela chutou com as pernas e ficou roxa e eu nunca ouvi gritos tão terríveis, uma mágoa tão sincera. Era como se os gritos viessem de alguma profundeza oculta, como se também a surpreendessem, e seu corpo inteiro vibrava com seus agudos cortados abruptamente.

Os vergões estavam vermelhos e duros no frio. Ainda estavam sorando na linha da fralda e eu me apressei para botar a fralda seca.

– Bebezinha – disse.

Jenna inchou o peito com a respiração, então gritou mais alto.

Ajustei a fralda nova, fechei o zíper do macacãozinho de novo, então segurei-a junto ao peito. E ela soluçou por algum tempo assim, com seus ombros subindo e descendo enquanto ela molhava o meu ombro com cuspe e meleca.

– Docinho – disse, e dei tapinhas em suas costas.

Portis havia se levantado do balde para olhar dentro do buraco. Seu maxilar estava cerrado e ele parecia arrasado.

– Como é que a mãe dessa criança pode não ter nenhuma pomada para assaduras? – indagou ele.

– Isso está bem embaixo na lista de fracassos dela – respondi.

– O quanto está ruim?

– Está ruim – disse eu. – Pior do que antes. Acho que ela precisa de antibióticos.

– É uma pena que ela não precise de descongestionante – disse Portis. – Tem bastante disso nessas colinas.

– Não sei o que pode acontecer – falei. – Não sei há quanto tempo ela está infeccionada. Também estamos ficando sem leite em pó. Sinto que precisamos levá-la ao hospital, Portis.

Portis apagou seu cigarro no chão de compensado, depois foi preparar uma mamadeira para Jenna com a água da garrafa.

– A fralda dela estava molhada – disse eu. – Bem molhada. Devíamos tê-la trocado antes.

– Molhada é bom – retrucou Portis. – Molhada significa que ela não está desidratada.

Ele me entregou a mamadeira e Jenna a pegou sem parar de chorar e acabou se acalmando. Eu me sentei no catre enquanto ela mamava e Portis bebia seu uísque.

– Eu não aguento – disse ele, e enxugou um pouco de uísque derramado do queixo. – Quando ela chora assim.

– Eu sei – disse.

– Nunca fiquei tão irado na vida do que quando ouço esse choro.

Eu me recostei na parede e puxei o cobertor para cima, em volta da Jenna. O fogo estava rugindo no fogão, mas lá fora parecia que a tempestade havia voltado. O vento estava uivando ao máximo e eu não conseguia ver nada através da janela – trinta centímetros quadrados de vidro já enterrados na neve.

Jenna estava a caminho de adormecer nos meus braços. Portis colocou o canguru no fogão a lenha para aquecê-lo e eu imaginei se havia alguma coisa ancorando a cabana. Imaginei se poderíamos ser soprados para o outro lado do lago pelo vento, mas decidi não perguntar.

– Não fique confortável demais – avisou Portis. – Você é a próxima.

– Acho que você não precisa se preocupar se eu vou ficar confortável demais – retruquei.

– Ótimo – disse ele. – Porque vamos fazer isso imediatamente.

– Fazer o quê?

– Esse pequeno escalda-pés que você vai receber.

Havia uma panela para ferver água pendurada em um prego na parede e Portis a levou para fora, o vento uivava e batia a porta fechada atrás dele enquanto ele saía para pegar neve. Eu me senti enjoada lá dentro, como se isso fosse ser um negócio meio tenda médica da Guerra Civil, o tipo de merda que eles não botam nos cartões-postais sobre o condado de Cutler no inverno.

Cutler vivia dos dólares dos turistas no verão, mas havia chocólatras no inverno também – pessoas do norte do estado apelidadas por sua disposição de gastar dinheiro em um particular fudge de chocolate de alta qualidade. Cutler sempre terá suas praias e montanhas de esqui, mas fica logo ao norte de uma excelente área de produção de cerejas, portanto seus principais produtos de exportação continuam sendo fudge e pedras Petoskey, que é uma pedra interessante e incomum, a pedra do estado na verdade – mas que na maior parte é só uma pedra. Ainda assim, as pessoas vinham por causa dela. Elas compravam seus

fudges e enfeites de pedra, e por algumas semanas em dezembro tudo era a terra mágica do inverno no norte do Michigan.

O centro da cidade estava vazio agora, mas ficava animado quando eles penduravam as luzes e os corais de Natal perambulavam para cima e para baixo da rua Mitchell. Havia guirlandas nos postes de luz, barraquinhas de chocolate quente com marshmallows boiando e o time de futebol americano no parque Penn vendendo árvores. Você anda pela cidade em dezembro e começa a parecer que está em um filme de Natal da Dolly Parton – esses são os favoritos da Carletta –, mas quando os chocólatras voltam para casa pelo resto da estação, a prefeitura corta a energia das luzes pisca-piscas. Eles fecham suas casas ao longo da baía com tapumes e não sobra nada em Cutler a não ser os locais, todo mundo se preparando para quando o inverno de verdade se instalar e mostrar os dentes.

Chocólatras ficam todos lacrimosos com um Natal branco e estão sempre tirando selfies na neve – mas o inverno de verdade dura meses e vai roer seus malditos dedos dos pés se você deixar.

Portis voltou para dentro e jogou um pouco de água do jarro na panela com neve, então a colocou no fogão ao lado do canguru.

– Ela tem que ferver – disse, e pegou uma vara de pesca. Colocou uma guimba de cigarro que havia apagado antes como isca no anzol, jogou a linha na água e se sentou de novo em seu balde de quarenta litros. Ele deu um gole no uísque e colocou a boia. Eu não podia acreditar nos meus olhos.

– Jesus Cristo – disse eu. – Você está pescando agora?

– O tempo todo eu planejava pescar quando a gente chegasse.

– Não temos tempo para você pescar.

– Creio que temos – disse ele. – Acho que a água ainda tem que ferver.

– Você só pode estar brincando comigo, Portis! Precisamos conseguir ajuda para esse bebê, e eu juro que não consigo acreditar que você chegou a pensar em pescar em um momento como este.

– Por que você acha que eu quebrei o gelo?

– Não quero dizer. Não quero lhe dar mais más ideias.

Ele exalou dramaticamente.

– Não faça isso – disse.

– Fazer o quê?

– Respirar dessa maneira. Me atacar sem ter coragem para fazer isso diretamente.

– Você agora está me dizendo como respirar?

– Não. Estou lhe dizendo como não respirar.

– Jesus, Senhor amado! – disse ele. – Pode largar do meu pé por um instante? Pode me deixar sentar aqui em paz e pescar? Pode por favor me permitir esse simples prazer pelos próximos cinco minutos?

– Você ainda nem cuidou da sua perna – disse.

– O que você gostaria que eu fizesse com a minha perna?

– Você devia derramar um pouco de uísque para esterilizar a ferida, aí enfaixá-la para manter o frio longe.

– Isso é uma ofensa ao uísque – disse ele.

Eu larguei a cabeça nas mãos e soltei o ar.

– Agora é você quem está exalando – reclamou ele.

– Eu achei que você tinha um plano – falei.

– Esse é o plano! – respondeu ele. – Estamos descansando e a salvo da tempestade. Estamos esperando a água ferver. E enquanto essas coisas acontecem, eu gostaria de molhar a linha, e me recuso a acreditar que isso seja algum tipo de problema. Apesar da sua perseguição.

– Perseguição?

– Isso é um interrogatório – disse ele.

– Isso é um pouco dramático.

– Não é não. Não é nem um pouco dramático. Acho que você daria uma boa advogada, Percy James. Já posso ver você. Uma daquelas cuspidoras de fogo de terno masculino, batendo os pés pelo tribunal e deixando todo mundo apavorado com o seu cabelo curto e a sua maldade.

– Talvez você devesse tentar usar uma isca.

– Você não sabe nada sobre isso.

– O que é que eu não sei? Que você não pode pegar nenhuma truta com um filtro de Pall Mall?

Havia vapor subindo em espiral da panela no fogão e eu podia sentir o calor chegar até mim, vindo do fogo. Portis tinha razão: meus dedos doíam mais quanto mais quentes ficavam, e eu me segurei agarrando punhados de cobertor quando ele não estava olhando.

Ele apoiou a vara na parede e ficou olhando a boia, enquanto a garrafa de uísque ficava pendurada frouxa em suas mãos. Eu podia ver que ele estava pensando em algo pesado. Eu sabia pela forma como suas sobrancelhas se arqueavam para cima e faziam seu rosto ficar estreito e cruel.

– Sou um ótimo pescador – disse ele.

– Eu nunca o vi pegar um peixe na vida – disse eu. – Nem nunca vi uma foto sua com um peixe nas mãos.

– Olha a boca, mocinha – disse ele. – Sou famoso em três condados pela minha perícia e habilidade como pescador, e provavelmente matei mais trutas-arco-íris do que qualquer homem que você tenha conhecido pessoalmente em carne e osso. Eu peguei dois, repito, dois esturjões de três metros e meio no verão de 1988.

– Você não pegou esturjão nenhum.

– Peguei, sim.

– Isso parece uma coisa que eu teria visto a foto. Talvez até no jornal. Mas eu não vi nenhuma foto assim.

– Isso foi antes do advento da tecnologia digital – disse ele. – As pessoas não podiam tirar fotos com seus malditos telefones. Então apesar de ser verdade que não existem fotos para comemorar essas vitórias, eu imploro que você vá até a loja de iscas do John Parlee e pergunte a ele quem pegou os dois maiores esturjões que ele já viu. Ele vai dizer o nome Portis Dale.

– John Parlee vendeu a loja de iscas e se mudou para a Flórida – disse. – É o escritório de uma imobiliária agora.

– Isso é uma mentira vil.

– Não é mentira. John Parlee conheceu uma mulher na internet e se mudou para ficar com ela em Lakeland, Flórida. Eles formaram um par no eHarmony, e ele foi batizado como cristão a pedido dela e como sua condição.

– Você pode causar a minha morte – disse ele. – Bem aqui nesta cabana eu posso finalmente apagar e morrer de pura tristeza.

– Sinto muito – lamentei. – Mas é verdade.

– Como você sabe?

– Porque eu pesco com isca de verdade, o que significa que eu frequentava a loja do Parlee. Nós conversávamos com frequência. Ele sabia da minha ligação com você e nunca mencionou um único esturjão, que dirá dois no mesmo verão.

– Vá perguntar ao Big John, o índio, então. Vai encontrá-lo na ponte do rio Bear neste outono, quando os salmões aparecem. Ele estava lá no dia em que eu peguei o primeiro. Ele também vai lhe dizer sobre o segundo, que ele sem dúvida soube de ouvir os outros falarem.

Eu me apoiei em um cotovelo e tentei ignorar o som da água fervendo, tentei fingir que os meus olhos não estavam lacrimejando por causa da terrível queimação dentro das minhas botas. Eu tocara em um ponto sensível com o Portis e estava começando a me sentir mal. Comecei a pedir desculpas do meu jeito sinuoso, mas o Portis me cortou antes de eu chegar à parte onde dizia que sentia muito.

– Cale a boca e tire os sapatos – mandou. – Essa água já ferveu há muito tempo e eu cansei das suas distrações.

Ele calçou as luvas de novo e foi até o fogão, então pegou a panela e a botou no chão. Fiquei sentada ali, olhando o vapor se soltar, enquanto ele abria a porta da cabana e pegava alguns punhados de neve. Ele jogou a neve na panela e então olhou para mim.

– Sente no chão – disse. – E não discuta comigo sobre isso.

– O que você vai fazer?

– Você é uma garota inteligente – disse ele. – Acho que pode deduzir o processo básico.

– Por que você ferveu e depois jogou neve dentro?

– Eu fervi para esterilizar. A neve é para baixar um pouco a temperatura. Não se trata congelamento com água fervente.

Portis tirou o canguru de cima do fogão a lenha e aproximou-se para botá-lo no catre.

– Isso está gostoso e quentinho agora – disse ele.

Ele pegou a Jenna dos meus braços, colocou-a no canguru e então empurrou o catre contra a parede. Cutucou o meu ombro e disse que estava na hora.

Eu me abaixei para o chão e me sentei com as pernas esticadas à minha frente. Virei o rosto enquanto Portis desamarrava os cadarços das minhas botas, aí estremeci quando ele foi remover a primeira. Doía à beça e tentei me sacudir para me soltar, mas ele agarrou o meu joelho e o segurou no chão enquanto puxava a bota para fora.

Eu cerrei os dentes e grunhi. Já havia suor formando gotas no meu rosto e senti uma tremulação de

enjoo subir. Ele puxou a segunda bota para fora, e quando tirou as meias, eu soquei o chão com os punhos.

– Eu sei – disse ele.

– Sabe!

– Posso imaginar. Vamos só descansar por um segundo agora.

Soltei a respiração, olhei para baixo e vi que meus dedos dos pés estavam tão arroxeados e inchados que pareciam berinjelas. Soltei um ganido e fechei os olhos.

– É como uma foto em um livro médico – disse eu.

– Por pior que possa parecer – disse ele –, isso ainda é a versão "antes" dessa foto. Há algo pior que vem depois disso.

– É congelamento?

– É – disse ele. – Isso qualifica como um.

– Eu vou perder meus dedos dos pés?

– Não – respondeu ele. – Não se os botarmos dentro dessa água.

– O quanto a água está quente? – perguntei.

– Que importância tem, se os seus dedos já estão ardendo?

– Só me diga.

– Sei lá – disse ele. – Quente. Mas vou deixar descansar por mais um minuto.

– O quanto vai doer?

– Eu acho que vai doer bastante – disse ele.

Portis deu um gole no uísque e então me ofereceu a garrafa. Eu recusei, mas não porque sou uma mártir ou estou em alguma cruzada contra o álcool. Eu teria bebido algum vinho gelado ou schnapps de menta, qualquer coisa para diminuir a dor ou me distrair, mas uísque me faz vomitar e eu não estava preparada para introduzir esse espectro na situação.

Portis esticou a mão para me ajudar a ficar de pé, aí deslizou a panela na minha frente.

– Quando você pisar dentro – disse ele –, não esperneie e não dê cambalhotas. Se essa água virar, vamos ter que começar tudo de novo e fazer isso uma segunda vez.

– Vou tentar não gritar – falei.

– Não importa se você vai gritar ou não. Só não se contorça.

– Não quero acordar Jenna. Ela vai ficar assustada.

– Está bem – disse Portis. – Mas grite, se precisar gritar. A Jenna vai ficar bem.

– Droga – reclamei.

– Eu sei.

– Eu não quero fazer isso.

– Você vai fazer, do mesmo jeito que a Jenna fez a fralda dela. Vai passar pelo que precisa passar.

– Não acredito que não estava usando meias melhores.

– Eu não acredito que você não disse nada.

– Não queria nos retardar.

– Isso foi uma coisa idiota de se pensar.

– Não quero que você tire a meia da Jenna.

– Eu tenho umas meias extras bem ali no engradado – disse Portis. – Vamos deixar tanto Jenna quanto você nos conformes.

– Está bem.

– Antes de a gente começar, acho melhor eu lhe contar uma coisa.

– Contar uma coisa?

– É – disse ele. – Sabe, essa situação toda me faz lembrar de uma coisa que aconteceu uma vez lá no *Mex-ee-co*.

Olhei para o Portis, mas ele já tinha dado o bote no meu tornozelo direito e o levantado sem avisar. Eu quase caí para trás, mas ele me pegou pela frente da blusa enquanto mergulhava meu pé na panela. O ar congelou nos meus pulmões e eu cambaleei para a frente conforme ele empurrava meu pé esquerdo ao lado do direito. Eu agarrei o ombro dele e gritei.

Portis segurou meus dois tornozelos com firmeza. Ele também grunhiu e xingou a queimação, mas nem estremeceu. Tentei me mexer, mas podia muito bem ter estado amarrada a blocos de concreto. Eu não conseguia acreditar direito no quanto doía.

Portis estava falando alguma coisa sobre o México. Eu mal podia ouvi-lo, mas me concentrei no som de sua voz e tentei ouvir através da dor e dos meus próprios gritos.

– Eu era jovem naquela época – disse ele. – Sedento para viajar. Havia chegado bem ao coração do país, o México de verdade, que não é como aparece nos cartões-postais.

Portis estava respirando pesado pelo nariz. Eu sabia que aquela água o estava queimando de um modo terrível. Tinha certeza de que um pouco havia escorrido para dentro de suas luvas e empoçado ali, mas ele manteve sua pegada firme e continuou falando.

– Não é nenhuma canção do Jimmy Buffett por lá – disse ele. – Isso eu posso lhe dizer agora. Não há margaritas em taças redondas ou camisetas do Señor Frog. Esse era o México de verdade, um lugar cheio de poeira e água marrom. Havia calor e violência e cobras e coiotes. É um lugar duro, cheio de pessoas duras, e eu estava na trilha do ouro de Montezuma.

Havia lágrimas escorrendo pelo meu rosto e eu estava tremendo no meu âmago, de algum lugar profundo e normalmente imóvel que fora escavado pela dor. Talvez fosse o mesmo lugar do qual Jenna havia chorado apenas um tempinho antes, e a ideia da força dela me ajudou conforme eu fechei os olhos e disse a mim mesma para me concentrar na história idiota do Portis.

– Eu estava viajando com outro gringo – continuou ele. – Ele se chamava Henderson. Era um expatriado, um cara paramilitar que fizera trabalhos sujos para Reagan nos sandinistas. Em algum momento ele leu Carlos Castaneda e descobriu o peiote. Conheceu uma garota de aldeia, virou pacifista e acabou rejeitando os Estados Unidos como agressores imperialistas.

“Henderson estava à caça de tesouros há quase uma década, mas na maior parte do tempo o que ele fazia era fumar peiote. Eu fumei um pouco com ele, de alguma forma nos separamos e eu acordei vários dias depois no topo de uma montanha de terra. Eu estava nu e queimado feito um camarão.

“Quem sabe como cheguei lá em cima daquele platô? Quem sabe por que eu estava sem roupa? Eu estava procurando ouro e o México é uma terra de muitos mistérios. Mas ali estava eu. Desmaiado por horas, talvez dias.

“Agora, aquilo é que foi queimadura, Percy James. Ganha de longe dos seus dedinhos aí. Estou aqui para lhe dizer, eu tinha vergões e pus amarelo pelo corpo todo. Parecia o maldito homem-elefante. Eu me contorcia e tremia. Tive uma ereção que não tinha fundamento.”

Eu cuspi alguma coisa que tanto era uma risada quanto um grito, e ele foi em frente.

– Andei durante metade de um dia, descalço na areia pelando. Eu estava vermelho como uma cereja e com o mastro em pé. Meu Deus, eu era uma visão. Finalmente, cheguei a uma aldeia e fui acolhido por uma família gentil, a qual até hoje creio dever a minha vida.

“Eles me deram um saco de dormir e um lugar em sua cabana de palha. E quando me vi em um caco de espelho, caí em prantos. Eu praticamente morri, foi o que aconteceu.

“Mais tarde, um médico me disse que eu havia sofrido um derrame. O conselho desse médico foi dado em um bar de estrada, e apesar de ele depois confessar que não tinha licença e eu nunca ter sido examinado direito, os argumentos dele sempre me pareceram sólidos.

“De qualquer modo, a família da aldeia rezou por cima do meu corpo e me tratou com um estranho líquido verde, servido em uma tigela de madeira. Eu bebi a mistura e vomitei profusamente, mas quando acordei, minha ereção tinha finalmente sido resolvida e eu não me contraía mais. Os anciãos da aldeia se reuniram e, apesar de estarem felizes por eu estar em recuperação, me pediram para ir embora pela manhã. Parece que havia rumores de que eu estava com o diabo. *Con el diablo*. Isso foi seis meses antes de eu voltar para casa e conhecer sua mãe.”

Eu abri os olhos e olhei para o Portis, que olhou para mim e sorriu.

– Margaritaville – disse ele.

Meus joelhos haviam se transformado em areia, e eu caí para a frente e o abracei. Eu solucei conforme a queimadura voltava a ser um latejar e ecoava até sumir.

Depois, Portis enrolou meus pés em um cobertor e me içou para cima do catre.

– Ainda está doendo, mas agradeço pela história.

– Tudo bem – disse ele. – Não tive que inventar muita coisa dessa história.

– Eu podia passar sem o detalhe da ereção.

– Isso não foi um detalhe – corrigiu ele. – Acredite em mim. Isso foi a atração principal.

– Então você não encontrou ouro?

– O ouro permanece enterrado.

– O que aconteceu com Henderson?

– Ele desapareceu em uma nuvem de fumaça de peiote. Eu nunca mais o vi, e há dias em que fico imaginando se ele realmente existiu.

Arqueei os meus dedos dos pés de leve e prometi a mim mesma que iria economizar uma grana para

comprar um par decente de botas e umas boas meias de lã. Jurei que nunca ia brincar tão levianamente com o destino deles.

Enquanto isso, Jenna ainda estava dormindo no canguru e eu gostei de ficar deitada ao seu lado, no calor e no silêncio.

– A minha irmã sempre diz que os bebês são mais durões do que parecem. Que são mais durões do que nós.

– Essa aqui é – disse Portis. – Não posso falar de outros bebês, mas nós temos uma guerreira aqui. Gosto dessa Jenna. Eu admito.

– Mas ela está tão quieta. Talvez quieta demais. Como se estivesse doente, sei lá. Como se estivesse cansada demais para chorar.

– Ela estava berrando bem um tempinho atrás – observou ele. – Quando você trocou sua fralda.

– É – concordei. – Acho que estava.

– Ela está comendo e não parece ter febre – disse Portis. – Está alerta. Você tem que se preocupar com um bebê quando seus olhos ficam vidrados.

– Achei que você não sabia muito sobre bebês.

– Não sei – respondeu ele. – Sei sobre olhos vidrados.

Botei a mão na testa dela e ela não parecia quente nem suada. Ainda havia cor em suas bochechas, e ela estava dormindo com os lábios entreabertos e a cabeça virada. Seu peito subia com a respiração e suas mãozinhas minúsculas estavam relaxadas e semicerradas ao seu lado. Ela era a coisa mais bonita que eu já tinha visto.

– Ela é tão linda – disse.

– Ela é uma luz forte brilhando – disse Portis.

– Deve estar tão cansada.

– Somos três.

– Eu não me sinto muito mal.

– Você precisa descansar antes de irmos buscar a caminhonete.

– Eu posso andar.

– Você acha que pode – disse ele. – Mas neste momento você precisa descansar. Mesmo que seja só por um tempinho, para deixar essa tempestade passar. Aí nós saímos.

– Não gosto de ficar só sentada aqui – falei. – Me deixa nervosa.

– Não há lugar mais seguro nessas colinas – disse ele. – Ninguém nem sabe dessa cabana. Nem me dou ao trabalho com o cadeado.

Ouvi Portis mudar de posição em cima do balde. Ouvi o barulho de seu isqueiro e o trago profundo em um cigarro.

– Como vai a sua irmã? – indagou ele.

– Está ótima.

– E o menininho?

– Perfeito.

– Eu gostaria de conhecer o marujinho um dia. Trazê-lo até aqui nas colinas e levá-lo para pescar.

– Ele ia adorar.

– Precisamos fazer isso enquanto ele é pequeno – disse ele. – Antes que ele seja corrompido pelo noroeste Pacífico e seus modos aveadados.

– Você não sabe nada sobre Portland.

– E por uma boa razão – disse Portis.

– Me sinto como se tivesse sido atingida por uma caminhonete – falei.

– Talvez eu descanse um pouco – disse ele.

– Tudo bem – respondi. – Mas não podemos dormir muito.

– Eu nunca durmo – disse ele. – Os meus demônios não permitem.

– Portis – pedi. – Pode me fazer um favor e me deixar ver a sua perna? Você também pode ter congelamento.

– A minha perna está ótima – disse ele.

– Então traga-a aqui.

Ele se esforçou para levantar do balde e se aproximou. Esticou a perna e eu pude ver que o corte era fundo, mas a pele não estava descolorida, e que o Portis provavelmente tinha razão – era só um talho feio.

– Pode pelo menos cobrir?

– Considere feito – disse ele, e se jogou no chão com um cobertor.

Portis soprou a chama da lamparina e nós todos ficamos deitados ali no escuro. A cabana estava vibrando com o calor seco do fogão, e fiquei olhando a brasa cor de laranja do cigarro do Portis queimar. Observei a fumaça sumir na escuridão.

Eu segurei a mãozinha da Jenna e fiquei ouvindo enquanto Portis começava a cantar baixinho para si mesmo. A voz dele era grave e baixa, e ele cantava algo sobre vergonha e a lua. Algo sobre botar a culpa na meia-noite. Fechei os olhos e adormeci com o som de sua voz e da lenha estalando.

Capítulo Oito

Shelton voltou para casa e ficou observando a tempestade pela janela da sacada enquanto usava o tanque de óxido nítrico. Ele ia até a cidade para falar com o pequeno Hector, mas não até o bombardeio da manhã ter diminuído um pouco.

No meio-tempo, ele estava feliz pela habilidade de Kayla de dormir no meio do tumulto. Você ouvia histórias no noticiário sobre pessoas dormirem por três dias seguidos depois que a onda acabava, mas não achava que fosse possível até que visse em primeira mão. Bem, agora ele vira. Kayla estava deitada ali como uma pessoa morta, por horas e horas. Era impressionante, pensou Shelton, do que o corpo humano era capaz.

Aí ele se lembrou do Krebs. Ele o despachara na noite anterior, mas lhe ocorreu agora que não tinha visto mais ninguém nas trilhas. Ligou para o Krebs e pôde ver por sua voz que ele havia acabado de acordar.

– Merda – disse Shelton. – Você nem saiu, não é?

– Cara, me desculpe – disse Krebs. – Eu me sentei aqui no sofá e devo ter apagado.

– Droga – disse Shelton. – Eu passei a noite toda lá fora, procurando.

– Você a encontrou?

– Não, eu não a encontrei. Por que estaria ligando para você se a tivesse encontrado?

– Sei lá – respondeu Krebs. – Talvez para me dizer para parar de procurar.

– Você não estava procurando, para começar!

– É uma questão teórica – disse Krebs. – Eu admito.

– Você tem que ir lá para fora – disse Shelton.

– Vou fazer isso – disse Krebs. – Assim que essa tempestade diminuir. Vou ligar para o Flecha e ver se ele quer ir. Talvez o Clemens também.

– Posso entender o Clemens. Mas o que você quer com aquele porra-louca do Flecha?

– Eu devo a ele por outra coisa – respondeu Krebs. – Achei que essa é uma boa maneira de nos deixar quites. Ele vai gostar de eu colocá-lo dentro da parada.

– Bem, aqueles cinco mil são um montante fixo. Não vai para cada um de vocês, individualmente.

– Eu sei – respondeu Krebs.

– Vão ter que resolver isso entre vocês. Em termos de divisão.

– Nós cuidamos das questões técnicas – disse Krebs. – Você vai sair de novo?

– Também vou esperar essa tempestade acabar – respondeu Shelton. – Aí talvez eu vá até a cidade na caminhonete.

– Você tem uma pista?

– É cedo demais para dizer – disse Shelton, e desligou o telefone.

Shelton achou que era sábio manter Krebs mal informado. Ele podia estar mancomunado com os mexicanos, até onde Shelton sabia, e mesmo que não estivesse, era um aproveitamento melhor de seus recursos mantê-lo nas colinas. Krebs não serviria de nada na cidade e, se eles encontrassem Jenna com o Hector, como Shelton suspeitava que encontrariam, por que ele ia querer Krebs guiando seus cupinchas até o dinheiro da recompensa que na verdade não existia?

Ele olhou para Kayla no chão e ela estava tão linda e imóvel. Ajoelhou-se ao lado dela e passou os dedos por seu cabelo, e então descansou a cabeça ao lado da dela no tapete.

Os Talking Heads ainda estavam tocando, o que foi uma surpresa para Shelton. Como ele não havia percebido antes? Estivera sentado em casa por vinte minutos, provavelmente ouvira a música cinco vezes, e só agora estava notando que ela estava ali? Shelton supôs que fosse o óxido nítrico e os estresses da situação em geral. A cabeça dele estava em outro lugar, literalmente.

E o que podia ser feito a respeito agora, com ele tão confortável no chão e o aparelho de som tão longe? Shelton fechou os olhos e compreendeu vagamente que estava prestes a pegar no sono.

Capítulo Nove

Não sei por quanto tempo nós dormimos naquela cabana, mas a tempestade havia acalmado e eu me sentia descansada quando acordei. Bebi um pouco de água e o Portis me forçou a comer um naco de carne-seca, que eu esperava que fosse veado, mas tinha gosto de uma caça menor, sobre a qual eu não precisava de informações específicas. Arrumamos nossas coisas e fomos embora.

Havia uma luz cinza acima das colinas conforme saíamos do gelo – Portis à frente e eu seguindo atrás com a Jenna balbuciando em seu canguru. A neve formava pilhas altas nos ramos dos pinheiros e as árvores ainda estavam debaixo da neve fresca conforme entramos de novo na floresta. Fiquei feliz em ver que Portis havia enrolado uma camiseta velha em volta de seu ferimento, apesar de duvidar que ele tivesse se dado ao trabalho de limpá-lo com o uísque. Um passo de cada vez, pensei.

– É bonito – disse eu. – Mas juro que nunca mais vou voltar a esta colina.

– Esta colina é amaldiçoada – disse Portis. – Não há dúvida.

– É você que vive aqui.

– Eu mais existo do que vivo.

– Isso é profundo.

– Eu queria que fosse – retrucou ele.

O fogão Packer havia me devolvido meus pés. Eles estavam aninhados dentro das meias de lã e pisei neles livremente e sem dor. Eu ficara aquecida por inteiro com nosso tempo na cabana, mas agora que o frio voltara, ele era bem direto a respeito. Como se doesse ainda mais porque eu ainda estava tão perto da alternativa.

– Por quanto tempo eu apaguei? – perguntei. – Na cabana?

– Não sei.

– Você não pode dizer pela forma como a neve cai, sei lá? Pelo jeito que a luz se inclina? Sendo um homem da montanha.

– É claro que eu poderia – disse ele. – Mas qual é a importância? O tempo não corre em uma linha reta nessas colinas. Ele serpenteia e se dobra de novo em cima de si mesmo. Não há como definir um número.

– O que quer que isso signifique – disse eu.

– Significa o que significa – retrucou ele. – Não é uma charada.

– Só estou curiosa. Que horas são?

– Mais ou menos nove da manhã – disse ele.

– Acredito que não vamos chegar a tempo do café da manhã.

– Eu não incluí congelamento e outra nevasca nos meus cálculos.

Olhei para Jenna dormindo e me senti encorajada por sua calma e pelo toque suave de cor em suas

bochechas. Pela primeira vez desde que eu a encontrara, eu tinha uma sensação sólida dentro de mim, como se realmente fôssemos conseguir levá-la ao hospital.

– A que distância está a caminhonete? – perguntei.

– Um quilômetro e meio, mais ou menos.

– Não é muito.

– Não vai parecer com qualquer quilômetro e meio que você já tenha andado. Posso lhe garantir isso.

– É difícil andar – disse. – Mas não pode ser tão ruim.

– Nós vamos subir o caminho todo.

– Não parece.

– É uma inclinação gradual – disse ele.

– Isso é bom. Gradual é bom.

– Como preferir.

Eu podia vê-lo gingando um pouco quando pisava, mas achei que era tanto do esforço quanto do pileque. Portis andava bêbado durante quase toda a sua vida. Portis sempre dizia que a chave para andar bêbado era tentar andar torto.

Mais à frente eu vi um bando de pássaros sair voando de um pinheiro, espalhando pequenas nuvens de neve enquanto vasculhavam árvores próximas. E esse é o negócio sobre Cutler – é um lugar duro, mas às vezes é tão bonito que você não sabe o que fazer com aquilo tudo. Portis bebeu de sua garrafa de uísque e eu segui atrás dele.

Tentei me perder no ritmo da marcha. Tentei permanecer focada em como era boa a sensação dos meus pés e ser grata por seu retorno. Eu estava me sentindo melhor em relação à nossa situação, isso era verdade, mas era difícil manter esse sentimento quando o frio voltava a se infiltrar.

Eu nunca havia me considerado do tipo aventureiro, e toda essa provação só havia confirmado isso. Você não vai me encontrar em nenhuma dessas corridas na lama, nem pulando de um avião perfeitamente bom para provar um ponto vago sobre o espírito humano. Não tenho prazer com o risco nem busco emoções, e não consigo entender gente que paga seu dinheiro suado para se colocar em perigo e se punir. Você tem que estar com a vida ganha para pensar assim, andar por aí sentindo que a sua vida precisa de mais alguns desafios.

Eu gostaria que eles tivessem um site para essas pessoas. Gente rica com um monte de energia bizarra. Pessoas como eu poderiam postar anúncios de "vagas abertas", e então os viciados em adrenalina podiam fazer algo de útil com as suas idiotices. Quer dizer, por que correr através de uma lama que você botou lá de propósito quando pode vir à Cutler e resgatar um bebê de uma fazenda infestada de drogas de uma porra de um maluco?

Eu estava ficando meio boba ali na floresta, pensando sobre como poderíamos transformar tudo em uma corrida. Imaginei um monte daquelas figuras de X Games, tipo Lance Armstrong, perambulando pela varanda do Shelton com seus monitores de frequência cardíaca e shakes de proteína. Eu estava me divertindo muito – imaginando as mães tipo Sandra Bullock com números nas costas de suas roupas de lycra –, quando ouvi os trenós ao longe e parei imediatamente.

Havia mais de um dessa vez, mas eles soavam longe e abafados – como moscas zumbindo na janela.

– Você os ouviu? – perguntei.

– É – disse ele. – Eu os ouvi.

– Parecem dois.

– É – disse ele. – Parece.

– Onde eles estão?

– Não sei – respondeu ele. – Em algum lugar do outro lado do rio.

Eu me apressei para alcançar Portis e puxei seu casaco para fazê-lo parar de andar. Achei que, se podíamos ouvi-los, eles poderiam ser capazes de nos ouvir, digamos que parassem os trenós de repente. Não parecia fazer muito sentido ficar lá gritando um para o outro para cima e para baixo da colina.

– Você acha que é ele? – perguntei.

– Provavelmente – respondeu Portis. – Provavelmente Shelton e um daqueles patifes que andam com o tio dele.

– Não devíamos nos esconder, sei lá?

– Eu já lhe disse que eles estão do outro lado do rio.

– Eles soam bem perto para mim.

– Bem – disse ele –, eles não estão.

– Como você pode ter tanta certeza?

– Porque não há como trazer um trenó até aqui, o que eu já expliquei.

– Ainda assim – disse eu –, sinto que devíamos fazer alguma coisa.

– Não há nada a fazer.

– Não devíamos pelo menos sair da trilha?

– Você pode sair do que sobrou dessa trilha, se quiser – disse ele –, mas acho que vou continuar indo por aqui.

– Não gosto disso. Me deixa nervosa.

– Bem – disse ele –, você tem o direito de ficar nervosa e não gostar. Me avise se isso mudar alguma coisa.

– O que há de errado com você? – perguntei.

– Não há nada de errado comigo.

– Então por que está tão irritado?

– Estou irritado? Desculpe, Percy. Como seu diretor de cruzeiro, sinto profundamente por qualquer desconforto que o meu tom possa lhe ter causado.

– Por que você continua sendo babaca? Quando é tão claramente desnecessário?

– Por que você continua a questionar minha autoridade? – disse ele. – Por que continua questionando meu conhecimento sobre essas colinas e seus mecanismos internos?

– Eu acho que é bom discutir as coisas – respondi. – Não tem que levar tão para o lado pessoal.

– Não há nada de pessoal nisso. Eu sei o que estou fazendo e, portanto, vou andar nessa trilha, e você está me fazendo parar para explicar as coisas como se fosse para uma criança. Acho irritante ter que

analisar tudo para que seja entendido.

– Você costumava ser mais legal, sabia?

– E você costumava ser mais calada – disse ele. – Você costumava ser uma menininha doce, com fitas no cabelo. Você costumava ser incorrupta pelas agressões feminísticas.

– Nem sei o que isso quer dizer. Você está parecendo um idiota balbuciando, Portis.

– E eu acredito que aguentei o suficiente do seu assassinato de caráter nessas últimas horas – disse ele. – Cansei do seu subterfúgio.

– Que seja.

– Que seja mesmo – disse ele.

Ele saiu batendo os pés pela trilha e eu lhe dei alguma distância. Não o deixei sair do meu campo de visão, mas ele estava longe o bastante para eu ser poupada de seus bufos e xingamentos – suas exaladas dramáticas de bafo encharcado de uísque.

Fizemos o resto da nossa caminhada naquele exato silêncio lapidar. Eu podia sentir a queimação na minha bunda e nas minhas coxas e estava sob um esforço considerável, mas só sacudi a cabeça e continuei andando, quando Portis perguntou se eu queria que ele pegasse o bebê.

A Jenna estava tão calma quanto podia estar. Na maior parte do tempo ela só ficava deitada ali e fazia bolhas de cuspe, quase como se soubesse que eu estava chateada e ficasse quieta por consideração. Ela era o tipo de bebê que eu achava que podia ser capaz de exatamente esse tipo de sabedoria e gentileza.

O zumbido aumentava e diminuía, mas finalmente eu disse a mim mesma que o Portis estava certo e quase consegui me convencer a ignorá-lo inteiramente. Pensei em Carletta e no verão e em por que eu estava ali nas colinas, para começo de conversa. Eu me lembrei de como ela havia me contado que nunca nevava na Carolina do Sul.

– Eu me lembro de uma ou duas vezes – havia dito ela. – Mas nunca durava. Todo mundo corria para fora para pegar os flocos com a língua e agia feito maluco.

Estávamos à mesa da cozinha novamente, comendo ovos mexidos e torrada amanteigada. Carletta tinha um cigarro queimando entre os dedos enquanto empurrava sua caneca de café em pequenos círculos.

– Mas havia furacões – disse ela. – O Hugo foi ruim, mas eu já tinha ido embora quando ele chegou. Parti menos de um mês antes.

– Eu vi fotos daquelas casas que eles construíram sobre palafitas – disse eu. – As da praia.

– É para não alagar – respondeu ela.

– Parece maluquice. Viver em uma casa assim. Como se um vento qualquer pudesse vir e soprar você para longe. Principalmente com as tempestades.

– Acho que são tão seguras quanto qualquer outra coisa – disse ela. – Você nem as percebe quando mora lá. Elas simplesmente sempre estiveram ali, então você nem pensa a respeito.

– A casa da sua prima Veronica é em cima de palafitas?

– Não sei – disse ela, e bateu a cinza em seu prato vazio. – Nunca perguntei a ela.

– Eu espero que não – retruquei. – Não sei se conseguiria dormir em uma casa de palafita.

– A gente acampa na praia, se você quiser. Vamos dormir bem nas dunas uma noite.

– Isso parece legal.

– É muito lindo – disse ela. – Você devia ver as estrelas lá em cima em uma praia da Carolina.

Como eu disse, nunca acreditei realmente que iríamos à Carolina do Sul, mas seis meses depois eu estava me arrastando pelas colinas do norte porque ainda achava que podíamos voltar àquela cozinha.

À frente, Portis finalmente havia parado de andar e apontou para uma clareira logo adiante na trilha.

– Scutter's Point – disse ele.

– Graças a Deus.

– Não agradeça a Deus – retrucou ele. – Agradeça a mim.

O Ranger do Portis estava enterrado na neve, mas estacionado bem onde ele dissera que estaria. Ele correu para a frente, jogou seus sapatos de neve na caçamba da caminhonete e enfiou o rifle no suporte na janela de trás. Limpou a neve acumulada da porta do motorista, aí entrou para ligá-la. Eu fiquei parada, escutando enquanto o motor engasgava e chiava, e juro que não respirei até ele pegar e ligar. Então o Portis pulou para fora e fez um gesto para eu me aproximar.

– Nunca tive dúvidas – disse ele, e foi trabalhar nas janelas com um raspador de gelo.

Ele limpou o meu lado primeiro e me disse que o aquecimento estava ligado. Entrei na caminhonete com a Jenna, mas deixei a porta aberta para perguntar a ele se queria que eu dirigisse. Eu sabia que isso ia irritá-lo, mas tinha que ser dito. No mínimo, eu tinha que tentar.

Ele parou de raspar e olhou para mim e sacudiu a cabeça.

– Merda.

– Só estou dizendo – disse. – Você andou bebendo.

– Se você quer andar nesta caminhonete, sugiro que cale a boca e se sente no assento do carona com esse bebê.

– Foi só uma pergunta.

– E eu lhe dei uma resposta – disse ele, e bateu a porta.

Portis quebrou o gelo, e quando o ar ficou quente, eu segurei Jenna perto das saídas de ar para absorver o calor. Estava preocupada que o Portis estivesse puto de verdade, o que poderia afetar seu modo de dirigir, mas ele se abaixou em um joelho e tocou guitarra de ar com o raspador. Eu não consegui ajudar, mas caí na gargalhada. Ele estava tão feliz quanto eu por estar dando o pé para fora das colinas do norte. Por finalmente levar Jenna para a segurança.

– Porra-louca – disse quando ele entrou.

– É – disse ele. – Talvez isso esteja certo.

– Esse calor é gostoso.

– Você não está brincando – disse ele.

– Qual a distância até a estrada principal?

– Não é muito longe – disse ele, e engatou a marcha da caminhonete.

Abrimos caminho pela neve e fiquei surpresa por haver pouco acúmulo. Eu ia perguntar ao Portis sobre isso, mas percebi que só ia levar a um sermão sobre como seus instintos afiados e conhecimento

sobre as colinas o haviam levado a estacionar exatamente onde havia estacionado. Como ele tivera a antevisão de não se enterrar debaixo de trinta centímetros de neve ao estacionar em uma encosta.

Na verdade, Portis provavelmente não fazia ideia se a caminhonete iria conseguir atravessar a trilha até o segundo em que entramos na estrada Grain em um borrifo de neve. Eu não podia me importar menos. Estávamos fora da maldita floresta. Eu estava tão feliz que decidi não mencionar a onda de calor que sentia na testa da Jenna e a forma como isso irradiava contra a palma da minha mão como febre.

Capítulo Dez

Shelton não sabia por quanto tempo dormira no chão com Kayla, mas acordou em pânico apenas por ter dormido. Ele olhou para fora e o céu ainda estava cinza acima do lago Jackson, mas não estava mais nevando. Havia perdido um tempo precioso, e nem se deu ao trabalho de dar outro Valium para Kayla antes de sair. Só deu uma mijada e correu para a caminhonete com seu tanque de óxido nitroso e balões de festa.

Ele ligou sua Silverado e então limpou o para-brisa com uma vassoura que tinha na varanda. A caminhonete estava estacionada em um pequeno sulco, e quando ele entrou de novo na cabine, começou a sacudi-la para tirá-la de lá. Pisava no acelerador e engatava a ré, então pisava no acelerador e engatava a primeira. Acelerador, ré. Acelerador, primeira. Acelerador, ré, e ele havia saído! Era realmente uma forma de arte.

Ele atravessou o lago e então pegou a estrada Grain para sair das colinas e chegar à autoestrada 31, onde virou na direção da cidade e dirigiu ao longo do lago Michigan, sua Silverado oscilando um pouco com o vento que vinha da baía.

Ele queria que fosse outra pessoa que o tivesse irritado e roubado Jenna. Shelton achava que tinha um bom relacionamento com os mexicanos, e especialmente com o trabalhador Hector Valquez. Hector era um bom garoto e passara com segurança as metanfetaminas do Shelton para seus amigos e família, um quarto de grama por vez.

Sinceramente, Shelton preferia Hector aos merdas dos garotos brancos mimados com quem ele às vezes tinha oportunidade de trabalhar. Hector não reclamava, não dava tantas desculpas. E, por mais zangado que Shelton estivesse, por mais violentamente irado se sentisse, sabia que por baixo daquele ódio havia uma grande quantidade de mágoa. Havia confiado no safado do chicano, e não estava acima dele sofrer a dor daquela traição.

Ele passou pela fábrica de cimento, ainda no auge de sua decadência teatral ao longo da costa, e pelo Shoreline Estates, o estacionamento de trailers onde morou na juventude. Então, a autoestrada passava em torno da cidade e ele pôde ver o centro sonolento e o campanário da igreja metodista. Podia ver as casas suavemente iluminadas nas ruas cheias de neve, e lembrou-se de quando eles decoravam tudo para o Natal e Cutler parecia uma aldeia de trenzinho elétrico na neve.

Mas ele não estava indo para a parte pitoresca da cidade. Shelton estava indo um pouco mais para o sul, onde a autoestrada dava na rua Detroit e entrava direto na parte leste de Cutler.

O leste de Cutler sempre fora o lado errado da linha do trem, uma favela de cidade pequena com o bom senso de permanecer em um estado de desespero e vergonha empobrecida, até os mexicanos se mudarem para lá e matarem todo mundo de medo com sua disposição para trabalhar. Até os criminosos entre eles pareciam prontos para ascender.

O próprio Hector estava usando seu dinheiro de drogas para pagar alguns cursos na universidade comunitária. Hector queria um bacharelado em Administração, o que quer que isso fosse, e Shelton meio que o havia considerado uma inspiração até ele invadir sua casa e roubar Jenna.

Hector morava na esquina das ruas Detroit e Emmett, e Shelton estacionou no meio-fio a meio quarteirão de seu degrau da frente. Shelton desligou os faróis e deixou a caminhonete em ponto morto enquanto o bairro se espalhava cinza-chumbo à sua volta. Quatro quarteirões de casas geminadas que se deterioravam e tudo estava fechado e imóvel, de certa forma mais escuro até do que o céu. Shelton percebeu que não havia uma única luz acesa em volta dele e achou que um transformador devia ter estourado. Os transformadores no leste de Cutler sempre entravam em pane numa tempestade, e às vezes por nenhuma razão. Ninguém se importava, a não ser os mexicanos.

Shelton cheirou um balão e espiou pelo para-brisa. Ficou olhando para a porta da frente do Hector e ponderou se deveria esperar um minuto para ver se o garoto saía ou simplesmente invadir direto e começar a quebrar coisas.

Era estranho, mas por um momento Shelton ansiou pelo verão. Ele adorava o leste de Cutler no tempo quente, quando as crianças chutavam bolas de futebol na rua e os homens bebiam cervejas geladas, *cervezas*, enquanto ficavam em cima dos capôs de seus Chevrolets. No verão do leste de Cutler, as mulheres penduravam roupas em suas minúsculas varandas e os aparelhos de som tocavam música festiva mexicana no máximo. Você podia sentir o cheiro da carne grelhada e da cerveja de alto teor alcoólico, e ouvir o canto das meninas que pulavam corda.

Shelton se sentiu um pouco solitário então, pensando nas famílias mexicanas dentro de suas casas pobres, todas aninhadas e aconchegadas na tempestade. Observou a fumaça subir dos telhados inclinados e gastos e ficou imaginando o que todo mundo estava fazendo para passar o tempo. Dava para botar uma porrada de mexicanos dentro daquelas casinhas geminadas minúsculas, e ele imaginou famílias inteiras reunidas em volta da lareira, fazendo colchas coloridas e cozinhando feijão em panelas gigantes.

Shelton admirava muito a cultura mexicana, se parasse para pensar a respeito. Os mexicanos se apoiavam e valorizavam a família de agregados. Tinham vários usos para a turquesa, que era uma pedra linda, se você quisesse saber a opinião do Shelton. Também haviam inventado a tortilla e tinham muitas fábulas interessantes sobre sofrimento ancestral. Os mexicanos eram ótimos trabalhadores e pareciam confiáveis em geral, o que fazia esse negócio de tráfico de escravos ser ainda mais desanimador.

Shelton inalou um balão azul, depois um vermelho. Vermelho e azul formam roxo, então inalou um desses em nome da simetria. *Uá-uá-uá.*

Ele botou seu capacete e tirou a Glock do cinto. Achou que ia ter que entrar e arrancar o filho da puta de lá. Não podia simplesmente ficar sentado ali o dia inteiro e esperar. Shelton sabia o quanto as primeiras quarenta e oito horas eram críticas no caso de uma pessoa desaparecida, mas assim que abriu a porta, ele olhou para cima e viu o pequeno Hector trotando pelos degraus da frente abaixo.

Ele abriu o visor para ter certeza, mas era mesmo o pequeno Hector. Shelton reconheceria aquele jeans largo e aquele casaco sujo dos Dallas Cowboys em qualquer lugar. O garoto pescou um cigarro do bolso do casaco e Shelton ligou a mira de laser e manteve o pontinho vermelho entre as sobrancelhas

negras do Hector e esperou que ele percebesse.

O plano era congelar o garoto onde ele estava. Mantê-lo imóvel com o laser e então andar até ele e bater em seu nariz com a coronha da Glock. Depois que Hector sentisse o sangue jorrar, depois que aquele osso duro e cartilagem tivessem virado areia, ele estaria pronto para falar. Não haveria necessidade de negociações inteligentes.

Hector acendeu seu cigarro, aí ergueu os olhos e viu o laser. Essa visão extravagante pagou por si mesma com o terror de boca aberta com o qual Hector rastreou o facho vermelho até sua fronte.

– É isso mesmo, filho da puta – disse Shelton, e andou na direção dele.

Hector o chocou, então, girando rapidamente para a esquerda e correndo. Era talvez a coisa mais impressionante que Shelton jamais testemunhara, como um milagre ou um estigma. Hector havia desafiado diretamente ele e sua Glock, e Shelton ficou tão surpreso que ficou parado ali por um minuto, com seu laser *Tron* fixo no monte de neve onde o garoto estivera de pé. Shelton nem pensou em se virar e mirar de novo até Hector ter desaparecido por um beco.

Shelton sabia que não devia tentar alcançá-lo a pé. Ele guardou a Glock e pulou para dentro da caminhonete de novo. Engatou a primeira na Silverado e se afastou do meio-fio. Seus pneus guincharam e cuspiram neve.

Procurou Hector nos becos e nos espaços entre as casas geminadas, mas o safado havia desaparecido. Shelton não achava que ele havia atravessado o rio Grande sendo um alvo fácil.

O mistério do desaparecimento da Jenna fora solucionado, porém. Se Hector não estivesse envolvido, por que sairia correndo? Ele estava envolvido até o pescoço. Tinha que estar, para arriscar a vida e seu corpo fugindo do Shelton e de seu facho vermelho mágico.

Shelton entrou em um beco estreitado pela neve no final da rua. Derrubou algumas latas de lixo e virou o retrovisor para trás enquanto a Silverado deixava um rastro de tinta. Pisou mais fundo no acelerador e faíscas subiram dos tijolos até o beco inteiro parecer estar tomado de insetos brilhantes.

Ele entrou a toda na estrada Jupiter e lá estava o Hector, dois quarteirões à frente e correndo rápido pelas calçadas sujas de neve. Shelton não sabia se algum dia vira alguém correr tão rápido. Hector provavelmente estava usando um par de tênis de cano alto do Kmart, dois tamanhos menor. Ainda assim, lá estava ele, um relâmpago mexicano voando baixo.

Shelton pisou no acelerador e ganhou algum terreno. Hector olhou para trás de si e, quando viu Shelton diminuindo a distância, dobrou a esquina seguinte e quase perdeu o equilíbrio, provavelmente teria caído de cabeça se não tivesse agarrado uma placa de “pare” e se jogado na rua Gibbons. Shelton também derrapou pela via de quatro pistas e teve que endireitar a caminhonete na interseção.

A Gibbons era uma rua larga, cheia de lojas baratas e postos de gasolina. Eram os oitocentos metros de expansão suburbana de Cutler, e Shelton dirigiu dentro do limite de velocidade. Sempre havia policiais na Gibbons e, apesar da cautela de Shelton permitir que Hector recuperasse sua vantagem, ele estava satisfeito em segui-lo desde que Hector estivesse sob suas vistas.

Shelton não podia acreditar na forma como Hector continuava correndo, na forma como mantinha sua velocidade. Se Shelton tivesse que correr tão longe quanto Hector, já teria capotado e morrido duas

vezes. Shelton admirava a determinação do garoto, o que só fazia a desintegração rápida de sua amizade mais difícil de suportar.

Hector pulou a cerca do playground da escola Saint Francis enquanto Shelton parava no sinal vermelho na esquina da Gibbons com a Michigan. Lá, olhou no porta-luvas para ver se tinha alguma coisinha guardada. Encontrou um quartilho de uísque, o que foi um alívio.

Procurou algo bom no rádio, mas era tudo comercial. Olhou pelo retrovisor, viu que estava limpo, e ergueu a garrafa para dar um gole. Tamborilou no volante e esperou. Não havia ninguém na rua, nem mesmo nessa leve diminuída da tempestade, então decidiu ignorar o sinal vermelho e ir em frente. Deu mais um gole no uísque, para continuar a diversão.

Alguma coisa estava tocando no rádio, mas ele não sabia o que era. Reconhecia a melodia, porém, e cantarolou junto. Passou pelo posto da Amoco e pela Urgent Care e pela loja de revistas em quadrinhos. Virou na rua Stanley e lá estava o Hector, finalmente em um trote mais lento na calçada.

Ele esperava não ter que matar o Hector para recuperar a Jenna, nem mesmo ter que machucá-lo demais, mas isso era mais uma decisão do Hector, não era? Essa parte não tinha nada a ver com Shelton. Ou o Hector ia cooperar ou não ia.

Enquanto isso, o fugitivozinho havia corrido até estar em uma situação difícil. Acabou que não havia nenhum beco lateral ou esquinas abruptas na rua Stanley. Só havia a rua e o arame farpado onde a Fords Usados Stanley se estendia por quarteirões. O pequeno Hector havia se encurralado em uma reta, e Shelton o havia pego sem dúvida.

Ele não achava que Hector ia parar e tentar pular aquela cerca, não quando só o que Shelton teria que fazer era saltar e derrubá-lo no chão. Ou talvez lhe dar um tiro atrás do joelho, mas só como advertência e prova da seriedade de suas intenções.

No final da rua havia a trilha de bicicletas que corria ao longo do rio Bear, que obviamente era o motivo pelo qual Hector escolhera esse caminho. Se chegasse à trilha de bicicletas ele estaria seguro, relativamente. Shelton não podia dirigir além do retorno no fim da rua, e mesmo estando tão cansado quanto Hector estava, não havia como Shelton conseguir alcançá-lo a pé.

O plano do garoto foi frustrado, porém. Shelton o pegara bem antes do retorno e diminuiu a velocidade da Silverado até deslizar, então estacionou no meio-fio. Ele não estava mais do que um metro e meio atrás do Hector agora, e deu uns tapinhas rápidos na buzina como cumprimento. Sabiamente, Hector parou de correr e virou-se para encará-lo.

Shelton botou a caminhonete em ponto morto, abriu a porta e pisou na calçada. Apontou a Glock e colocou o laser bem no peito do garoto. Shelton pensou em como tudo era tão precário, a vida e o universo.

Capítulo Onze

Portis dirigiu pelo centro da estrada Grain e o Ranger manteve uma linha reta difícil pelo meio dos acostamentos cheios de neve. Os pinheiros eram próximos uns dos outros e a neve havia começado a cair novamente.

Alguém estava no rádio, cantando sobre o céu de Houston e galopar por entre campânulas. Portis estava com a janela meio aberta e fumava enquanto dirigia. Ele fez um gesto para o rádio com a cabeça e disse que era Warren Zevon.

– Quem é esse?

Foi uma pergunta da qual eu me arrependi imediatamente quando Portis lançou um olhar ofendido na minha direção.

– Obviamente eu falhei com você – disse ele. – Obviamente não fiz o suficiente para lhe ensinar o que é importante quando tive a oportunidade.

– Que seja – disse. – Quem foi o terceiro presidente dos Estados Unidos?

– Thomas Jefferson – respondeu ele. – Quem foi o quinto?

– Esqueci que você conhecia os presidentes – falei.

– Isso é só parte do que eu sei. E James Monroe foi o quinto presidente dos Estados Unidos.

– Só preste atenção – pedi. – Mal posso dizer onde a estrada está.

– E você queria dirigir.

Portis se inclinou para a frente para limpar um pouco do embaçado no para-brisa e eu podia ver que ele estava no auge de sua glória. Tinha um meio sorriso convencido e claramente acreditava que ganhara alguma vitória crítica sobre mim. Eu sacudi a cabeça para a Jenna.

– Não ligue para o seu tio Portis – afirmei. – Ele só está velho e amargo com o mundo.

– Para a sua informação – disse ele –, Warren Zevon é só um dos maiores compositores americanos de todos os tempos. Apesar do fato de que o Hall da Fama do Rock'n'Roll ainda ter que reconhecer seu brilhantismo. Mas, ainda assim, a Madonna está consagrada lá. Assim como o ABBA.

– A Madonna era casca-grossa – retruquei.

– A Madonna deu um beijo de língua em um Jesus negro – disse Portis. – Pelo que eu dou crédito a ela.

– O quê?

– Esquece – disse ele. – Não é do seu tempo. A questão é que eles podem empossar quem quiserem em seu clube ridículo, mas não esperem que eu leve a sério uma instituição quando você rejeita artistas da estatura de Warren em favor de uma praga da música como Barry Gibb.

Eu queria dizer alguma coisa sobre a estrada na nossa frente, como cada vez mais eu não conseguia diferenciá-la do acostamento. Queria que Portis diminuísse a velocidade, mas tinha medo de deixá-lo

realmente zangado, o que só o levaria a pisar fundo no acelerador para me contrariar.

Segurei Jenna apertado e imaginei se seria melhor ou pior para ela se eu me prendesse com o cinto. O cinto me protegeria, mas se houvesse um acidente eu me preocupava que o cinto fosse estrangulá-la.

Achei que a melhor coisa seria botar o cinto da barriga e enfiar a tira do ombro atrás de mim. Fiz isso rapidamente, preocupada que as minhas preocupações ofendessem o Portis.

– Ele compôs uma música chamada "Keep Me in Your Heart" – disse Portis. – Foi logo antes de ele morrer de câncer. E vou lhe dizer agora que essa música a deixa oca com sua verdade. Você vai sentir como se uma parte do seu coração tivesse sido escavada. E o que o Barry Gibb fez? Usou calças apertadas e fez música para homossexuais, foi isso que fez.

Eu não sabia o que podia ser dito a respeito de Warren Zevon ou Barry Gibb. Achava que não havia nada que eu pudesse dizer. Só estava feliz pelo Portis ter os meios para proferir um discurso como aquele sem falar arrastado. Esse era realmente o momento para se preocupar com o Portis, quando ele começava a cortar as pontas de suas sílabas e suas palavras ficavam redondas e preguiçosas e todas escorregavam juntas em um ensopado.

Segurei a Jenna e me permiti pensar no que eu poderia fazer quando saíssemos das colinas. Devíamos levar a Jenna para o hospital, é claro. Aí eu talvez aceitasse aquela refeição quente com o Portis, afinal de contas. Almoço no Elias Brothers parecia muito bom, apesar de que o que eu realmente queria era tomar uma ducha e dormir um pouco. Mal podia esperar para afastar o frio e a sujeira, e então me arrastar para debaixo de alguns cobertores pesados e fechar os olhos. Eu ia dormir pelo tempo que quisesse, pelo máximo que pudesse, e então ia acordar e voltar a procurar Carletta.

Eu dissera ao Portis mais cedo que nunca mais voltaria às colinas, mas, mesmo enquanto estava dizendo isso, sabia que era mentira. Eu precisava descansar um pouco, mas não estava mais confortável deixando a mamãe do que estava quando subira a estrada Grain na noite anterior.

Olhei para o Three Fingers e ele estava congelado onde cortava por entre os pinheiros e empoçava. Pensei na corredeira colina abaixo e imaginei a que distância ao norte estávamos da casa do Shelton. Eu ia falar algo a respeito para o Portis, sobre quão longe havíamos chegado, quando senti o Ranger cair.

Foi um pulinho, na verdade, a breve sensação de que estávamos caindo, antes de a caminhonete bater na neve e sermos empurrados para a frente em nossos assentos. Virei meu ombro na direção do painel e bati com força, mas protegi Jenna do impacto o melhor que podia.

Mordi forte a língua, e depois que a caminhonete se estabilizou um pouco da sacudida, minha boca se encheu de sangue e a Jenna começou a chorar.

– Merda – disse Portis, e pisou no acelerador.

Eu podia ouvir os pneus girando, e o Portis engatou a ré, mas a caminhonete não se moveu. Cuspi um pouco de sangue no chão e então olhei para ele atrás do volante.

– Estamos presos – disse ele.

Os faróis estavam virados na direção de um pequeno grupo de bétulas, e entre elas e as árvores havia neve funda. Portis pisou no acelerador e tentou nos balançar para fora de novo. Ele foi da primeira para ré, depois de volta para primeira, mas os pneus só giravam.

– Eu dirigi para fora da estrada – disse ele.

– Eu posso sair e empurrar – retruquei.

Portis esticou a mão e desligou o rádio.

– Silêncio – disse ele.

Ele abriu sua janela e fomos atingidos pelo vento. Eu balancei a Jenna no joelho para tentar acalmá-la. Levei um instante, mas então ouvi o zumbido.

– Merda. Isso são eles?

Portis saltou da caminhonete e me disse para pegar as coisas da Jenna. Joguei a bolsa por cima do ombro e abri a porta enquanto o choro da Jenna chegava ao máximo.

– Eles estão perto – disse ele.

Eu quase caí quando cheguei ao chão, mas enfiei uma das mãos na neve para me impedir de cair. A neve chegava às minhas canelas e eu tropecei de novo quando tentei dar um passo para a frente. Aí senti o Portis atrás de mim, me agarrando pelo capuz para me puxar.

Ele apontou para um grupo de pinheiros e disse que havia uma tocaia para cervos no topo da subida logo atrás deles. A encosta toda era um borrão cinza e embotado para mim, mas Portis conhecia cada centímetro e lia aquela pequena extensão de árvores como se fosse uma placa em néon. Ele saiu andando com sua própria mochila e o rifle, e eu o segui com as duas mãos segurando embaixo da Jenna para impedir que sua cabeça quicasse.

Eu podia ouvir os trenós se aproximando, mas tinha medo de me virar para trás e olhar. Corri rápido e reto e quase bati na tocaia antes do Portis abrir a porta e me guiar para dentro. Eu estivera olhando para as árvores e nunca pensara que ele queria dizer uma tocaia no chão.

Era um quadradinho de madeira velha castigada pelo clima, e havia aberturas cortadas em dois lados para atirar. O chão era de terra e grama salpicada de neve e eu caí em cima do meu traseiro e olhei para o Portis. Ele me disse para fazer uma mamadeira para a Jenna.

– Mantenha-a em silêncio – disse ele. – Cubra sua boca, se precisar.

Vasculhei a mochila, mas não consegui encontrar o leite em pó. Jenna estava gritando, e o Portis se virou para mim enquanto puxava uma caixa de munição da mochila e carregava o rifle.

– Cubra-a – disse ele.

Botei a mão por cima da boca da Jenna e me forcei a apertar. Eu podia sentir seus lábios tremendo e soltando cuspe na minha palma, e quando ela começou a chutar, tirei a mão e seus gritos se derramaram para fora.

Portis se agachou atrás da janela e apontou para o canto do esconderijo diretamente do lado oposto ao dele. Deslizei para lá com a Jenna e encostei as costas na parede enquanto ele se levantava um pouco para olhar pela janela.

– Eles nos viram – disse ele.

– Shelton?

– Não – respondeu ele. – Parecem o Flecha e o Krebs.

– São só os dois?

– É. Parece que sim. Eles ainda não viram o esconderijo, mas viram a caminhonete. Provavelmente também nos escutaram.

Apertei a Jenna nos meus braços.

– Eu não vou correr – sussurrei.

– Você vai correr se eu mandar você correr.

– Vamos ver se vou – respondi.

Portis mirou o rifle pela janela e o apoiou no ombro. Ele me perguntou se eu conseguia ver do lado de fora e eu me sentei agachada para poder enxergar.

– O da direita é o Flecha – disse ele. – O outro é o Krebs.

Eles dois estavam se movendo agachados. Krebs estava com a pistola no centro da colina, enquanto o Flecha carregava uma mochila passada pelo ombro e se deslocava pela linha das árvores.

– Estou com vocês dois no meu campo de visão – gritou Portis. – E não me importo de atirar. Só para garantir que estamos na mesma página.

Krebs congelou e aí se jogou na neve, enquanto o Flecha se abaixou mais, subiu mais alguns metros na colina e se protegeu atrás dos pinheiros.

– Aqui vai a advertência – disse Portis, e atirou para dentro das árvores.

Os homens se abaixaram mais, e Jenna quase pulou do meu colo. Ela gritou novamente e eu sussurrei para ela que estava tudo bem. Que tudo ia ficar bem.

Foi o Krebs que gritou para o alto da colina.

– Quem está aí nesse esconderijo com você, Portis?

– Isso não é da sua conta.

– Acho que você está com um bebezinho aí. E o Flecha disse que viu uma garota.

– Bem, o Flecha não enxerga porra nenhuma.

– O bebê não parece muito feliz – disse Flecha. – Pelo jeito como está chorando.

– Ela sente a sua presença e não faz bem a ela.

– O engraçado – disse Krebs – é que nós tivemos um bebê que sumiu ontem à noite. Lá na fazenda. E o Rick ofereceu uma recompensa. Cinco mil dólares para quem quer que a leve de volta.

– Cinco mil – disse Portis. – Isso não é muito por um bebê. Ele é branco?

– Até onde eu sei – respondeu Krebs.

– Se é branco, deve valer dez. O velho Rick está tratando vocês como otários, meninos. Um bebê branco vale seu peso em ouro. Vocês sabiam que no mundo inteiro as pessoas preferem o bebê branco aos de outras raças? Você sabia disso, Krebs? As pessoas preferem um bebê branco a um membro de sua própria tribo. Eu acho isso triste, você não acha?

– Sabe – disse Krebs –, acontece que eu não tenho tempo para as suas cascatas.

– É mesmo? – disse Portis. – Então por que ainda estão aí fora na neve?

– Porque pretendemos levar esse bebê de volta para sua mãe verdadeira.

– Vocês não sabem nada sobre isso – disse Portis. – Esse bebê estava em estado de abandono.

– Se você fosse esperto sobre isso, podíamos conversar sobre uma parte do lucro para você – disse

Krebs. – Um pedacinho, de qualquer modo.

– O bebê vai ficar comigo – respondeu Portis. – Não há nada para negociar.

– Você vai entregar esse bebê – disse Flecha –, ou eu vou tirá-lo desse esconderijo com gás.

O Flecha havia tirado a mochila e se agachado como um apanhador de beisebol atrás da árvore. Ele era desengonçado, encurvado e membro dos McGraw – uma família abominável de Cutler com laços com a milícia. Estava usando um casaco camuflado e máscara de esqui, e segurou um cilindro para que nós víssemos. Era mais ou menos do tamanho de uma lata de refrigerante e ele o abaixou rápido.

– É uma misturinha caseira – disse. – Você pode chamar de gás lacrimogêneo. Pelo menos é com o que mais se parece em termos do efeito geral.

– Portis – gritou Krebs, e ergueu as mãos para o céu –, posso dar uma palavra com o meu parceiro, por favor?

– Você pode ficar parado aí e falar com esse imbecil se quiser, mas não vão dar um único passo em qualquer direção.

– Tudo bem – disse Krebs, aí virou-se para o Flecha e gritou para o outro lado da colina.

– Que merda você está fazendo, Flecha? – perguntou Krebs.

– Vou tirá-los de lá com fumaça – respondeu Flecha. – Aí vamos atacar o Portis. Ele vai estar cego e vamos derrubá-lo facilmente, e aí vamos pegar a garota e o bebê. Você vai fazer a sua parte, Krebs. Você vai atacar ou não vai ter direito à divisão por igual do dinheiro.

– Não pode jogar gás no bebê – disse Krebs.

– O Portis é o alvo aqui, não o bebê.

– É – disse Krebs. – Mas o bebê está na porra da tocaia com ele!

– Com ou sem bebê, eu não vou ficar sentado aqui o dia inteiro e deixar que ele dê tiros aleatórios na gente.

– Isso é uma lata de canja de galinha com macarrão! – gritou Portis.

– Me provoque e veja por si mesmo.

– Ele resolveu agir por conta própria – disse Krebs. – Portis, eu não sei o que ele tem naquela lata.

– Vou fazer uma contagem regressiva de dez! – berrou o Flecha.

– Flecha! – gritou Krebs.

– Para trás, Krebs. Eu vou tirá-los daquela tocaia e, se o Portis deixar o bebê lá dentro para respirar o gás, então a culpa é dele. Nove!

– Droga! – gritou Krebs. – Só saia com o bebê, Portis!

– Ele está blefando – disse Portis.

– Eu acho que não – disse Krebs, e voltou para sua proteção na neve.

– Não estou blefando nem um pouco – disse Flecha. – Oito!

Portis olhou para mim e então para a Jenna.

– É gás mesmo? – sussurrei.

– Suspeito que sim – disse ele. – Ele é um Einstein com os gases. Provavelmente veio para essa empreitada baseado somente na possibilidade de poder soltar uma de suas valiosas granadas.

– Mas e se ele estiver blefando?

– Não podemos pagar esse blefe. Não com a Jenna sentada aí no seu colo.

– Sete! – berrou Flecha.

– Não acredito que dirigi para fora da porra da estrada – disse Portis.

– Não foi culpa sua – disse.

– Sinto muito não ter conseguido tirá-la desta colina.

– Não é culpa de ninguém – repeti.

– De ninguém além do Shelton Potter – retrucou ele. – E dos dois patetas lá fora.

– Seis!

– A culpa vai ser sua, Portis! – gritou Krebs. – Se isso for em frente, a culpa é sua. Só saia dessa porra de tocaia!

Portis olhou para mim e sacudiu a cabeça. Eu estava chorando, mas disse a ele que estava tudo bem.

– Vá em frente. Nós temos que fazer isso.

Eu me levantei com a Jenna e, quando Portis foi fazer sua concessão, eu vi uma centelha de luz na floresta. O vento empurrou para oeste e então houve um barulho de vácuo, um *whoosh* súbito – como um aspirador de pó em um tapete grosso –, e eu juro que senti o calor por todo o espaço até o esconderijo.

O Flecha nem gritou. Houve apenas o chiado e a explosão das chamas enquanto ele corria pela encosta aberta da colina, o centro enegrecido se agitava no meio de uma bola de fogo. Ele era como um cometa formando um rastro através do céu frio até parar e ser inteiramente consumido – uma estrela derrubada queimando na neve branca.

Portis fez um gesto para que eu continuasse abaixada e mirou o rifle no Krebs, que havia se levantado e estava olhando de queixo caído.

– Meu Deus – disse Krebs.

– Devagar – disse Portis. – Estou mirando o rifle no seu peito.

– Ele a acendeu – disse Krebs. – Aí pegou fogo direto.

– O filho da puta só contou até cinco – retrucou Portis.

– Ele ia usar o elemento surpresa – disse Krebs.

– Ele ia jogar gás nesse bebê – disse Portis.

– Ele pegou fogo como um rojão – disse Krebs.

– Foi um fim ao qual ele estava destinado há muito tempo.

– Nunca vi nada assim.

– Eu estou bem com isso – disse Portis. – Nunca gostei nem um pouco dele.

– Que porra tinha dentro daquela lata?

– Sei lá – respondeu Portis. – Mas você tem sorte do vento estar soprando para o outro lado.

– Vou bater em retirada e descer esta colina de novo – disse Krebs. – Não atire.

– Não vou atirar – disse Portis. – Porque você vai nos ajudar a empurrar a caminhonete.

– Está bem – respondeu Krebs. – Mas depois estou fora dessa confusão.

Eu ainda estava aconchegada com a Jenna no canto do esconderijo e fiquei de costas para a janela para protegê-la um pouco do frio.

– Devo ir? – perguntei.

– Ainda não – disse Portis. – Deixe a fumaça se dispersar um pouco e então desça. Nos dê cinco minutos.

Jenna ainda estava chorando, mas mais suavemente agora. Portis finalmente largou o rifle e bebeu de seu uísque.

– Você viu? – indagou ele.

– A maior parte. Eu acho.

– Devia tentar esquecer a imagem – disse ele.

– Acho que isso não é provável.

– Nunca vi algo assim na minha vida – disse ele.

– Não estou sentindo cheiro de nada – observei.

– Eu também não – disse ele. – Talvez ele tenha absorvido toda a fórmula em sua própria pele, como uma esponja. Talvez seja por isso que pegou fogo assim. Tão rápido.

– Só levou um segundo – disse.

– Eu não sou cientista – disse Portis. – E fico feliz em dizer que não entendo a física do que acabou de acontecer.

Ele deu mais um trago de uísque, aí pegou a garrafa e o rifle e saiu. Assoviou enquanto olhava para o fogo, já diminuindo na neve. Fechei os olhos e respirei.

– O Flecha chamejante – disse ele.

Não fiquei triste com a morte do Flecha McGraw. Ela me chocou e me perturbou, mas quando era comparada com a ideia de entregar a Jenna, eu a via mais favoravelmente. Também me reconfortei com o fato de que ele fizera aquilo consigo mesmo, que apesar da criação e do código genético não poderem ser inteiramente ignorados, no final foi o próprio Flecha quem acendeu o pavio.

É uma coisa terrível ver um homem queimar na sua frente, mas você ficaria surpreso com as coisas que você pode superar quando é preciso continuar andando. Além do mais, eu tinha a Jenna para cuidar. Seu rosto estava corado e vermelho, e agora havia um calor de verdade em sua testa quando eu botava minha palma fria contra ela.

Esperei pelo que pareceu ser cinco minutos, e então me apressei colina abaixo mantendo o olhar direto para a frente. Não estava interessada em vislumbrar o que quer que tivesse sobrado do Flecha e mantive meu foco na Jenna – que não fizera nada errado em toda a sua existência, que não pedira nada da loucura que a cercava.

Ouvi o ronco do trenó do Krebs, mas ele já havia sumido de vista e a caminhonete ainda estava submersa quando chegamos ao pé da colina. Eu não conseguia ver o Portis, mas quando chamei por ele, ele respondeu com um grunhido de detrás da caminhonete.

Corri para encontrá-lo de quatro. Ele estava sangrando no estômago e tentando rastejar para a frente, mas desistiu quando me viu e caiu contra o pneu traseiro.

– Portis! – gritei.

– Ele atirou em mim – disse ele. – Ele nem queria atirar, o que eu acho que torna isso ainda pior. Eu estava chutando neve para longe dos pneus quando ele voltou para ajudar. Estava andando com aquela pistola balançando e aí a deixou cair na neve, onde ela disparou e me atingiu sem querer.

Portis olhou para uma de suas mãos sujas de sangue, então a recolocou em cima do ferimento em seu estômago e grunhiu.

– Aquela porra daquele idiota – disse, e bateu a cabeça contra o pneu.

– Você está sangrando muito – disse eu.

– Ele ficou com mais medo do que eu. Atirou em mim e então eu me sentei aqui e o vi mijar nas calças. Quando isso acabou, ele subiu no trenó e partiu novamente pela trilha.

– Você acha que ele foi buscar ajuda?

– O Krebs? – perguntou Portis. – De jeito nenhum. Ele está em condicional e provavelmente bem chapado, para completar. Ele vai direto para casa. Aquele filho da puta vai estar no Canadá quando escurecer.

Portis esticou a mão para o uísque e deu um longo trago. Ele esvaziou a garrafa e a jogou na neve.

– As pessoas vão se revelar para você, Percy – disse. – Em momentos singulares elas vão lhe mostrar o que são, e o Krebs é exatamente o covarde que eu sempre suspeitei.

Eu me curvei mais para perto e disse ao Portis que ele ia ficar bem. Disse que ele só precisava tentar ficar de pé. Disse que só o que precisava fazer era botar um pé na frente do outro e andar.

A Jenna estava urrando e eu devia estar falando pelos cotovelos, porque Portis finalmente fez um gesto para eu calar a boca. Ele disse para eu me concentrar no bebê.

– Você precisa tentar acalmar esse bebê – disse.

– Nós temos que tirar você daqui – respondi.

– Eu não vou a lugar nenhum – disse ele.

– Portis – pedi. – Por favor.

– Você fez um bom trabalho – disse ele. – E estou orgulhoso de você.

– Não fique orgulhoso. Só se levante.

– Vá fazer uma mamadeira para esse bebê – respondeu ele. – Aí acenda um cigarro para mim e me traga o meu uísque. Deve haver uma garrafa debaixo do banco do motorista.

Eu fiz o que o Portis pediu. Preparei a mamadeira na cabine, apesar de ter derramado a maior parte do leite em pó com minhas mãos trêmulas. Depois peguei o uísque e o cigarro. E me sentei ao lado do Portis com a Jenna no colo e botei o cigarro entre os lábios dele. Abri o uísque e entreguei a garrafa para ele.

– Cadê o bebê? – perguntou ele.

– Está bem aqui – disse eu. – No canguru.

– Ela está se acalmando.

– Ela está bem – disse eu, e olhei para ela.

– Vocês são boas meninas. Vocês duas.

– Só tente se levantar para mim, Portis. Por favor.

– O isqueiro está no meu bolso – disse ele.

Acendi o cigarro e ele deu alguns tragos profundos antes de eu puxar o cigarro e deixá-lo exalar. Ele tossiu a fumaça e gemeu por causa da dor. Bebeu um pouco mais de uísque e então pediu o cigarro. Fui colocá-lo em sua boca, mas ele esticou a mão e o fumou sozinho.

– Nós não terminamos bem – disse ele. – Eu e a sua mãe. Mas tivemos bons momentos, não é? Nós quatro.

– Tivemos – respondi.

– Lembra daquela vez que fomos ao Victories jogar boliche? Quando a Starr não parava de escorregar e cair de bunda?

– Eu me lembro.

– Lembra?

– Lembro.

– Eu não acredito em você.

– Ela se recusou a calçar os sapatos – falei. – Ela gostava de algum garoto e estava convencida de que ele ia entrar e vê-la com os sapatos de palhaço, então ela jogou boliche de meias, em vez disso.

Portis sacudiu a cabeça.

– Ela era louca por garotos – disse ele. – Hormônios, tipo *uau*.

Ele riu, aí agarrou a barriga e se retraiu. Virei para o outro lado quando a bílis saiu, mas ficou agarrada à barba dele quando ele tossiu e se estendeu em uma longa linha que saía do canto de sua boca. Ele limpou com as mãos e eu podia sentir as lágrimas enchendo os meus olhos.

– Eu penso naqueles dias, às vezes – disse ele. – Os velhos tempos, sei lá. Penso em vocês, meninas.

– Eu também penso sobre isso – disse eu.

– Nós tivemos bons momentos.

– Tivemos. Nós tivemos os melhores momentos.

– Eu não vou sobreviver – disse ele.

– Você tem que tentar.

– Vou morrer aqui, onde estou sentado.

– Não vai, não – respondi.

– Por favor, não discuta comigo – disse ele.

– Não vou deixar você morrer, Portis. Não é isso que vai acontecer.

– Eu não me preocuparia com esse rifle – disse ele. – Leve pouca coisa e seja esperta. Ganhamos um pouco de tempo para você, mas você tem que ficar fora da estrada agora. Voltar para a floresta.

– Eu não vou a lugar nenhum.

– Uísque – disse ele.

Levei a garrafa aos lábios dele e ele deu outro gole.

– Há um elemento de alívio nisso – disse ele. – De verdade.

– Só se levante, Portis. Por favor.

– Eu não vou me levantar. Não consigo.

– Nós precisamos de você.

Ele se virou de lado e começou a balbuciar. Fechei o punho e bati em seu peito, mas ele nunca se virou de novo para ficar de frente para mim. Continuei socando e então agarrei o casaco dele e tentei puxá-lo na minha direção, quase como se eu achasse que podia puxá-lo de volta, de algum modo – como se a morte fosse apenas alguma beirada da qual você pode impedir alguém de cair.

Portis não voltou, é claro. Ele se fora e eu gritei quando vi a vida deixar seus olhos – como a luz se apagando através de um dimmer.

Capítulo Doze

Shelton havia acabado de sacar a arma para Hector quando o zumbido em seu peito começou. Ele achou que estava tendo algum tipo de indigestão ou talvez um ataque cardíaco, até ouvir o toque e perceber que era o celular.

Ele tirou o telefone do bolso da frente de sua roupa de neve e manteve a mira de laser no garoto. Eles estavam longe o bastante da trilha de bicicletas, dois quarteirões pelo menos, portanto Shelton não estava preocupado que o Hector escapasse novamente. Estava perfeitamente satisfeito em manter o garoto congelado ali por mais um ou dois minutos enquanto atendia sua chamada. Acima de tudo, Shelton era um homem de negócios.

Era o Krebs. Krebs nunca se dava ao trabalho de dizer alô ou de perguntar como o Shelton estava. Ele simplesmente partiu direto para a história de como o Flecha havia queimado inteirinho.

– Ele o quê? – perguntou Shelton.

– Ele pegou fogo – disse Krebs. – Está morto.

– Você está dizendo que o Flecha McGraw morreu queimado?

– Foi o que eu disse.

– Minha nossa – disse Shelton.

– Nós encontramos aquele maldito bebê. Portis estava com ela em uma porra de tocaia para veados. Podíamos ouvi-la chorar.

– Vocês encontraram o bebê?

– Encontramos – disse Krebs. – E aí o Flecha botou fogo em si mesmo.

– Por que ele fez isso?

– Como assim, por quê? Foi um maldito acidente.

– Você a pegou? Você pegou a Jenna?

– Porra, não – disse Krebs.

– Por que não?

– Porque o Flecha pegou fogo e aí eu fugi.

– Por que você fugiu?

– Porque o Portis tinha um rifle! Ele também estava posicionado naquela tocaia. Não havia nada que eu pudesse fazer.

– Então o que você está dizendo é que Portis Dale está com o bebê?

– É o que eu estou dizendo.

– Então isso não tem nada a ver com o pequeno Hector ou com os mexicanos?

– Não havia nenhum mexicano. Não sei nada sobre mexicano nenhum.

– Graças a Deus.

– É, graças a Deus o Flecha não foi morto por um mexicano, isso teria feito toda a diferença, seu idiota.

– Não é isso – disse Shelton. – É complicado.

– Não para o Flecha.

– O Flecha está morto – disse Shelton.

– Eu sei, seu filho da puta. Fui eu que liguei e lhe disse.

– E agora? – perguntou Shelton.

– Agora? – disse Krebs. – Agora nada. Agora eu vou para casa. Mas o Clemens ainda está por lá, em algum lugar. Aquele filho da puta está determinado a receber esses cinco mil dólares. Ele me disse que planejava matar Portis Dale com um tiro, se necessário. O lance é que eu emprestei o meu revólver para aquele filho da puta semana passada.

– Você está dizendo que o Clemens ainda está lá procurando? E que ele pretende atirar em Portis Dale se necessário?

– Com a minha arma – disse Krebs.

– Bem – disse Shelton –, isso parece um plano.

– Não é plano nenhum – retrucou Krebs. – Seu imbecil. Você nunca teve um plano na vida, e esse negócio todo está tão errado que eu vou para casa passar o resto da noite desejando nunca tê-lo conhecido, seu idiota.

Krebs desligou o telefone e Shelton não ficou incólume ao seu tom e suas acusações. Krebs tinha o direito de estar chateado, isso era verdade, mas sua raiva havia parecido um pouquinho excessiva, um pouco pessoal demais em sua natureza, se você queria saber a opinião do Shelton.

Shelton deixou sua própria arma cair ao seu lado. Hector olhou para ele por um instante, os olhos arregalados e sem piscar. Pobre infeliz, pensou Shelton.

– Pode ir para casa – disse ele.

O garoto se virou e correu, e Shelton ficou olhando até ele alcançar a trilha no final da rua, até ele desaparecer no borrão de árvores que Shelton podia ver através da neve que caía suavemente. Ele estava aliviado por não ter tido que matar Hector, afinal de contas, e esperava que pudessem continuar amigos quando tudo isso tivesse terminado.

Shelton voltou para dentro da caminhonete e encheu um balão de gás para si. Estava na hora de se concentrar de novo. O Flecha estava morto, mas Shelton não tinha nenhuma ideia sobre o que fazer a respeito daquele fato. Clemens ainda estava lá fora à espreita, mas ele tinha quase sessenta anos de idade e estava no seu segundo quadril. Portanto, Shelton não tinha exatamente certeza sobre qual seria o próximo passo. Momentos como esse o faziam duvidar de suas habilidades como líder. Ele consumiu um balão, depois outro. Sua cabeça fez *uá-uá-uá*.

Ele engatou a primeira da caminhonete de novo e de repente reconheceu a música que tocava no rádio. Era aquela sobre o astronauta e sobre ficar fora por muito, muito tempo.

Shelton ligou a seta e fez o retorno para a rua Gibbons. As nuvens estavam baixas de novo e o céu cinza havia ficado claro com a neve. O Apocalipse, sem dúvida, pensou Shelton. Se havia alguma dúvida

antes, não podia haver nenhuma agora. Essa era uma tempestade com cara de castigo bíblico.

Shelton estava indo na direção da autoestrada e depois para as colinas do norte. Estava na hora de encontrar Portis Dale e o bebê. A pequena Jenna já estava desaparecida há tempo suficiente. Shelton cantarolou junto com o rádio e esticou a mão para a garrafa de meio litro. Ele dirigiu pelas ruas silenciosas na tempestade.

Capítulo Treze

Eu não me lembro de deixar Portis na caminhonete. Não me lembro de nada depois do momento em que ele morreu, além de um som como o motor de um jato subindo da base do meu cérebro e ficando cada vez mais alto, até eu ser afogada dentro de mim mesma pelo rugido.

Suponho que tenha pego a Jenna e ido embora, porque a primeira coisa que me lembro é de estar de volta à floresta e do bebê chorando. Não tentei reconfortá-la porque ela estava com fome e eu havia deixado a água na mochila do Portis. Não tivera os meios para pegá-la, e quem sabe quanta distância eu já pusera entre nós e aquela encosta.

Também percebi que estava do lado errado do rio. Eu havia pensado que estava a leste do Three Fingers e planejara andar para o sul de volta para o barraco, mas a floresta era muito esparsa à minha volta e a neve estava caindo pesada através dos espaços. Eu estava andando em campo aberto e as nuvens ajudavam a me esconder um pouco, mas não havia clemência do frio.

Depois de algum tempo, cheguei a uma pilha de lenha empilhada entre duas bétulas e coberta com um encerado. Além da pilha de lenha havia um trailer, de onde eu podia ouvir uma porta de tela rodar em suas dobradiças. A neve no jardim estava acumulada e não havia luzes no trailer no momento em que cheguei mais perto.

A floresta era esparsa, mas as árvores à minha volta eram altas e eu podia ouvir os galhos chacoalhando conforme o vento soprava através deles. Jenna estava acordada e agitada – se debatendo no canguru e chutando.

– Um minuto, doçura – disse eu. – E vamos levá-la lá para dentro.

O trailer era um dos do Shelton. Eu sabia que ele tinha alguns escondidos nas colinas, pequenos, que usava para cozinhar metanfetamina, e nós íamos ter que nos arriscar e entrar. Não havia nenhum carro nem trenó estacionado na frente, e apesar de eu acreditar que estávamos perto da fazenda, não achava que fosse provável que o Shelton tivesse andado no meio da tempestade. Achei que o trailer provavelmente estava vazio, e era a melhor chance que tínhamos de encontrar um pouco de água e um pouco de calor.

Fui até a varanda dos fundos, segurei a tela quando ela se abriu e a prendi na parede com a mão. Olhei para dentro através de uma janela de vidro, mas estava escuro como piche do lado de dentro e, quando experimentei a porta, ela estava trancada. Dei um passo para trás, larguei a tela por um segundo, e ela se soltou e bateu na parte de trás da minha cabeça.

Eu gritei e tropecei para fora da varanda. Havia um latejo no alto do meu crânio e ele se ampliou até encher minhas narinas e empurrar com força contra a parte de trás dos meus globos oculares. Levei um momento para me recompor e então cuspi na neve. Como eu posso ter mencionado, começa a parecer pessoal.

Fui até a pilha de lenha em seguida, agarrei uma tora e a apoiei debaixo de uma janelinha do outro lado do trailer. Subi um pouco e meu rosto estava no mesmo nível do vidro. Jenna estava chorando agora, e eu me virei de lado para protegê-la enquanto espanava a neve e chegava ao gelo moído debaixo.

Eu não podia enxergar pela janela, mas abri os punhos e botei as mãos nas laterais e empurrei. Empurrei até o gelo rachar e cair do encaixe e a janela subir em sua moldura.

Desci para tirar a mochila. Peguei o leite em pó e o coloquei no beiral da janela, então enfiei a mamadeira da Jenna no bolso do meu casaco de capuz.

– Estamos quase lá agora – disse eu.

Espiei para dentro com a lanterna e pude ver uma banheira manchada de ferrugem, uma pia e uma privada. Havia uma goteira no teto, e ela fazia um som alto naquele aposentozinho minúsculo. Finalmente, tirei o canguru com a Jenna dentro e tentei abaixá-la para dentro da pia. Ela gritou e esticou as mãos para mim, e eu a agarrei de volta imediatamente.

– Eu sei, bebezinha. É só por um minuto.

Ela gritou mais alto da segunda vez e no final eu tive que forçá-la para dentro da pia. Entrei em seguida, caindo alguns centímetros até o chão, onde estiquei a mão para o leite em pó e puxei a janela para fechá-la atrás de mim. Aí fui até a Jenna.

Estava quente no banheiro. Havia calor pulsando através do registro, mas isso não me preocupou. Voltei para o fato de que não havia veículos do lado de fora, e achei que o Shelton devia ter se esquecido de desligar o interruptor quando saíra da última vez. Virei minha lanterna para o corredor escuro e havia calefação caindo do forro do teto e lixo espalhado pelo tapete. A cara do Shelton. Um trailer vazio cheio de detritos tóxicos, e ele o estava enchendo de ar quente.

Havia água também, e quando girei o registro da pia, ela saiu rápido e quente da torneira. Enchi a mamadeira, misturei o leite em pó e alimentei a Jenna no chão.

Eu me recostei na banheira enquanto a sensação chegava aos meus dedos como pequenas chamas na ponta de palitos de fósforo. Era bom tirar o canguru, deixar os músculos das minhas costas se alongarem.

– Coma, bebezinha – disse. – Coma.

Jenna mamou sua mamadeira e então sua respiração ficou lenta e ritmada. Eu sabia que ela ia adormecer e isso me reconfortou. Queria largá-la, mas sobretudo estava feliz com o nosso minúsculo padrão previsível. Ela comia e depois dormia, e eu estava feliz por ter algo com que nós duas podíamos contar.

Eu a larguei no canguru assim que ela adormeceu e deixei-a dormir em cima do piso. O leite em pó estava quase vazio quando eu enchi o medidor. Não havia nada além de uma pitadinha no canto da lata, e isso não nos daria nem um gole. Eu esperava que ela tivesse absorvido o resto que podia agora, porque ia ficar de tanque vazio daqui por diante.

Entrei no corredor com a lanterna e abri caminho pelo meio do lixo. Eu estava procurando um telefone, mas só havia mais imundície. Garrafas vazias de produto de limpeza e fluido de isqueiro, garrafas de refrigerante e canos enegrecidos e círculos pretos queimados no tapete.

Andei de uma ponta do trailer até a outra, e foi ali no corredor, entre um quarto e um armário de

utensílios, que encontrei Carletta de cara no chão.

Seu braço esquerdo estava torcido e enfiado debaixo de sua barriga, e as pernas viradas para trás em um V. Ela não estava morta. Eu podia ver seus ombros subirem com a respiração, e quando a rolei na minha direção, ela gemeu e olhou para cima. Ela estava viva, mas seus olhos estavam embotados e imóveis como pedras.

– Sou eu. Mamãe. É a Percy.

– Docinho – sussurrou ela, e esticou os braços para mim.

A coisa que mais me surpreendeu foi a minha própria surpresa. Eu não podia acreditar que não havia pensado que a mamãe podia estar aqui. O trailer era um lugar tão lógico quanto qualquer outro para ela esperar a tempestade passar e, como ela não estava na fazenda, eu devia ter sabido que devia ter ido a algum lugar por perto para fazer um pouco de pedra e ficar ilhada. Eu devia ter sabido que ela reapareceria no momento em que a Jenna mais precisasse de mim, depois de eu já ter perdido o Portis e quase ter esquecido por que viera às colinas, para começo de conversa.

Eu a ergui pelos ombros e a puxei para perto do meu peito. Seus braços estavam frouxos e seu cabelo estava úmido de oleosidade e aglutinado em mechas. Ela estava usando um moletom esfarrapado e calça jeans e tinha cheiro de merda queimada. Parecia que tinha sido cuspida para fora pela tempestade.

– Mamãe – disse. – Estou bem aqui.

Carletta chorou nos meus braços, e quando chorei de volta, eu não podia ter exatamente certeza por quê. Eu estava louca de raiva, mas estava aliviada também. Ou pelo menos estava tão vazia e exausta que parecia alívio. Mamãe estava viva e eu estava ali para abraçá-la.

– Está tudo bem, mamãe. Estou aqui agora.

Eu me recostei na parede para me equilibrar e empurrei meu corpo para cima, com os braços da Carletta passados em volta dos meus ombros. Ela estava com as pernas trêmulas e se apoiou com força em mim. Eu disse a ela que ela estava indo muito bem e a firmei contra o quadril. Passei o braço em volta dela e a levei pelo corredor.

– Eu sinto tanto – disse ela.

– Tudo bem – respondi. – Vai ficar tudo bem, mamãe.

Nós entramos no banheiro e eu a abaixei até o chão. Ela não disse nada sobre a Jenna, se é que a percebeu. Mamãe só passou os braços apertados junto ao peito e ficou sentada olhando para o chão de azulejos deteriorados. Ela estava balbuciando algo sobre o frio.

Botei Jenna no corredor logo do outro lado da porta e examinei o tapete em volta dela, procurando algum líquido químico derramado ou qualquer coisa cortante. Verifiquei o teto acima, procurando goteiras, e então dei mais uma olhada nela. Ela estava dormindo profundamente. Era tão doce quanto podia ser.

Voltei para a mamãe, acendi o interruptor do banheiro e deixei a luz do teto piscar. Ela era amarela e fraca, e havia um zumbido na lâmpada enquanto brilhava. Mamãe tossiu e seu peito estremeceu com o catarro.

– Vamos limpar você – afirmei.

Liguei o chuveiro e a água engasgou e cuspiu até o jato sair limpo. Botei a mão para testar a temperatura e estava quente.

– Estou com tanto frio – disse ela.

– A água está gostosa – retruquei.

Ajudei-a a tirar seu moletom e, na luz, pude ver o cruzamento de veias roxas por cima de seu peito e de seus braços, e então as manchas disformes e acastanhadas no pescoço e nos ombros. Mamãe se curvou para a frente para sair de suas calças e quando viu as laterais de suas coxas sujas de merda, começou a soluçar.

– Eu sinto tanto – disse, e se segurou na beirada da banheira para se equilibrar.

– Vamos só limpá-la – respondi.

Eu a guiei para dentro do chuveiro e perguntei se ela tinha alguma coisa limpa para vestir. Ela ficou em pé, tremendo, os braços passados em volta dos ombros enquanto a água escorria por cima dela.

– Eu tenho uma bolsa – disse ela. – Pode haver alguma coisa na minha bolsa.

– Onde está a sua bolsa, mamãe?

– Não sei – disse ela, e chorou mais forte. – Não sei onde a minha bolsa está, doçura. Sinto muito.

– Tudo bem – disse eu. – Vou procurar.

A bolsa estava no quarto e havia algumas roupas suficientemente limpas dentro, mas o que me fez hesitar foi o cobertor de bebê que encontrei no bolso da ponta.

O negócio é que nem todos os viciados são como você vê nos filmes. Eles não estão sempre batendo de carro e pondo fogo nas coisas. Às vezes não é nada dramático. Mamãe, por exemplo, adorava ficar sentada no sofá fazendo tricô enquanto ficava chapada. Durante todo o inverno ela estivera trabalhando em um cobertor para o meu sobrinho, Tanner, e eu não podia acreditar que ela realmente o havia terminado.

Eu o segurei perto do rosto e senti a maciez da lã. Era azul-bebê e debruado de vermelho. Carletta havia feito em tamanho grande porque queria fazer algo com que Tanner pudesse crescer, e eu admito de boa vontade que nunca pensei que ela iria até o final. Aquele cobertor era um quadrado rugoso de lã da última vez que eu vi, mas parecia que ela havia usado sua onda nas colinas para alimentar uma maratona de ponto de cruz.

Starr podia não ter falado com a mamãe desde que se mudara para Portland, mas eu achava que o cobertor podia ser o suficiente para fazê-la mandar um cartão pelo correio. Talvez um cartão de agradecimento simpático e uma foto do Tanner para completar. Eu sabia que poderíamos nunca ser uma família como você vê na televisão, onde as adversidades de todo mundo os aproxima mais e os torna mais fortes no final – mas acreditava que ainda podíamos ser alguma coisa. Um cobertor pode não parecer grande coisa para a maioria, mas eu juro que fez o meu coração inchar enquanto eu o dobrava em um quadrado e o deixava ao lado da bolsa.

Encontrei um copo empoeirado na cozinha, deixei a água fria correr, aí voltei para o banheiro para encontrar mamãe sentada dentro da banheira, tremendo. O chuveiro estava desligado e eu lhe entreguei o copo e lhe disse para beber.

– A água ficou fria – disse ela.

– Tudo bem – disse eu. – Vá em frente e beba. Tome um pouquinho, pelo menos.

Ela forçou um golinho, e então outro. Devolveu o copo, aí puxou as pernas para cima e passou os braços em volta das canelas. Seus dentes estavam batendo quando ela se inclinou para a frente e descansou a cabeça nos joelhos.

– Sinto muito – disse eu. – Acho que não há nenhuma toalha.

– Ah – disse Carletta, e sua voz falhou com força. – Ah, meu doce.

Eu me ajoelhei no linóleo, estiquei as mãos para dentro da banheira e segurei seu corpo molhado contra o meu. Mamãe chorou e eu podia sentir o baque de cada soluço conforme ele vibrava em suas costelas. A tristeza da mamãe era sempre física assim – era seu próprio tipo especial de violência.

– Está tudo bem – sussurrei. – Estou bem aqui, mamãe. Vai ficar tudo bem.

– Docinho – disse ela, e acariciou o meu cabelo.

– Eu vi que você terminou o cobertor – disse eu. – Para o Tanner. É lindo.

Mamãe começou a ir e voltar então, resmungando sobre como ela sentia muito e como as coisas iam ser diferentes de agora em diante. Ela estava seca o bastante para se vestir, então a tirei da banheira e botei-a em seus jeans. Vesti seu moletom e fiquei sobressaltada com um pedaço evidente de couro cabeludo – um pedaço largo, branco como osso, entre tufos de cabelo.

Tentei ajudá-la a ficar de pé. Eu queria levá-la para o sofá na sala, mas Carletta implorou para largá-la.

– Só me deixe dormir, amor – disse ela.

Pode parecer ruim, mas eu parei de lutar e a botei bem ali no chão de azulejos. Se mamãe tinha um talento, era dormir em qualquer lugar em que sua cabeça caísse.

Deixei a mamãe e levei Jenna pelo corredor até o quarto. Ela estava queimando de febre, mas o feitio do cobertor era perfeito e eu achei que poderia ajudá-la a suar. Sentei ao lado dela e a observei respirar. Coloquei o dedo em sua bochecha e comecei a chorar. Portis estava morto.

Capítulo Catorze

A primeira coisa que Shelton fez quando voltou para a fazenda foi cuidar da Kayla. Ele precisava mantê-la apagada, mas decidiu ignorar o Valium e tomar um caminho mais sutil e suave.

Parou em sua gaveta secreta na cozinha para pegar um baseado, então sentou-se ao lado dela no chão e cruzou as pernas em posição de lótus. Colocou os dedos no pulso dela e sentiu o vestígio fraco de um batimento. Ele a amava, a amava tanto que fazia seu coração doer, trazia uma dor genuína para suas costelas.

Os Talking Heads cantavam: *Saca só o sr. Homem de Negócios... Ele comprou uma vida louca, louca.*

Shelton acendeu o baseado e deu um trago, mas foi só para gerar um pouco de fumaça para soprar na direção da Kayla. Para que ela pudesse ficar aquecida e reconfortada em seu sono. Para que, se acordasse para o terror que a esperava, ela pudesse ter as bordas suavizadas, nem que só por um momento.

Ele a virou de barriga para cima, passou um dedo por sua bochecha e então soprou uma linha de fumaça em sua boca com um beijo. Observou a fumaça ser expelida pelo nariz, aí ela tossiu e um pouco saiu por aquela abertura adorável de seus lábios. Ele beijou a testa dela e então ouviu o telefone tocar. Era o Clemens.

Shelton não estava acostumado com os caras do Rick telefonando para ele, e a verdade era que estava meio lisonjeado com toda a atenção. Ele atendeu, e Clemens estava com a respiração pesada do outro lado.

– Nós temos corpos nessa colina – disse ele. – Alguém morreu queimado. Eu aposto no Flecha McGraw, e o Portis Dale está deitado morto no pé da colina, ao lado de sua caminhonete. Ele levou um tiro e não há nenhum bebê.

– Não há nenhum bebê?

– O bebê sumiu.

– Onde?

– Sei lá.

– Por que você não sabe?

– Porque ele já tinha sumido quando eu cheguei aqui. Não deixou nenhum bilhete.

– O Portis está morto?

– Mortinho.

– Você atirou nele?

– Não. Eu o encontrei assim.

– O Krebs disse que você planejava matar Portis Dale.

– Eu não.

– O Krebs disse que você pegou o revólver dele emprestado e estava preparado para disparar se

necessário.

– Bem – disse Clemens –, me parece que nós sabemos quem matou o Portis.

– O filho da puta mentiu para mim.

– O Krebs é um merda – disse Clemens. – Eu avisei a você sobre ele antes.

– Então o que aconteceu com a Jenna?

– Eu não sei se quero dizer.

– Eu acho que você devia.

– Não tenho como saber, de verdade.

– Você tem que dizer, Clemens. O que quer que seja.

– Eu estou preocupado, é só isso – disse Clemens. – Comecei a pensar que talvez aquela Wolfdog tenha pego o bebê. Saiu arrastando e sabe lá Deus o quê. Portis normalmente está com aquela Wolfdog.

– Você acha que Wolfdog pegou o bebê?

– Eu acho – respondeu Clemens. – Mas não sei.

– Jesus, Senhor – disse Shelton.

– Estou indo para aí agora mesmo – disse Clemens.

– Para onde?

– Para a fazenda.

– Para quê?

– Nós precisamos nos sentar e resolver esse negócio. Temos cadáveres aqui, Shelton. Não podemos simplesmente deixá-los aqui fora.

– Não estou em casa – disse Shelton, e olhou pela janela para a neve furiosa.

– Onde você está?

– Em Charlevoix, a Linda.

Ele achava que era um lugar tão bom quanto qualquer outro para fingir estar.

– Fazendo o quê?

– Falando com uns sujeitos que podem saber alguma coisa sobre esse bebê.

– Não há mais nada para saber. Aquele bebê está em algum lugar nas colinas.

– É por isso que você precisa continuar procurando.

– Planejo continuar – disse Clemens. – Mas temos que esclarecer algumas coisas primeiro.

– Tipo o quê?

– Tipo, o Rick disse algum detalhe sobre aquela recompensa?

– Detalhe?

– Acho que o que estou perguntando é, isso é uma situação de vivo ou morto? Em termos da condição do bebê?

– Condição?

– Odeio que seja desse jeito, mas é uma pergunta que precisa ser feita.

– Você é um pedaço de merda seca e congelada, Clemens. Está preocupado com dinheiro enquanto um bebê está desaparecido.

– São tempos difíceis agora, Shelton. Eu agradeceria se me poupasse das suas críticas.

– Não há recompensa para um bebê morto, Clemens. Ela não é uma fugitiva da justiça. Mas vou lhe dizer o seguinte. Traga-me o cadáver dela de volta e eu lhe dou uma moeda, vinte e cinco centavos inteiros, logo antes de lhe dar um tiro no crânio.

– Você seria um idiota se continuasse falando comigo desse jeito por mais um minuto – disse Clemens.

– Por quê?

– Porque eu sei com certeza que o Krebs vai tentar jogar isso para cima de você, quando não colar comigo. Conspiração para cometer homicídio, filho. Você contratou o serviço.

– Eu não contratei serviço nenhum.

– De acordo com você, um criminoso condenado.

– O Krebs não é nenhum menino de igreja.

– Não – disse Clemens. – Mas ele também não bateu em um homem quase até a morte no Paradise Junction. Não é ele quem trafica metanfetamina.

– Não – retrucou Shelton. – Ele trafica cocaína.

– Bem, você sabe como é a mídia em relação à metanfetamina. Eles são tendenciosos.

– Nós devíamos dar um jeito de botar a culpa desse negócio todo no Flecha. A porra do Flecha não vai se importar.

– De qualquer modo – disse Clemens –, eu sou basicamente o melhor amigo que você tem no mundo neste momento, Potter. É melhor você considerar os fatos antes de sair cuspindo da próxima vez.

– Você acha mesmo que Wolfdog pegou o bebê?

– Eu não sei. Foi um pensamento terrível que eu tive, e acredito que deva ser considerado como uma possibilidade.

– Temos que continuar procurando.

– Eu vou até a fazenda primeiro – disse Clemens. – Precisamos esclarecer algumas coisas antes de eu sair de novo. Preciso de algumas garantias. Já liguei para o Rick e deixei um recado. Ele ainda não me ligou de volta.

– Isso foi um erro – disse Shelton. – Você não devia ter ligado para o Rick.

– Bem, eu liguei.

– Ele não queria ser incomodado.

– Ele vai ficar feliz em ter sido incomodado quando descobrir sobre o Flecha e o Portis Dale. Estou indo para aí agora. Vamos nos sentar no calor e resolver isso.

– Eu lhe disse que não estou em casa.

– Eu o encontro aí, então – disse Clemens.

Shelton desligou, aí beijou a testa da Kayla e a virou de barriga para baixo de novo. Era sua posição natural de descanso.

Obviamente ele não podia ficar esperando para ter uma conversinha com o Clemens. Shelton iria até seu trailer mais próximo, em vez disso, para ver se conseguia fazer uma fornada e botar a cabeça no

lugar.

Para ser totalmente sincero, Shelton precisava de um pouco de metanfetamina. Ele tinha o que seria chamado na comunidade científica de compulsão, apesar da palavra não conseguir capturar bem o significado ou o poder súbito e estranho da sensação. A forma como ela aparentemente surgia do nada, como um desastre natural ou um apocalipse.

O tio Rick chamava de fixação. Bem, o Shelton era o sr. Jones, tropeçando pelo *barrio*. Mais cedo ele estava bem, mas agora não estava. Para tudo há uma estação, gira, gira, gira.

É, uma viagem até o trailer seria perfeito. Ele precisava de um lugar tranquilo para fumar e pensar nas mentiras que tentaria vender para o tio Rick antes de começar a soltá-las atropeladamente. A verdade era que estava surpreso por não ter pensado em ir para o trailer antes. Pôs a culpa no óxido nitroso, que ele admitia de boa vontade que podia afetar suas tomadas de decisão.

Ele viu a espingarda apoiada no canto e a pegou para a viagem. Havia terminado a garrafa de meio litro na caminhonete e ficou aliviado em encontrar meia garrafa de uísque no freezer. Pegou uma caixa de munição de espingarda no alto da geladeira, enfiou-a no bolso e saiu de volta para o frio.

Ele ligou a Silverado, então ficou sentado dentro da caminhonete em ponto morto e consultou a garrafa de uísque. Shelton curtia seu óxido nitroso, não vamos deixar dúvida, mas ainda assim havia momentos em que você precisava de um pouquinho de bourbon junto, para acalmar os nervos. Você podia lidar com o óxido nitroso, desde que não fosse usuário habitual. Eles o chamavam de crack de hippie, mas podia ser controlado se você soubesse o que estava fazendo, como o Shelton. Ele deu alguns tragos na garrafa, sentiu um desabrochar de calor no fundo de sua barriga.

Não conseguia se lembrar de colocar a caminhonete em primeira, mas logo se viu dirigindo pela estrada. Já havia atravessado o lago Jackson e percorrera boa parte da Grain, e estava se aproximando da entrada para o trailer. Era difícil enxergar na neve, mas felizmente ele confiava em suas habilidades como motorista de inverno. Também conhecia essas colinas, conhecia as pistas duplas e as trilhas, as freadas bruscas e as curvas fechadas.

Algo o estava incomodando, porém, e tinha a ver com a Glock no banco do carona. De repente, a Glock o estava deixando inquieto. Ele não sabia dizer por quê, mas a arma havia rastejado bem para debaixo de sua pele.

Talvez fosse porque ele quase havia matado o pequeno Hector com ela, ou talvez tivesse a ver com sua mira laser e suas complexidades da era espacial. Parecia ao Shelton que as coisas já eram complicadas o suficiente. O que ele precisava agora era da espingarda que havia guardado atrás de si. O que ele precisava agora era do propósito claro daquele cano longo e frio.

Ele abriu a janela, pegou a Glock do assento, jogou-a na tempestade, dentro do vento que uivava, e sentiu um rápido jorro de alívio.

– Pronto – disse, e aumentou o rádio.

O Guns N' Roses estava tocando, e o Axl estava cantando sobre uma garota chamada Michelle. Era uma boa canção, mas Shelton ficou pensando se era realmente sobre uma garota que Axl estava cantando. Parecia um momento estranho para tal pensamento, mas Shelton não pôde deixar de imaginar

se o velho Axl Rose era homossexual. Parecia que podia ser, um garoto magro como aquele de calça de couro e cantando como uma garota, para começo de conversa.

Shelton não conseguia se lembrar se houvera relatos sobre isso ou não. Parecia que de tempos em tempos algum astro do rock virava homossexual, mas Shelton não podia confirmar ou negar se essa população incluía Axl Rose. Mesmo que ele não fosse assumido, Shelton apostava que havia experimentado. O rock'n'roll era uma vida de excessos e experimentações, e parecia a Shelton que em algum ponto Axl Rose devia ter segurado o pau de outro homem nas mãos. Ele provavelmente também deu alguns puxões, só para ver o que aconteceria.

– Noites de Hollywood – disse Shelton.

Ele olhou para o velocímetro e percebeu que estava andando a sessenta quilômetros por hora. Isso parecia bem rápido, mas também não parecia.

– É tudo relativo – disse ele.

Pisou no acelerador e a caminhonete avançou. Ele bebeu mais do uísque. *Glu, glu, glu*.

Ele havia saído da estrada Grain agora, mas não era tão ruim dirigir na estradinha de duas pistas que levava ao trailer. Ele ficava ao sul do lago Jackson e a oeste do rio, e mesmo com a neve caindo pesado pelo meio das árvores, a ancoragem da Silverado na trilha era sólida. Seus pneus estavam espalhando neve como se fosse um comercial do Chevy Tough.

Ele pisou mais uma vez no acelerador, uma pisada de amor, na verdade, aí viu um lampejo de movimento na periferia. Uma silhueta deslocando-se rápido através do borrão de neve. Era difícil enxergar pela janela, embaçada agora pelo calor, mas ele jurava que parecia que o Velho Bo estava lá fora correndo. A janela ainda estava aberta de antes e ele se curvou para fora e chamou seu cachorro.

O ar entrou frio e com força, e em algum lugar dentro daquele rugido do vento, Shelton achou ter ouvido Bo gritar para ele de volta. Ele franziu os olhos na tempestade, e quanto menos podia enxergar, mais tinha certeza de que seu cachorro estava ali fora com ele, correndo ao seu lado pela noite tempestuosa.

Ele sabia que o Velho Bo estava morto, mas ainda assim Shelton jurou que seu espírito estava vagando ali na floresta. Podia senti-lo, e quando olhou para fora, viu o Velho Bo reconstituído em seu corpo jovem. Ele viu Bo pular para cima nas quatro patas, como quando era filhote, quando ele era só alegria e músculos fortes.

Shelton acabara de pensar que devia diminuir a velocidade da caminhonete, que não queria atingir Bo acidentalmente, quando viu o cervo investir. Ele pisou no freio e a Silverado rodou descontroladamente para a esquerda. Ele agarrou o volante enquanto a caminhonete derrapava fora de controle e ele via o grande cervo passar pelos faróis. Viu o chute alto dos cascos dianteiros e a galhada grande e cavernosa. Viu o branco de um olho e o focinho molhado e esponjoso. Shelton gritou e ficou triste pelo animal na eternidade que se desdobrou antes do impacto.

A grade dianteira do Shelton bateu no flanco do cervo e então o corpo maciço rolou para cima do para-brisa, onde Shelton viu o vidro explodir em uma centena de centelhas de luz fraturada, cacos subindo acima dele enquanto giravam.

Capítulo Quinze

Eu ainda estava no trailer, sentada no quarto com a Jenna, quando vi os faróis. Eles brilharam pela floresta do lado de fora da janela. Havia dois fachos longos estendendo-se pela escuridão como tábuas.

Saí correndo pelos fundos e desci rapidamente os degraus da varanda, achando que pertenciam a alguém preso em uma pilha de neve. Jenna estava dormindo no cobertor do Tanner e Carletta ainda estava desmaiada no banheiro, e pensei que o motorista provavelmente tinha um telefone celular e que seríamos resgatadas – mas cerca de cinquenta metros adiante, me ocorreu que quem quer que estivesse dirigindo era provavelmente Shelton Potter. Afinal de contas, era aquele buraco de trailer dele que elas estavam invadindo.

Desliguei minha lanterna, me abaixei e andei devagar e com cuidado. Eu podia ouvir música, a batida do baixo e uma guitarra estridente, e andei na direção do som até ver a Silverado do Shelton atravessada em um ângulo na pista. Não havia nada além de alguns pinheiros entre nós e me joguei de joelhos na neve.

Eu podia ver seus ombros grandes e encurvados caídos por cima do volante e o para-choque dianteiro da caminhonete pendurado. O para-brisa já era e a luz da cabine estava acesa, e a neve estava caindo em cima de seu corpo imóvel. Vinte metros atrás, um cervo caiu na estrada e eu podia ouvir o lamento horrível através da música e do vento.

Havia um pinheiro caído à minha esquerda e eu rastejei para trás dele e botei o peito na neve. Achei que era possível que o Shelton estivesse morto e que, se estivesse, eu poderia encontrar seu celular e finalmente ligar pedindo ajuda, mas ele podia estar só desmaiado e o que aconteceria se eu andasse até lá e o acordasse?

Se tudo estivesse calmo, eu poderia ter esperado um pouco mais, mas eu não gostava de a Jenna estar tão longe lá na casa e não gostava de deixá-la com a Carletta. A febre dela havia me assustado e nós precisávamos de um telefone, então eu me levantei um pouco para ficar agachada e andei lentamente na direção da Silverado.

Cheguei perto o suficiente para ver o cilindro de gás ao lado do corpo dele. O idiota estivera consumindo um tanque de óxido nitroso e havia uma garrafa de uísque no meio de suas pernas, que de alguma forma permanecera inteira na batida. Então eu vi seu celular no chão, do lado do motorista – um retângulo preto salpicado de sangue em cima de uma pilha de cacos de vidro.

Dei mais um passo, e então Shelton se mexeu ao volante e soltou um gemido. Eu congelei, e quando ele começou a levantar os ombros do volante, eu me virei e corri. Saltei para o meu pinheiro e então fiquei pequenininha atrás dele, me afundando o máximo que podia na neve e enterrando a cabeça nos meus braços.

Ouvi Shelton murmurando para si mesmo, falando rápido, e aí o barulho de suas botas na neve.

Fechei meus olhos mais apertado e prendi a respiração.

Já tive pesadelos nos quais percebo que estou dormindo e tento me forçar a acordar e não consigo. Nesses sonhos eu estou encurralada, e minha última esperança é, de algum modo, me forçar para fora do meu corpo, subir acima de qualquer horror que esteja acontecendo e vê-lo de algum lugar que não é sonho nem estar completamente acordada – mas isso não era um sonho e eu não podia sair do meu corpo; estava completamente trancada dentro dele, em vez disso. Era tudo um medo gelado e o coração martelando, e quando ouvi a espingarda disparar, achei que tinha sido atingida até perceber que os gritos do cervo haviam sido silenciados.

Olhei por cima do meu pinheiro para ver Shelton andando de volta para a caminhonete. Ele estava com a espingarda passada por cima do ombro e estava usando uma espécie de capacete de proteção com um visor preto e, quando virou a cabeça para varrer a floresta com os olhos, eu juro que ele olhou bem através de mim.

Eu me joguei de volta na neve e escutei o abrir e fechar da porta da caminhonete. Ouvi o motor ligar e então a Silverado acelerar e se dirigir de volta para a trilha.

Fiquei olhando por cima do pinheiro até as luzes traseiras desaparecerem na escuridão, e aí me levantei e corri até o trailer. Eu corri até as minhas pernas pegarem fogo, e quando escorreguei na neve, me levantei rápido e corri com mais força. Eu corri e, conforme me aproximei do trailer, podia ouvir Jenna chorando.

Entrei pelos fundos. Chamei pela Jenna e pela mamãe e então me virei na direção do som dos gritos. O banheiro estava trancado, mas eu podia ouvi-las lá dentro e sacudi a maçaneta.

– Mamãe! – gritei e esmurrei a porta. – Abra, mamãe!

Carletta resmungou algo, mas eu não conseguia escutar por cima da Jenna. Chutei a porta e gritei para ela abrir, mas mamãe não reagiu.

Corri pelo corredor na direção do quarto. A luz estava acesa e havia uma poltrona meio caída no canto do aposento, onde o estofamento saía através do tecido como chumaços de algodão. Ao lado da poltrona havia uma mesa de cabeceira, e em cima da mesa de cabeceira, um cachimbo de vidro. O canguru fora deixado, mas o cobertor fora levado com a Jenna.

Mamãe não machucaria um bebê de propósito, mas quando estava muito chapada podia cair direto no delírio. Ela podia estar segurando Jenna e apertando-a até a morte sem saber. Podia estar com ela pressionada contra seu peito com tanta força que podia quebrar uma costela, ou pensar que a estava ninando suavemente quando estava realmente sacudindo-a como uma boneca de pano.

Havia cabides no armário e eu peguei um e destorci o gancho. Passei o canguru por cima do ombro e levei o arame reto até a porta do banheiro. Gritei para a mamãe. Pedi para que ela abrisse, apesar de saber que não abriria. Comecei a tentar sentir o lingote através da abertura minúscula na maçaneta e fiquei falando com a Jenna pela parede. Eu disse a ela que ia ficar tudo bem.

– Estou bem aqui fora, queridinha – disse eu.

Jenna gritou e eu me agachei do lado de fora da porta e enfiei o arame.

– Um segundo, chuchuzinho. Estou bem aqui.

O lingote finalmente foi pego e eu abri a porta para encontrar Jenna no colo da Carletta. Mamãe estava sentada dentro da banheira, o cabelo caindo por cima do rosto em mechas e escondendo a Jenna parcialmente. Carletta se balançava para a frente e para trás e apertava Jenna enquanto ela urrava.

– Shh – disse Carletta. – Estou tentando fazer esse bebê dormir.

– Mamãe. Sou eu.

– Eu disse *quieta* – disse Carletta.

– Posso segurar o bebê por um minuto?

– O Tanner está bem onde está.

– Essa é a Jenna – respondi, e cantarolei esperançosamente com a minha voz.

Cheguei mais perto e mamãe olhou para cima com seus olhos distantes. Ela olhava para algum ponto ao longe, além de mim, e beijou Jenna com força na testa.

– Ele é um bom menino – disse ela. – Mas não quer parar de chorar.

– O nome dela é Jenna.

– Ele é muito doce – sussurrou mamãe.

– Ela é um bom bebê – disse.

– Estamos nos dando muito bem. Eu o ouvi chorando e fui pegá-lo, e ele finalmente está se acalmando.

Eu me inclinei para dentro da banheira, mas Carletta afastou a minha mão com um tapa e se levantou. Ela cambaleou enquanto saía, mas recuperou o equilíbrio e se aprumou contra a parede. Jenna esticou os braços para mim. Eu estiquei os braços de volta, mas mamãe entrou no corredor e, quando a Jenna gritou e tentou se contorcer para se soltar, mamãe a prendeu com os braços e a Jenna ficou imóvel. O cabelo negro da Jenna ficou de pé, e eu podia ver a marca do moletom da mamãe em sua bochecha onde a pele estava vermelha e inchada.

– Mamãe, por favor – pedi.

– Eu venho esperando para ver essa criança há tempo suficiente – disse ela. – O menino quer ficar um minuto com sua avó.

Finalmente agarrei o ombro da mamãe e gritei com ela para parar, e ela rodou para o outro lado enquanto Jenna gritava.

– Eu disse que nós estamos bem!

– Só um minuto – pedi. – Eu só quero segurá-la, só isso.

Carletta manteve sua pegada em Jenna e se dirigiu para a porta da frente, mas ela só abriu alguns centímetros antes de a neve cair para dentro e formar uma pilha no tapete. Senti o frio entrar e Carletta bateu com o ombro na porta, mas ela não se abria mais contra o peso da neve caída.

– Talvez se você me deixar segurá-la por um minuto – falei. – Ela provavelmente só está com fome.

Carletta virou na direção da cozinha e eu sabia que ela estava indo para os fundos.

– Tanto você quanto a sua irmã – disse ela. – Nenhuma das duas confia em mim com esse bebê.

– Esse não é o Tanner – retruquei.

– Vocês se esqueceram quem limpou as suas bundas e as botou para arrotar, para começo de

conversa.

– Está tudo bem, mamãe. Eu só quero pegá-la por um segundo.

– Eu não vou machucá-lo!

Jenna pulou quando mamãe gritou, mas aí perdeu o fôlego com o medo e corou antes de urrar. Mamãe olhou para cima e seus olhos estavam grandes como luas e inquietos.

– Eu não vou machucar esse bebê – disse ela.

– Eu sei que você não está tentando machucá-la – falei. – Mas posso segurá-la? Só por um minuto? Ela não está se sentindo muito bem.

– Ele está bem – respondeu ela. – O bebê está bem.

Ela abriu a porta dos fundos e saiu para a varanda. Esticou uma de suas botas e tentou chutar a porta de tela para fechá-la, mas eu a empurrei e tomei cuidado para não derrubá-la de costas.

Estendi o canguru.

– Talvez você possa colocá-la aqui por um minuto. Aí nós duas vamos poder segurá-la.

Ela estava segurando Jenna longe do peito agora, longe de mim, e retrocedeu na direção dos degraus. Jenna estava sendo balançada por cima da balaustrada, e ela chutava com as pernas e gritava. Eu podia ver que a mamãe não fazia a menor ideia de onde estava, que não fazia ideia de que a Jenna estava correndo o risco de cair do deque. Jenna fechou as mãos em punhos e havia chorado até ficar em silêncio. Sua boca se abriu em gritos silenciosos terríveis e eu estiquei os braços para ela de novo.

– Mamãe – disse eu.

– Saia – disse Carletta. – Saia da minha casa neste instante, Starr!

– Eu sou a Percy, mamãe. Estou bem aqui.

– Fora! Saia da porra da minha casa, Starr!

Jenna não conseguia recuperar o fôlego para gritar e eu comecei a me preocupar que ela fosse sufocar em seu próprio pânico. Queria passar pela mamãe para agarrá-la, mas tinha medo que a mamãe se afastasse bruscamente e perdesse a Jenna por cima da beirada. Mas quanto mais tempo ela ficasse com os braços esticados, mais fraca ficaria sua pegada, e eu também estava preocupada que seu próximo passo fizesse as duas caírem.

Mamãe ficou ao lado da escada e oscilou. Seus braços começaram a tremer, e finalmente eu cheguei ao seu lado e agarrei um punhado do pijama da Jenna e puxei. Carletta puxou de volta e nós duas demos um passo para longe da outra, enquanto a Jenna finalmente berrava e era esticada entre nós.

Eu gritei com a mamãe. Não sei o que eu disse, mas cuspi como se fosse fogo. Ela apertou sua pegada no tecido felpudo e eu enfiei meus dedos debaixo de seu punho enquanto Carletta soltava um ganido terrível, como um animal. Então joguei o pé em sua coxa e, quando chutei, seus dedos finalmente se abriram e ela caiu.

Ela não rolou escada abaixo, mas só se afundou na neve na varanda, onde ficou choramingando. Olhei para ela e nunca me senti tão revoltada na vida.

Jenna finalmente engoliu ar e gritou. Ela gritou mais alto do que eu já a ouvira gritar e eu a puxei para perto. Ela guinchou enquanto entrávamos de novo e eu tranquei a porta atrás de nós, e ela guinchou

enquanto eu a colocava de volta no canguru e ajeitava o cobertor em cima de seu corpo. Ela guinchou enquanto Carletta rastejava pela varanda, gritando suas ameaças vazias para a porta.

– Sua escrota! – berrou ela. – Abra essa porta neste instante! Está me ouvindo, garota?

Eu corri de volta para o quarto onde havia encontrado a mamãe antes, onde a Jenna estivera dormindo tão profundamente quando eu a deixara no trailer. Fechei os olhos e cantarolei, mas a Jenna continuou guinchando. Ela guinchou enquanto Carletta esmurrava a porta dos fundos, e ainda estava guinchando depois que os murros cessaram.

Eu estava sozinha no trailer com a Jenna, e depois de um tempo olhei pela janela e vi Carletta caminhar para a floresta. Meu instinto ainda era ir atrás dela. Apesar de tudo o que havia acabado de acontecer, parte de mim queria tentar salvá-la de novo – mas eu não podia deixar a Jenna e me concentrei nela, em vez disso.

Desabotoei a parte de cima de seu pijama e ela guinchou mais alto quando minhas mãos frias tocaram sua pele. Dei o nó de um dedo para ela e ela mastigou com força e mamou enquanto eu vasculhava seu corpo procurando ferimentos. Não senti nenhum corte ou sangramento, mas não era tola o bastante para me reconfortar com esse fato. Eu sabia muito bem que algo podia ter acontecido por dentro, apesar de não me permitir ficar pensando por muito tempo no que poderia ter sido.

– Bonequinha – disse e acariciei o cabelo dela.

Ela trabalhou no nó do meu dedo e eu desejei ter uma mamadeira para oferecer. Desejei ter mais uma medida de leite em pó, mas isso havia acabado agora, e só havia o cobertor e o canguru e nós duas juntas no quarto escuro.

Abotoei novamente o pijama dela e senti a febre como uma chama em suas costas. Eu precisava tentar esfriá-la e a carreguei de volta para a varanda, onde peguei uma pazada de neve do corrimão e a trouxe de volta para dentro.

Eu odiava fazer isso, principalmente agora que havia períodos de respiração entre seus gritos, mas quebrei a neve de qualquer modo. Botei um pouco em seus lábios e pus o resto em sua testa, e fiquei ali e a segurei através dos urros.

Eu a segurei até a neve ter derretido e sujado seu rosto com filetes frios, e então sequei as mãos no meu jeans e enxuguei a água. Eu a mantive junto a mim e com força, e depois de um tempo ela finalmente ficou quieta nos meus braços.

Sorri enquanto andava com ela de volta para o quarto, mas não havia nenhuma centelha de reconhecimento da parte da Jenna. A febre estava em seus olhos agora e ela olhou de volta para mim sem ver absolutamente nada.

Eu a coloquei no tapete e me deitei ao lado dela. Cantarolei uma canção de ninar, apesar de ser mais para mim mesma do que para a Jenna. Jenna já estava prestes a dormir de novo.

Eu sabia que devia ficar acordada para ficar de vigia, para monitorar a febre, mas me virei para Jenna e fechei os olhos de qualquer maneira. Fiquei perto dela e sussurrei que tudo ia ficar bem, apesar de duvidar que iria. Eu me senti cair na direção do sono e não tive forças para resistir. Eu havia sido drenada de todas as reservas que tinha. Estava totalmente vazia.

Capítulo Dezesseis

O caminho até a fazenda foi gelado sem o para-brisa, mas Shelton não podia se preocupar com esse desconforto momentâneo, com essas trivialidades. Shelton acabara de passar por uma experiência metafísica e, pela primeira vez desde que Jenna sumira, sabia exatamente o que devia fazer.

Shelton vira o espírito do Velho Bo na floresta e não era coincidência que tivesse colidido com o cervo apenas momentos depois. O que acontecera fora isso: o Velho Bo havia de alguma forma entrado no cervo, de alguma forma se tornara o cervo enquanto ele partia para cima da Silverado. Aí Shelton batera no cervo, na realidade o Velho Bo, e matara seu melhor amigo de novo.

Shelton sabia porque havia sentido a presença do Velho Bo quando ficou acima do cervo e o viu se contorcer na neve ensanguentada. Ele viu a própria alma do Bo dentro do olho apavorado e enlouquecido do animal e, quando ergueu a espingarda para terminar o macabro trabalho da morte, soube que tudo o que havia acontecido desde o falecimento do Bo não fora azar ou alguma loucura não relacionada.

O desaparecimento da Jenna, a quase catastrófica perseguição dele ao pequeno Hector e agora o cervo morto: tudo isso se originava daquela traição terrível e covarde a seu fiel companheiro. Shelton deixara seu cachorro apodrecendo como um pedaço de carne esquecida e aquele único ato iria tingir tudo de preto até que fosse corrigido. O que o Shelton precisava fazer agora, o que ele precisava ter feito o tempo todo, era voltar à fazenda e lidar com o cadáver de seu amado amigo.

Havia um baque debaixo do capô da Silverado enquanto ele dirigia, um barulho na ventoinha, mas levando-se tudo em consideração, a caminhonete havia saído da colisão em bom estado. Fora um cervo de bom tamanho, uma galhada grande, e gordo para essa altura do inverno, e Shelton sabia que tinha sorte da caminhonete estar andando.

Ele atravessou o lago Jackson até a fazenda e lembrou-se do dia em que voltara da prisão para casa. Estava nervoso a respeito de ver o Velho Bo, tinha medo de que seu melhor amigo, e talvez seu único amigo de verdade no mundo, se ressentisse de sua ausência.

Ele deixara Bo aos cuidados do tio Rick, apesar de cuidados ser um termo que Shelton aplicava livremente. O que o tio Rick fazia era vir até a fazenda de vez em quando, sempre que se lembrava, e botar um pouco de comida em uma tigela. Mas ele não saía com o Velho Bo para brincar nem se aninhava com ele no sofá e assistia ao futebol. Não fazia carinho nele ou coçava atrás de suas orelhas ou lhe dizia que o amava.

Shelton achou que o Velho Bo poderia dormir na sala de estar em protesto quando voltasse da prisão, ou ficar andando em volta da casa, punindo-o com choramingos e latidos melancólicos. Shelton não teria culpado Bo se ele fosse vingativo e o tivesse rejeitado – Shelton merecia tudo isso e pior –, mas em vez disso ele viera pulando da varanda no segundo em que os pneus do Shelton tocaram no caminho de

cascalho.

Shelton deu três batidas na buzina, sua saudação costumeira, e o Velho Bo correu impetuosamente para a Silverado. O Velho Bo estava tão entusiasmado que corria em círculos em volta de si mesmo. Ele pulava e gania, depois corria em círculos outra vez. Não podia evitar, estava tão feliz por Shelton finalmente ter vindo para casa. Imagine só, ser tão amado a ponto de fazer um amigo realmente correr em círculos?

Shelton estava estacionado na frente da casa agora, e por um momento acreditou que, se desejasse com muita força, o Velho Bo viria correndo pela porta mais uma vez. Mas é claro que não veio correndo.

Shelton estava sozinho. Seu coração estava pesado e inchado de saudade e ele esticou a mão para seu tanque de óxido nitroso. Consumiu um balão e então outro. Bebeu um pouco de uísque, engoliu, aí esticou a mão para outro balão. Ele consumiu aquele balão e depois outro.

Estranhamente, os balões haviam começado a incomodar Shelton. Era sua natureza comemorativa, seu brilho e sua fantasia, o que ele temia que tivesse se tornado um insulto para o Velho Bo. Os balões haviam começado a contradizer a legitimidade de sua dor, e finalmente ele só botou a boca no escape do tanque de óxido nitroso e abriu a válvula. *Sssssssssssss*.

Ele sentiu o gás atingir o fundo de sua garganta e explodir para fora de seus ouvidos, e então o brilho se abriu em seu cérebro como uma estrela recém-nascida que desabrochava.

Quando Shelton recobrou a consciência, Bob Seger estava no rádio cantando sobre ser um homem incoerente, jogador. Bob Seger nasceu sozinho, na beira do rio, onde aprendeu a girar rodas da fortuna e jogar dados.

Shelton percebeu que havia ficado inconsciente por apenas alguns instantes, mas que o tempo em si não era concreto nem linear, e que cada um daqueles momentos continha eternidades dentro de suas bordas macias e maleáveis e que ele caíra através delas de algum modo e havia tocado brevemente a eternidade. Ele não sabia como sabia disso, mas ele sabia.

Ele se aprumou lentamente. Droga, estava com frio. E onde diabos estava? Sua cabeça doía, mas isso não era tão incomum assim e não o preocupava tanto quanto o frio. Estava sentado dentro de sua caminhonete e podia sentir o calor que saía da ventilação, mas ainda assim estava duro de frio. Estava tremendo como um pintinho. Que porra era aquela?

Ele percebeu que estava na fazenda, e um momento depois lembrou-se de que era onde morava. Mas por que estava tão frio dentro da caminhonete?

Ele esticou a mão e sentiu o ar sem vidro à sua frente, e então lembrou-se do cervo e de como o havia matado. Aí lembrou-se de que o Flecha estava morto e que a Jenna sumira e que Kayla estava lá dentro, tomara que inconsciente. Ele se lembrou de algo sobre Wolfdog levar o bebê e como o gentil Bo estava morto e Shelton deixara sua carcaça em um quarto para apodrecer.

Todos esses pensamentos vieram a Shelton em uma torrente e trouxeram consigo o choque inicial da descoberta. Acabou que o óxido nitroso o levara até o fundo. Ele abrira o gás e o seguira para dentro de

alguma caverna escura e profunda na base de seu cérebro primordial, um aposento frio com paredes de pedra onde ele sentira uma escuridão vasta e uma paz vazia, só para reemergir e reviver o horror de cada acontecimento trágico conforme surgiam em sua mente desperta. A tristeza o espantou e o tomou em ondas. E então vieram o arrependimento e a culpa. E, finalmente, a raiva. No rádio, Bob Seger chegara à parte onde as garotas negras cantam. Elas cantaram: *Homem errante*, *jogador*.

Shelton saiu da caminhonete e sua visão estava embaçada, e as árvores pareciam girar em volta dele enquanto ele andava na direção da casa da fazenda com a espingarda. Seus passos eram pesados e difíceis na neve funda e ele podia ouvir seu coração batendo dentro de seus ouvidos como trovões. Achou que talvez devesse ter pegado mais leve na anestesia.

Estava sem ar quando finalmente subiu os degraus da frente e parou para se apoiar na balaustrada da varanda. Sua cabeça estava latejando. Imaginou se tinha dores de cabeça piores por causa do tamanho tão grande de sua cabeça. Fazia sentido que tivesse.

Entrou pela porta da frente e lá estava o Clemens, de pé na cozinha. O engraçado era que o Clemens estava com as mãos dentro da gaveta secreta do Shelton. A gaveta na qual ele guardava seus baseados pré-apertados e a Glock que acabara de arremessar na tempestade. A mesma gaveta na qual guardava seu dinheiro extra, quando tinha a sorte de possuir algum.

Shelton levou um momento, mas aí lembrou-se do papel contínuo do Clemens no drama da noite, como eles deviam se encontrar aqui na fazenda para discutir Jenna e os cadáveres. Mas Shelton não conseguia se lembrar do Clemens dizer nada sobre vasculhar sua gaveta secreta na cozinha. Parecia que o Clemens resolvera agir por conta própria nessa frente.

Shelton entrara direto pela porta da frente, e ainda assim o Clemens não havia se dado ao trabalho de parar por um minuto para dizer olá. Clemens não pareceu prestar a menor atenção no Shelton. Clemens estava tão concentrado em seus esforços que nem se deu ao trabalho de virar e perceber que Shelton estava ali de pé com sua arma.

Shelton engatilhou a espingarda e a virou para o Clemens, que finalmente congelou e olhou para cima. Seu braço ainda estava até o cotovelo na gaveta.

– Fico imaginando quanto tempo você vai ficar aí com os dedos na minha parada – disse Shelton. – Agora que a arma entrou na história.

Clemens se afastou da gaveta e ergueu as mãos.

– Espere só um minuto – disse ele.

Shelton continuou com a arma voltada para o Clemens enquanto ele se atrapalhava com suas mentiras e explicações ridículas. Ele pode ter até implorado, mas o Shelton não tinha certeza. Shelton não ouviu uma única palavra que Clemens disse porque Shelton já havia partido.

Shelton escorregara para fora de si mesmo, deixara seu corpo tão facilmente e sem hesitação que só percebeu que estava fora quando olhou para baixo e se viu mirando o cano direto no coração do Clemens. E ainda assim ele subiu. Ele subiu até chegar a um lugar de perfeita imobilidade e simetria que era tanto escuridão quanto luz, tanto amor quanto fúria animal. E, daquele afastamento beatífico e distante, ele se viu puxando o gatilho.

O tiro acertou Clemens no alto do ombro esquerdo e pulverizou o forro de madeira atrás dele. Sua cabeça virou para trás com o impacto e, das alturas paradas no tempo das quais Shelton observava, ele podia ver pequenos estilhaços de osso do ombro se dispersarem, como um punhado de minúsculos dentes de tubarão de lojas de suvenir, e podia sentir o cheiro da pólvora e da madeira chamuscada conforme a bala se entocava na parede. Clemens caiu para trás contra a bancada da cozinha e olhou para o Shelton com olhos arregalados e apavorados.

Shelton pretendera matá-lo e estava tanto aliviado por não ter matado quanto envergonhado com sua má pontaria. Aqui estava ele, a menos de três metros de distância, e não conseguia acertar um homem no peito. Visão dupla, ele supunha.

Clemens içou-se segurando na bancada, levantou a mão direita e apelou para Shelton enquanto se movia lentamente na direção da porta.

– Por favor – disse ele. – Não atire.

Shelton abaixou a espingarda e a apoiou na mesa da cozinha. Ele assentiu para Clemens.

– Está bem – respondeu.

Então Clemens sumiu e Shelton sentiu uma necessidade terrível de uma bebida. Andou de volta até a caminhonete para pegar o uísque e decidiu se manter concentrado no que era importante. Bo. Fora para isso que ele voltara para casa originalmente, antes dessa história toda com o Clemens.

Ele ouviu um motor ser ligado e olhou para cima e lá estava a caminhonete do Clemens, a menos de três metros de distância e presa na mesma vala pequena em que o Shelton estivera estacionado mais cedo. Ele estava prestes a ir até lá e lhe dar um empurrão quando Clemens saiu sozinho e foi embora na direção da negritude plana do lago Jackson. Um tiro no ombro por tentativa de furto parecia correto para o Shelton.

– Muito justo – disse ele. – Seu filho da puta.

Shelton tomou sua bebida, botou a tampa no uísque e voltou para dentro. Ele subiu a escada e então fez uma pausa perto do topo quando ouviu os gritos. Por um segundo esperançoso, achou que era o bebê Jenna. Os sons estavam vindo de seu quarto e ele imaginou se depois de todo esse tempo ela poderia só ter estado escondida em algum lugar em que ele nunca se dera ao trabalho de procurar. Ele havia olhado no armário?

Ele correu pelo corredor, mas era só a Kayla. Ela estava sentada no chão com os joelhos enroscados junto à barriga e os gritos eram dela própria. Estava segurando uma faca de açougueiro da cozinha e Shelton percebeu que ela devia ter acordado e o visto atirar em Clemens. Ela havia ficado com medo e pegado a faca, aí correra para cima para descobrir que a Jenna havia sumido.

– Kayla – disse ele, e deu um passo em sua direção. – Meu favo de mel.

Ela gritou novamente e ficou sentada ali, tremendo. Seu corpo inteiro vibrava como uma corda de instrumento e, quando Shelton deu mais um passo para perto, ela arrastou o corpo pelo chão para se afastar dele. Ela se arrastou para o outro lado do quarto. Ele podia ver o medo e a fúria animal nos olhos dela, e ela ergueu a faca e a segurou apontada para ele.

– O que você fez com ela? – gritou. – O que você fez com o meu bebê?

– Eu não fiz nada – disse Shelton. – Eu estava lá fora procurando por ela.

– Você é uma porra de um mentiroso!

O que ele queria era se sentar com ela e abraçá-la. Queria tentar oferecer algum conforto a respeito da Jenna, decidir com ela para encontrar a criança e, de alguma maneira, reparar suas vidas destruídas e começar tudo de novo, mas Kayla só olhava para ele e se enfurecia.

– Você atirou no Clemens!

– Amor – disse ele –, vamos só nos acalmar um minuto e conversar.

– Saia de perto de mim! – gritou ela. – Eu te odeio! Eu te odeio muito!

Shelton só ficou de pé e olhou para ela. Ele não sabia o que dizer, suspeitava que o que quer que dissesse só ia piorar as coisas.

– Fique longe de mim! – berrou ela.

– Está bem – respondeu ele, e começou a se afastar lentamente. – Está bem, amor.

Ele saiu para o corredor e então fechou a porta suavemente atrás de si. Ficou ouvindo enquanto ela continuava a urrar e entendeu que ela realmente o odiava. Ela estava doidona, tão chapada quanto poderia estar, mas isso não mudava o fato de que ela acreditava que ele pegara Jenna e fizera mal ao bebê. E chegar a pensar que ele seria capaz de algo assim dizia ao Shelton tudo o que ele precisava saber. Kayla podia tê-lo amado, mas ela também o odiava, e mais do que tudo tinha medo dele. Ele botou a mão na porta e soube em seu coração que nunca mais a veria novamente. Em vários aspectos, era um alívio.

Ele se virou na direção da outra porta agora, na direção do Bo. Havia parado com as distrações e as bobagens e não se deu ao trabalho de cobrir o nariz conforme se aproximou do cadáver. Em vez disso, acolheu o fedor. Respirou sua verdade e justiça negras porque era exatamente o que ele merecia.

Ele vomitou quando chegou ao vão da porta, aí cambaleou na direção do corpo sob a luz baixa do corredor. Ficou de pé acima do Bo e soltou mais uma bocada de vômito. E chorou, tanto pela vulgaridade da tarefa quanto de tristeza, depois abaixou-se rapidamente e pegou o cachorro nos braços.

O Velho Bo fedia tanto que Shelton podia sentir o cheiro por cima do vômito, que viera do fundo de sua garganta e se alojara no alto de suas narinas. A carne estava solta e havia algumas moscas zumbindo, apesar do Shelton achar que o frio havia ajudado um pouco com esse detalhe em particular. Ainda assim, podia sentir o quanto Bo ficara inchado e havia volumes preocupantes em sua barriga, e Shelton temia que seus dedos pudessem atravessar a pele esponjosa a qualquer momento e o introduzissem diretamente em quaisquer horrores de decomposição que estivessem acontecendo do lado de dentro. Era bem macabro, é o que era.

Shelton colocou o corpo em cima de sua cama e enrolou o Velho Bo no mesmo cobertor no qual ele costumava se enroscar e dormir. Havia dezenas de pelos pretos no tecido e o cobertor ainda guardava o cheiro terroso do Bo vivo. Shelton o carregou até a caminhonete e ficou muito reconfortado com a volta do Bo ao seu lugar de tantas sonecas tranquilas. Era a primeira coisa adequada que havia acontecido desde o seu falecimento e Shelton ficou imaginando por que não pensara em embrulhá-lo no cobertor logo de cara.

Ele pôs Bo na caçamba da caminhonete e ficou feliz por não ter um para-brisa na frente. Parecia certo que ele devesse sofrer de frio junto com o Bo. Pegou um colchão de palha de uma pilha que guardava ao lado do celeiro e o botou junto com um galão de gasolina ao lado do cachorro.

Bebeu seu uísque e, enquanto voltava para dentro para pegar a espingarda, ficou pensando por que a Kayla não a havia pegado, em vez da faca. Era estranho porque ele mesmo a ensinara a carregar a arma e ela sabia atirar.

Ele se lembrou daquela tarde tranquila apenas algumas semanas antes, a forma como havia passado as mãos em volta das dela e as corrido pelo cano e a ensinado a apertar o gatilho e como estava ali atrás dela para amortecer o coice. Se ela ia ameaçá-lo, ele teria preferido que ela puxasse a espingarda e fizesse direito. Ele poderia ter sentido um pouco de orgulho então, ou pelo menos obtido algum consolo com o fato de que ela havia se lembrado daquele momento que partilharam e feito algum uso dele.

Em vez disso, ela entrara em pânico e pegara a faca. Bem, pensou Shelton, as coisas são o que são. Ela estava lá em cima, atrás da porta agora, e provavelmente distante dele para sempre.

Do lado de fora, Shelton entrou na caminhonete e dirigiu para a clareira preferida do Bo. Nunca houvera nenhuma dúvida sobre onde botar seu melhor amigo para descansar. Shelton podia ter desperdiçado todas as oportunidades que jamais tivera neste mundo e estar numa sucessão de tomadas de decisão particularmente ruins, podia ter arruinado sua própria vida e várias outras, era uma lista em evolução, mas ele não ia fazer merda e botar o Velho Bo para descansar em qualquer lugar que não o campo largo e bem iluminado onde eles haviam brincado juntos com tanta frequência.

A uns quatrocentos metros de seu trailer havia outra estrada de duas pistas, e ela terminava em uma linda e pequena clareira onde o Bo adorava correr livremente. Em um dia de verão, o sol podia ficar horas acima daquela pequena abertura entre os pinheiros, ou assim havia parecido, brilhando na grama alta e nas vernônias enquanto Bo brincava. Enquanto corria em círculos e enchia as colinas com seu latido alegre e alto.

Um bom jogo de buscar a bolinha sempre havia acalmado Shelton quando ele estava começando a baixar a onda e se retorcer, e era duplamente bom que o campo fosse bem ali perto do seu laboratório preferido. Shelton sempre considerara isso um feliz acaso.

Ele pegou a estradinha para a clareira, botou a Silverado em ponto morto e a deixou ligada. Deixou o farol alto ligado, apesar de ser de pouca utilidade contra a torrente, contra a avalanche de neve e o céu cor de cimento atrás. Shelton saiu pela porta do motorista e resolveu completar o trabalho que faltava.

Levou o colchão de palha para a clareira primeiro, aí voltou para buscar a gasolina e o uísque. Bebeu um pouco de uísque, aí botou o que havia sobrado da garrafa na neve.

Não havia como cavar o chão congelado e dar um enterro adequado para o Bo, mas Shelton acreditava que o Velho Bo talvez tivesse preferido desse jeito, de qualquer maneira. Ser libertado em uma onda de chamas, para virar cinzas e ar e ser afinal e inteiramente livre. Shelton achou que combinava mais com a leveza do espírito do Bo do que ficar confinado no chão, ser enterrado debaixo de

toda aquela densidade e terra. Podia não ser uma linda tarde de verão, mas ainda era o lugar deles, e havia céu acima deles e o espaço entre os pinheiros para encontrá-lo.

Ele pegou Bo dentro do cobertor nos braços e o levou até a clareira. Botou-o em cima do colchão e puxou o cobertor para trás, para que o Velho Bo pudesse ver o campo aquela última vez.

Agora Shelton chorou o tipo de lágrimas que ardem. Eram lágrimas de tristeza, mas de alguma forma a dor era limpa, e não poluída por sua própria vergonha e culpa, para variar. Essas lágrimas eram estritamente para o Velho Bo, pela perda de sua bondade e de seu coração corajoso e fiel.

A gasolina balançou dentro do galão conforme ele o levantou, e o cheiro cortou o vento e queimou seus olhos enquanto ele desatarraxava o bocal e chegava mais perto do colchão de palha. Ele despejou a gasolina em cima do Velho Bo e pensou que parecia um pouco como se o estivesse vendo entrar na água de cima. Como se estivesse de pé em algum lago com fundo de areia vendo Bo nadar na direção dele, o rosto lambido e surpreso pela água.

Shelton virou de costas e ficou ouvindo o gorgolejo enquanto o resto da gasolina descia, então ouviu-a bater no colchão e encharcar a neve. Aí vieram os fósforos acesos e a inundação de calor.

Ele se afastou do fogo e ficou olhando enquanto tudo se juntava, as cinzas e a fumaça e a neve e o céu, tudo um grande quadro sólido de cinza e as chamas embaixo, queimando. Voltou para seu uísque e pensou que provavelmente estava na hora de se dirigir para o trailer e fazer umas pedras para si. Já passava da hora, para dizer a verdade. Já havia passado muito.

Fechou a caminhonete e resolveu caminhar. Era mais rápido do que sair de novo e voltar pela próxima trilha, sem falar nos quase cem quilos do cervo que estava deitado morto no meio da estradinha. Não, Shelton achava que um passeio lhe faria bem, de qualquer modo, ajudaria a clarear sua mente.

Terminou seu uísque, jogou a garrafa no meio das árvores e começou sua lenta caminhada até o trailer. Observou as sombras lançadas pelo fogo e pensou que elas eram como lindas e lânguidas dançarinas na neve.

Capítulo Dezessete

Quando despertei do sono depois de dormir no trailer, estiquei os braços para a Jenna, mas ela não estava ali do meu lado. Pisquei meus olhos para abri-los e, quando vi o tapete vazio onde ela estivera, senti meu coração apertar e ficar frio no meu peito.

Então, ouvi uma voz.

– Ela está com febre.

Eu me empurrei para fora do tapete e me virei para ver Shelton Potter sentado com a Jenna aninhada no peito. Ele estava com as costas contra a parede mais distante do quarto e eu tive uma sensação de queda, como se estivesse caindo dentro de todo aquele espaço vazio entre nós.

Eu queria gritar, mas estava apavorada demais. Estava apavorada demais até para me mexer. Shelton estava com a Jenna e eu sabia que não podia puxá-la, não podia soltá-la como havia feito com a Carletta.

– Acho que foi você quem a pegou, então – disse ele.

Olhei do Shelton para o vão da porta, onde sua espingarda estava apoiada. Eu duvidava que pudesse alcançá-la e empunhá-la a tempo e sabia que seria tolice tentar. Eu assenti.

– Não pensei que seria uma garota – disse ele.

Ele ninou a Jenna, e ela era tão pequena contra o corpo dele como um pão enfiado entre seus braços. Mas ela não estava incomodada. Não estava chorando ou tentando se soltar.

– Eu amo esse bebê – disse ele. – Eu não sabia se amava, no começo. Mas eu sei agora.

– Ela é uma boa menina – falei.

Surpreendi a mim mesma quando falei e acho que surpreendi Shelton também. Ele ergueu os olhos para mim como se tivesse esquecido que eu estava no quarto. Inclinou a cabeça de lado e manteve os olhos em mim, e eu senti o medo subir e queimar na base da minha garganta. Aí ele voltou seu olhar para a Jenna.

– Você é filha da Carletta – disse ele. – A mais nova.

– Percy – respondi.

– Por que você pegou esse bebê, Percy?

– Ela estava chorando – disse eu. – Ela estava bem ao lado da janela, com a neve caindo em cima dela, e você e a Kayla estavam apagados. Eu não podia simplesmente deixá-la ali.

– E o que você estava fazendo na minha casa?

– Procurando a Carletta.

– Não estava tentando roubar nada?

– Não – respondi. – Não sou uma ladra, e não dirigi direto até as colinas do norte em uma nevasca para tentar roubar as suas drogas.

– Não. Você só roubou esse bebê.

– Eu estava tentando ajudá-la. Estou tentando ajudá-la.

– Eu também estou tentando ajudá-la – disse Shelton. – Estou aqui fora procurando por ela há não sei quanto tempo. Parece que desde sempre.

– O seu amigo Flecha ia jogar gás nela. Ele a teria matado se não tivesse se matado primeiro.

– O Flecha McGraw não é meu amigo.

– Eles estavam vindo atrás da Jenna. Disseram que havia dinheiro de recompensa.

– Nunca houve dinheiro nenhum.

– Eles tinham certeza de que havia.

– Agora não tem mais importância, de qualquer modo – disse Shelton. – A Kayla acha que eu a peguei e pôs a culpa da história toda em mim.

– Ela é a mãe. Ela não devia ter estado apagada daquele jeito, para começar.

– Eu acordei e ela havia sumido. Primeiro pensei que tivesse caído da janela e sido enterrada pela neve. Fiquei tão doente que achei que ia morrer.

– Estamos ficando sem tempo – disse eu. – Essa febre tem que baixar.

– Quase dei um tiro no pequeno Hector – disse Shelton. – Pode acreditar nisso? Aí eu dei um tiro no Clemens. Atirei no ombro daquele filho da puta, e a Kayla acordou e não havia como argumentar com ela. Foi quando eu dirigi até aqui para botar o meu cachorro, o Velho Bo, para descansar.

– Posso levá-la ao hospital agora mesmo. Posso dirigir a sua caminhonete e dar a esse bebê a ajuda de que ela precisa.

– Eu também posso dirigir a minha caminhonete – retrucou ele. – E levar esse bebê de volta para sua mãe.

– A Jenna precisa de um médico.

– Depois que os médicos a pegarem, provavelmente não vão devolvê-la.

– Eles não deviam devolvê-la.

– E por quê?

– Você sabe por quê – respondi. – Ela não está a salvo com a Kayla.

– Parece que você já resolveu tudo.

– Eu sei o que vi na fazenda – disse eu. – E sei que sou a melhor pessoa para ajudá-la agora.

– Nossa, como você é metida – disse ele. – Para uma filha de cracuda.

– Não sou nada – disse eu.

– Ela estava chorando? – perguntou ele. – Quando você a encontrou?

– Estava.

– Eu nunca nem a ouvi.

– Acho que ela vai ficar bem. Se eu puder levá-la agora.

– Eu não queria que esse bebê se machucasse.

– Eu sei que não.

Esperei um instante, e quando ele não respondeu, me aproximei dele devagar. Não queria sobressaltá-lo ficando de pé e deslizei de bunda mais para perto. Cheguei bem do lado dele e podia sentir

o cheiro de álcool e de algo penetrante e metálico em seu hálito. Ele ficou sentado com os ombros curvados para a frente e respirou fundo.

– Ficou tudo confuso – disse ele. – Virou tudo uma bagunça.

– Você ainda pode fazer o certo.

– Nunca vai ficar certo. Nunca foi certo, para começo de conversa.

– Você pode fazer o certo para esse bebê.

– Talvez sim – disse ele. – Talvez não.

– Você pode tentar.

Estiquei os braços para a Jenna e ela se esticou para mim enquanto Shelton a segurava ali entre nós.

– Por favor – pedi.

Ele olhou para a espingarda e então para a Jenna. Eu queria pegá-la, mas não peguei. Fiquei sentada ali e esperei, e ele não se virou para olhar para mim, mas finalmente ergueu a Jenna e a botou nos meus braços, e ela grasnou enquanto eu a escorregava para dentro do canguru. Ajeitei o cobertor acima dela e comecei a me afastar lentamente dele.

– Estou tão cansado – disse ele.

– Você devia ficar sentado aqui e descansar – respondi.

Eu me levantei conforme me aproximava da porta, aí entrei no corredor. Estava a trinta centímetros da espingarda agora e sabia que podia alcançá-la a tempo se ele atacasse. Acreditava que poderia virá-la para ele e apertar o gatilho também – que seria capaz de atirar nele bem ali no quarto se ele mudasse de ideia.

Mas o Shelton não mudou de ideia. Ele só ficou sentado ali olhando para o chão enquanto eu entrava na cozinha. Sussurrei baixinho para a Jenna e disse a ela que estava tudo bem, mas eu sabia que ela não ia chorar e sobressaltar o Shelton. Eu confiava nela inteiramente.

Abri a porta dos fundos, aí passei para a varanda e fechei a porta atrás de mim. Dei alguns passos cautelosos para limpar os degraus e então me curvei para a frente contra o vento e corri. A neve caía rápido por entre os pinheiros. A neve continuava caindo, caindo e caindo.

Nunca pensei nas chaves até vê-las no banco do motorista. Eu estava tão feliz por estar fora do trailer que nunca parei para perceber que precisaria das chaves para dirigir a caminhonete, e se o Shelton não as tivesse deixado ali, eu teria simplesmente continuado a correr e esperado pelo melhor. Não havia possibilidade de eu entrar no trailer de novo, e acho que é provável que o fato de aquelas chaves estarem ali no assento salvou a vida da Jenna. Foi o único golpe de sorte que ela teve.

Liguei a caminhonete e dirigi pela trilha que dava na estrada principal com a Jenna aconchegada no canguru no meu colo. O vento estava forte através do para-brisa quebrado, mas Jenna estava abaixo dele e era poupada da rajada direta. Ela não estava chorando, e agora que estávamos fora do trailer, aquele silêncio me assustava. Isso e seus olhos velados e distantes.

Dirigi pela estradinha até os pneus baixarem e chegarmos à estrada Grain. Botei a caminhonete em

ponto morto então, olhei pelo retrovisor e não havia ninguém vindo atrás de nós, pelo menos não que eu pudesse ver através da neve. Mexi na alavanca do banco até fazê-lo chegar para a frente e então engatei a caminhonete de novo e dirigi.

Avancei cautelosamente para o pé da colina e os pneus estavam estáveis embaixo de nós na neve socada. Os pinheiros e os cumes estavam escuros atrás de nós e o vento era tão alto quanto trovões caindo.

Dirigi direto para o pronto-socorro. O hospital fica na saída da autoestrada 31 e, quanto mais perto chegávamos, mais eu percebia que ia ter que deixar a Jenna sozinha. Que eu teria que deixá-la e ir embora. Era isso ou arriscar todos os tipos de loucura com a polícia e a assistência social. Eu já podia ouvir as perguntas. *O que você estava fazendo na fazenda para começar, Percy? E por que pensou que sua mãe estava lá? Qual, exatamente, era a natureza do relacionamento entre a sua mãe e Shelton Potter? E por que você não ligou pedindo ajuda quando encontrou o bebê?*

Eu estava preocupada que a polícia me mandasse parar por causa do para-brisa, mas o único veículo que vi na autoestrada foi o limpa-neve da prefeitura e eles não deram bola para mim.

Quando cheguei ao hospital, estacionei no canto mais afastado do estacionamento. Saí rapidamente da caminhonete e não olhei para a Jenna. Mantive os olhos bem à frente, igual ao que fizera quando havíamos passado pelo Flecha McGraw queimando na neve. Eu disse a mim mesma que só estava fazendo o que tinha que ser feito. Disse a mim mesma que deixá-la era a coisa certa a fazer, mesmo enquanto sentia meu lábio inferior começar a tremer.

Coloquei o canguru do lado de dentro das portas da frente, de correr, da entrada do pronto-socorro. Apertei o botão de emergência, dei um passo para longe da Jenna e então outro. Andei para trás até finalmente me virar e correr para o meio do aglomerado de veículos na direção da frente do estacionamento. Eu me ajoelhei ao lado do para-choque traseiro de uma van e observei enquanto uma enfermeira corria para a entrada, pegava Jenna nos braços e então saía para ver quem a havia deixado.

Finalmente, Jenna chorou. Eu me senti inclinar na direção dela, mas não voltei para lhe oferecer conforto. Nunca expliquei o que estava acontecendo ou disse adeus ou que sentia muito que tivesse de ser assim. Só fiquei observando a enfermeira levá-la para dentro e senti meu coração finalmente se partir e ficar todo em pedaços.

Cambaleei para ficar de pé, mas segurei as lágrimas. Eu sabia que ainda não era a hora de chorar. Ainda estava a um quilômetro e meio da nossa casa na rua Clark e a tempestade não havia acabado. Levantei o meu capuz e entrei no vento. Fechei as mãos em punho ao meu lado e andei.

Capítulo Dezoito

Shelton foi até a janela e ficou olhando Percy e o bebê correrem para a caminhonete. Ele as viu subirem na cabine, aí viu os faróis baterem na clareira e se afastarem pela trilha.

Estava feliz por ter dado Jenna para a garota. Fora a coisa certa, mas Shelton não era tão tolo para pensar que era o suficiente. Não estava nem perto de ser o suficiente. O que Shelton fizera de errado jamais poderia ser corrigido e até a ideia de tentar o deixava exausto.

Ele foi até a espingarda no vão da porta, aí apoiou o cabo no canto do quarto. Inclinou-se por cima do cano e se contorceu para baixo, para que o tiro entrasse no coração e não o deixasse sofrendo por tanto tempo.

Esticou a mão para o gatilho e firmou sua posição, equilibrando seu peso nas pontas dos pés, e imaginou-se caindo para dentro da explosão, aceitando-a sem uma hesitação ou retraimento, simplesmente respirando-a para dentro de seu coração de forma a não obstruir sua passagem com dúvida ou algum espasmo muscular, alguma defesa instintiva, celular, contra sua libertação.

Ele respirou para dentro, depois para fora. Fechou os olhos e, quando disparou a carga, não foi um instrumento de justiça ou redenção, não foi um ato de autodepreciação ou martírio, mas só a verdade expelida através de um cano liso, tudo chumbo grosso e perspicácia.

Shelton ouviu seu sangue salpicar as paredes como uma pancada de chuva em um teto de lata, aí largou o cano e caiu para a frente. Mas ele ainda não estava morto. Ainda havia algumas batidas remanescentes de seu coração, uma ou duas respirações antes de seu último e resumido pensamento, sua amarga e trágica percepção final.

E era só isso: que tão poucos haviam algum dia vislumbrado as intenções mais lindas e profundas de seu coração.

Capítulo Dezenove

Não sei por quantos dias dormi depois que tudo aconteceu nas colinas do norte. Eu dormia e, quando acordava, ficava deitada ali no sofá, olhando para o nada.

Comi alguns pedaços de pão, fumei os poucos cigarros que achei largados pela casa, mas na maior parte do tempo fiquei enroscada no sofá – segurando o cobertor da Carletta junto ao peito como se eu fosse uma criança.

Estava com as cortinas fechadas, e os dias passavam assim, antes da noite ficar negra e o ciclo recomeçar. E juro que poderia ter ficado ali no sofá até morrer de fome se não tivesse acordado e encontrado o delegado Granger sentado na poltrona, encurvado por cima de seu celular. Eu me sentei sobressaltada.

– Está viva – disse ele, e sorriu.

Granger era amigo de colégio da minha irmã, e ele era legal para um policial. Sempre que eu o via pela cidade, ele dizia oi e começava a falar sobre as fotos que a Starr havia postado no Facebook. O que não significava que eu gostasse que ele invadisse minha casa ou se sentasse na sala de estar como se fosse uma espécie de governante.

– Posso ajudá-lo? – perguntei.

– Nós precisamos conversar – disse ele, e desligou seu telefone.

– Conversar sobre o quê?

– Primeiro – respondeu ele –, a sua irmã acha que você está morta. Ela está em um avião vindo de Portland com o Bobby neste momento. Eles deixaram o bebê com a tia e o tio do Bobby porque ele está com uma infecção no ouvido e não pôde voar. Pobrezinho. Em segundo, o que diabos a sua caminhonete estava fazendo nas colinas do norte?

Granger era alto e extremamente desajeitado. Ele tinha um nariz adunco e um daqueles pomos de adão grandes, que parecem nós de árvore. Também usava um corte de cabelo estreito e alto, o que só fazia com que tudo que se projetava se destacasse ainda mais, e eu podia apostar que ele ainda era virgem.

– Bem, não estou morta – disse.

– Obviamente – retrucou ele, e apertou uma lata de tabaco na mão.

Granger é um desses caras que nunca consegue ficar parado. Ele fica balançando os joelhos, se retraindo, é cheio de tiques, e ficou trabalhando com afinco naquela lata de Kodiak. *Pop-pop-pop*.

– Então, o que você está fazendo aqui? – perguntei.

– O que aconteceu foi que a mãe do Bobby ligou para Portland quando divulgaram o nome do Portis Dale no noticiário. Por conta de como ele cuidava de você e da Starr quando eram pequenas.

– Ã-hã.

– Starr tentou ligar para você, mas o telefone foi cortado e você não respondeu a nenhum dos quinhentos e-mails que ela mandou. Então eles fizeram a mãe do Bobby dirigir até aqui, deve ter sido uma meia dúzia de vezes, mas ela não conseguia ver dentro da casa e ninguém veio até a porta, e a sua caminhonete não estava aqui. Ela só ficou lá fora batendo na porta. Aí eles ligaram para o seu trabalho e o Jeff Pickering também não a tinha visto. Você ainda trabalha lá no celeiro?

– Trabalho – respondi.

– Bem, é melhor você telefonar para o Jeff e avisá-lo de que ainda está viva. Ele pareceu um pouco preocupado quando eu liguei.

– É o que acontece quando a polícia telefona – disse eu. – As pessoas ficam preocupadas.

– De qualquer modo, o Bobby me ligou e disse que estavam vindo de avião. Ele me pediu para vir, caso algo tivesse acontecido.

Granger finalmente abriu sua caixa de tabaco. Ele pinçou um pouco entre o polegar e o indicador e, quando enfiou em seu lábio inferior projetado para a frente, pude sentir o cheiro do outro lado da sala. Quase chamuscou minhas narinas.

– Essa merda é nojenta – falei.

– Então, hoje de manhã – continuou ele –, nós recuperamos uma pequena caminhonete Nissan nas colinas. Já a rebocamos, e o estranho é que está registrada no seu nome. Quer me contar alguma coisa sobre isso?

E, em um segundo, ele tinha virado um policial para cima de mim. Sua voz estava toda *Eu sou um agente da lei*, e me irritou seriamente.

– Onde está a minha caminhonete? – perguntei.

– No reboque do Power.

– Acha que pode me dar uma carona? – perguntei. – Para ir pegá-la?

– Bem, a primeira coisa é, como ela foi parar lá em cima? Essa é a primeira coisa que precisamos descobrir.

– Acho que alguém a dirigiu.

– E quem teria sido?

– Quem você acha?

– Normalmente – disse ele –, sou eu quem faz as perguntas nessas situações.

– Carletta a pegou – disse eu. – Não vejo aquela caminhonete há dias.

Granger olhou para mim e massageou o tabaco com a língua.

– Por isso eu não tenho ido trabalhar – disse eu. – Que é o motivo por eu não ter checado o meu e-mail.

– Você não avisa ao seu patrão quando não pode ir trabalhar?

– O Jeff não trabalha assim. Você vai quando pode e ele paga por peça. E, de qualquer modo, o que eu vou fazer? Mandar um sinal de fumaça? Não tenho telefone, cara. Como você disse.

– Então a Carletta simplesmente dirigiu a sua caminhonete até a casa do Shelton Potter e estacionou em um banco de neve? E você não sabia nada a respeito? Nadinha?

– Cara, eu não vejo a Carletta há duas semanas. Você acha que ela deixa bilhetinhos pela casa quando pega as coisas?

Granger olhou para mim por um minuto. Ele franziu os olhos e ficou com o olhar duro, como se estivesse no meio de considerações sérias de detetive. Finalmente, assentiu.

– Tentei dizer ao Bobby que provavelmente não era nada – disse ele. – Mas a sua irmã enfiou na cabeça que tinha acontecido alguma coisa.

– Bem – disse eu –, aconteceu alguma coisa. O Portis está morto, não está?

E, de uma hora para outra, eu havia atingido o limite dos poderes investigativos do delegado Granger. Ele cuspiu em sua garrafa de Faygo vazia e passou a me contar sobre o enterro de indigentes do condado. Ele podia tentar fingir que não, mas no fundo era um cara legal e queria me ajudar. Disse que depois que a Starr assinasse uns papéis – eu era menor de idade e não podia fazer nada –, nós poderíamos dar ao Portis um enterro decente.

– Eles não vão conseguir botá-lo na cova agora – disse ele. – Vão ter que esperar até a primavera para enterrá-lo, mas vocês podem fazer o funeral agora.

– O que fazem com o corpo dele? – perguntei. – Enquanto isso?

– Basicamente o colocam em um armazém lá no terreno. Deixam a Mãe Natureza manter o corpo frio.

– Jesus – respondi.

– É só o que acontece.

– Está bem – disse eu. – Acho que isso seria bom. Obrigada.

Ele deu de ombros e cuspiu novamente.

– Vou telefonar e deixar um recado para o Bobby, então – disse ele. – Avisá-lo de que você está bem. Eles devem aterrissar em Detroit, mas estão cancelando voos a torto e a direito por causa da tempestade. Acho que não vão chegar aqui antes de amanhã.

– Que tempestade? – perguntei.

– Sei lá – disse ele. – A que eles mostraram no canal do tempo hoje de manhã. Estavam com o mapa todo coberto com flocos de neve azuis. Estão com repórteres ao vivo em todos os aeroportos do Meio-Oeste. Caos total. Bom para os índices de audiência.

– Eu agradeceria se você ligasse – falei. – Odeio que eles tenham estado tão preocupados.

– Quer usar o meu telefone, ligar você mesma?

– Não – respondi. – Provavelmente é melhor se você ligar. Se for oficial.

– Feito – disse ele. – Agora, vamos buscar aquela merda japonesa que você chama de caminhonete.

Granger se levantou e enfiou o chapéu debaixo do braço. Atravessou a sala todo duro e reto, como os policiais fazem, e esperou por mim perto da porta.

Ele não havia dito nenhuma palavra sobre a mamãe, o que significava que sua Bonneville não fora vista na casa do Shelton Potter e que eles não a tinham visto enquanto faziam buscas nas colinas do norte. O que significava que ela ainda estava desaparecida. Estava tão desaparecida quanto estivera na noite em que eu saí para a fazenda, e eu tinha uma sensação ruim de que talvez, dessa vez, ela não fosse

mais voltar para casa.

Isso me atingiu com o Granger bem ali na sala. Uma pancada de medo que rasgou um buraco direto através do meu estômago – na parte baixa e nervosa, onde às vezes você sabe das coisas sem saber como.

– Percy – disse Granger. – Tem certeza de que está bem?

Eu me levantei do sofá e vesti meu moletom de capuz.

– Comparado a quê? – perguntei.

Capítulo Vinte

Eu estava no aeroporto em Pellston na manhã seguinte, olhando pela janela do terminal enquanto o avião da Starr chegava de Detroit, em meio a poças d'água. Havia cinco ou seis outras pessoas lá dentro e estávamos todos de pé em volta da gigantesca escultura de um urso marrom – o aeroporto de Cutler sendo basicamente um chalé de caça com aviões e pistas de aterrissagem.

Todos estavam falando sobre o que chamavam de "os tiroteios" e eu fingi ignorá-los enquanto o avião aterrissava e deslizava até parar. Starr foi a primeira na escada e, quando me viu pelo vidro, ela veio correndo.

Eu prometi a mim mesma que não ia chorar, mas estava chorando tanto quanto a minha irmã quando finalmente nos abraçamos. E a Starr continuou chorando. Ela praticamente encharcou os meus ombros de lágrimas antes de finalmente me soltar e enxugar os olhos com as mangas do casaco.

– Temos que arrumar para você um telefone que funcione – disse ela. – Jesus Cristo, Percy.

– Eu sei – respondi. – Sinto muito.

– Sinta muito enquanto fumamos – disse ela. – Estou quase morrendo.

Bobby estava de pé atrás dela, e me abraçou e me deu um pequeno mata-leão antes de seguirmos Starr para fora.

Havia alguns carros espalhados pelo estacionamento e o vento soprava e jogava neve granulada em volta enquanto Starr desencavava os cigarros da bolsa. Ela curvou seus ombros quando se ergueu e Bobby bloqueou o vento atrás dela. Ela acendeu e me ofereceu o cigarro e, quando eu o aceitei, ela pegou outro para si.

– Sinto muito terem tido que pegar um avião – disse eu. – Mas estou feliz que estejam aqui.

– Tudo bem – respondeu ela. – Nós teríamos vindo para o funeral, de qualquer modo. A parte ruim é não estar com o Tanner.

– Ele está bem?

– Ele vai ficar bem – disse Starr. – Está tomando antibióticos agora. Nós poderíamos tê-lo trazido em mais um dia.

– Eu quero vê-lo – disse eu.

– Vamos falar por Skype quando chegarmos à casa da Wanda. Ela está cozinhando um banquete para hoje à noite, então você também pode ficar para jantar.

Wanda era a mãe do Bobby, e ela sempre preparava comida boa.

– Eu diria para levar a mamãe – continuou ela. – Mas não quero realmente vê-la, e eu tenho a estranha sensação de que você não faz ideia de onde ela está.

Olhei para a minha irmã, mas não sabia o que dizer.

– Merda, Percy – disse ela. – Eu nunca achei que ela continuaria sóbria. Sei que ela está em recaída

desde o outono. Ou pelo menos eu suspeitava.

– Eu suspeitava que você suspeitasse.

– Achei que sim.

– Eu devia ter lhe contado.

– Fico feliz que não tenha contado – disse ela. – Eu não poderia ter feito nada a respeito, de qualquer maneira, não com um bebê recém-nascido e estando lá longe, em Portland. Eu queria aquele tempo para estar com o Tanner, e não toda envolvida nas merdas da Carletta. Você não quis me contar e eu não quis pressioná-la. Estamos quites.

Ficamos de pé ali por um momento, no silêncio, e eu ergui os olhos para o céu de nuvens pálidas e deixei o silêncio se acomodar. Era o tipo de silêncio que a Carletta botava entre as pessoas, e ninguém mais do que Starr e eu – um silêncio cheio de tudo o que não podia ser resolvido e que não precisava ser dito de novo. Era familiar, porém, e dessa forma, de algum consolo.

– Então – disse finalmente. – Quanto tempo vocês vão ficar na cidade?

Na tarde seguinte estávamos no cemitério Oakdale, na estrada Clowney. Mamãe ainda não havia reaparecido e eu tinha a mesma sensação oca por dentro, mas fiz o melhor que podia para afastá-la e me concentrar no Portis. Afinal, era o funeral dele.

O agente funerário nos contou tudo sobre as "instalações de descanso" onde Portis ficaria até o degelo, e então explicou que haviam reservado um belo caixão para ele. Ele não parava de falar sobre como haviam trabalhado nele, como faziam com todos os seus clientes – como se devêssemos jogar rosas aos seus pés porque ele havia feito o trabalho pelo qual o condado pagara – porque ele gastara um tempo oferecendo decência humana básica para alguém que não podia pagar.

Havia um pastor perto da cova quando saímos, e eu fiquei aconchegada entre a Starr e o Bobby enquanto ele dizia algumas palavras. Estava frio e havia um céu baixo e cinza. Além das nuvens havia uma pequena camada de azul, mas eu não tentei vê-la como algum símbolo de esperança. O Portis estava morto. Não havia nada que pudesse mudar esse fato e eu não via razão para fingir que houvesse. A neve caía em uma bruma e o pastor lia sua Bíblia.

Não me dei ao trabalho de ouvir o versículo. Não me importava com o que o pastor dizia, desde que ele estivesse disposto a ficar ali e falar alguma coisa. Portis podia ter detestado religião em vida, mas ia haver algo em sua morte além de enfiá-lo em um armazém e ir embora.

O que haviam feito com ele na televisão já era ruim o suficiente. Eu vi o noticiário na noite anterior, na casa da Wanda. A mãe do Bobby estava com o aparelho ligado e ela o deixou transmitindo na sala de estar enquanto comíamos. Eu tentei ignorar, mas estava de frente para a tela e ela tinha posto o volume alto demais. Eu estava grata pela refeição, mas ela podia ter percebido que a nossa dor não estava sendo ajudada pela lembrança constante, estridente, de que o Portis tinha sido morto.

Eles não paravam de mostrar velhas fotos policiais do falecido e não faziam distinção entre Portis e os outros. Os jornalistas insensíveis do 5&2 News – experientes em reportar pequenos incêndios em

cozinhas e avanços na tecnologia de pesca de perca – diziam que os mortos eram todos "usuários de drogas e traficantes", e listavam seus históricos criminais debaixo de suas fotos como se fossem estatísticas de beisebol.

Em um acontecimento estranho, que eu não vou fingir que me entristeceu, o covarde do Krebs havia lançado seu trenó de neve em um pinheiro e morrera apenas horas depois de ter deixado o Portis sangrando até a morte na neve. Ele provavelmente estava tentando fugir do país, como o Portis previra, ou indo jogar fora a arma do crime que ainda tinha em seu poder quando o encontraram.

Não sei dizer exatamente como me senti quando soube do suicídio do Shelton Potter, mas não fiquei surpresa. Ele parecera tão distante e sozinho naquele trailer, e acho que já havia decidido como sua vida iria terminar. Eu nunca tive que pegar a espingarda porque o próprio Shelton ia fazer isso.

Assisti à totalidade daquele noticiário infeliz e não parava de pensar que eles o iriam interromper com uma reportagem especial sobre um corpo recém-descoberto. Uma desconhecida que haviam encontrado caída por cima do volante de um Pontiac Bonneville – mas essa reportagem nunca veio. A contagem de corpos continuava em quatro e, apesar de o âncora Dick Crutchman nunca ter dito isso em voz alta, você podia ver o tempo todo o que ele estava pensando. *Há quatro bandidos mortos nas colinas do norte e provavelmente estamos todos melhor assim*.

O pastor não gastou muito tempo com o Portis. O pacote de caridade nos deu cerca de cinco minutos de suas divagações sagradas antes de ele fechar sua Bíblia e sair batendo os pés para o calor da funerária. Fiquei olhando para o pedaço de grama coberto de neve do Portis; ainda não havia marca para identificá-lo como dele, e a Starr finalmente me pegou pelo cotovelo e me guiou para ir embora.

Nós andamos por entre as fileiras de covas, um bando de lápides de cimento com alguns nomes entalhados. Covas tristes que não eram agraciadas com os anjos pranteando e estátuas de Jesus que dominavam do outro lado da autoestrada. No final, você não pode deixar de ser pobre nem morrendo.

Eu sabia que era idiotice, mas me irritava pensar em alguns daqueles filhos da puta ricos, enterrados em uma tumba como a do rei Tut e sem serem metade do homem que Portis Dale se mostrou ser.

– Eles entenderam tudo errado no noticiário – disse eu. – Sobre o tiroteio ter sido por causa de drogas.

– Como assim?

– O Portis havia parado com essa merda – disse. – Ele havia largado.

– Então eles estavam atirando por causa de quê?

– Não sei. Mas não era pedra.

– Não importa – disse Starr. – De qualquer modo, ele se foi.

Eu me virei e vi o Bobby seguindo atrás de nós. Ele estava olhando para a autoestrada e tinha as mãos enfiadas fundo nos bolsos de seu casaco.

– Eu acho que importa – respondi – quando eles dizem um monte de mentiras sobre uma pessoa que nem está aqui para se defender.

– Não era como se o Portis fosse um cidadão modelo.

– Não ser uma coisa não faz você ser outra.

– Para algumas pessoas, faz – disse Starr.

– Exatamente – confirmei. – Esse é o problema.

– Vocês dois sempre foram muito parecidos, sabe. Você e o Portis.

– Não tenho certeza se você disse isso como um elogio.

– Eu também não – respondeu Starr.

É claro que eu podia ter ido até o delegado Granger e esclarecido a história. Eu devia ter ido procurar o Granger, mas não sabia bem o que aconteceria se o fizesse. Além do mais, era tão mais fácil não fazer isso. Eu achava que o Portis não teria se importado, de um jeito ou de outro. Cutler havia decidido sobre ele há anos, e que bem faria tentar mudar um bando de mentes estreitas agora que ele já se fora para o outro lado? Portis ia querer que eu mantivesse minha cabeça baixa e cuidasse do meu nariz, pelo menos foi o que eu disse a mim mesma depois que havia decidido que era o que eu ia fazer de qualquer maneira.

Eles mostraram algumas matérias sobre a Jenna no noticiário, mas nenhuma delas tinha a ver com como ela havia chegado ao hospital. Nenhuma delas mencionava uma febre ou se dava ao trabalho de tocar em suas condições atuais. Eles só falavam sobre uma audiência de emergência e sobre a lei "porto seguro". Disseram que a Jenna estava sob guarda temporária, mas eu passara por isso duas vezes quando era criança e sempre acabava com a Carletta de novo.

Não havia nada no noticiário a respeito da Kayla Hawthorne, sobre como ela estava desmaiada no chão daquela fazenda enquanto a Jenna estava ficando coberta de neve por causa de uma janela aberta, e eu estava começando a ficar preocupada que tudo pelo que havíamos passado nas colinas do norte seria para nada. Que a Jenna seria devolvida para onde havia começado.

Nós jantamos no Elias Brothers naquela noite em homenagem ao Portis. Eu me sentei ao lado da Starr no reservado e foi bom estar perto da minha irmã, sentir o cheiro de seu xampu de pepino e melão de vinte dólares enquanto o Bobby se sentava do outro lado da mesa com o seu boné do Detroit Tigers puxado baixo por cima dos olhos.

– Ele era meio tosco – disse Starr –, mas era uma manteiga mole por dentro.

– Eu queria tê-lo conhecido melhor – disse o Bobby.

– Ele gostava de você – disse eu. – Gostava que você e a Starr estivessem juntos. Ele dizia que conhecia o seu tio.

Bobby assentiu.

– É – respondeu ele. – O tio Karl.

– Você se lembra dos alienígenas? – perguntou Starr, e mergulhou um punhado de batatas fritas em um pouco de ketchup.

Eu sacudi a cabeça e sorri. Era a minha história preferida do Portis.

– É claro que me lembro dos alienígenas – respondi.

– Isso foi na época em que estávamos morando todos juntos – disse a Starr, e virou-se para o Bobby.

– Estávamos naqueles velhos apartamentos na rua Petoskey – completei.

– Isso – disse Starr. – A fábrica de ratos.

– Eram camundongos – contestei.

– Tanto faz – disse a Starr. – A questão é que eram apartamentos muito bons e estávamos morando lá com o Portis quando ele desapareceu por dois dias, o que não era realmente um grande problema. O negócio é que ele tinha faltado ao trabalho e eles já tinham telefonado e dito à Carletta para avisá-lo de que não precisavam mais dele. Mamãe ficou irada.

– Ele tinha ido para o fliperama – continuei.

– Foi lá que ele encontrou... como era o nome do cara?

– Truta – disse eu. – Não sei qual era seu nome verdadeiro, mas todo mundo o chamava de Truta.

– Isso – disse a Starr. – A porra do Truta. O que é importante para a história, porque ele tem aquele maxilar deformado.

Por deformado, Starr queria dizer comprido à beça. Ou, mais especificamente, igual ao de uma truta. Além disso, ele tinha a expressão geralmente atordoada do estimado peixe de água doce de Cutler.

– Na história do mundo, nenhum homem jamais pareceu tanto com uma truta quanto o próprio Truta.

– Acho que posso ter ouvido falar desse cara – disse o Bobby.

– É – disse a Starr. – Ele ganhou um prêmio Nobel. De qualquer modo, o Portis e o Truta acabaram se cansando do fliperama e foram parar no Paradise Junction. Em uma mudança chocante do rumo dos acontecimentos. Então somem dois dias e depois o Portis reaparece.

– Nós chegamos do supermercado e ele estava desmaiado no sofá – falei. – E a mamãe começou a dar um esporro nele. "Onde você estava? O que andou fazendo? Está ciente do fato de que foi demitido?"

– O fato de que a Carletta não trabalhava há meses não vem ao caso – disse a Starr.

– Certo. Ele provavelmente devia ter feito essa observação. Mas o que o Portis fez foi se sentar ereto e se lançar nessa história sobre como ele e o Truta tinham sido abduzidos por alienígenas.

– Juro por Deus – disse a Starr. – Alienígenas!

– Isso foi na época em que havia um monte de programas sobre abduções alienígenas na TV a cabo – disse. – Ele e a Carletta tinham estado assistindo e entraram na onda.

– Então a história dele – continuou a Starr – é toda sobre o maxilar do Truta e como os alienígenas o haviam abduzido para estudá-lo. Ele disse literalmente: "O maxilar do Truta se tornou um objeto de interesse intergaláctico."

– Isso é uma citação direta – afirmei.

– O negócio sobre as histórias do Portis – disse a Starr – é que, depois que se animava, ele começava a acreditar nelas. Quer dizer, ele estava agitando os braços e nos dando todos esses detalhes sobre os globos oculares dos alienígenas serem oblongos e como podiam implantar pensamentos na cabeça dele, e como graças a Deus ele não tinha sido sondado no ânus.

"Mesmo em seu desespero, Portis não queria que ninguém pensasse que ele poderia ter sido comprometido" – continuou Starr. "Era essa a profundidade da sua homofobia. Ele disse: 'Não posso falar pelo Truta, mas sei com certeza que nada jamais foi enfiado na minha bunda em nenhum instante.'"

– Uau – disse o Bobby.

– Clássico Portis – disse a Starr. – De qualquer modo, no final estávamos todas rindo tanto que esquecemos de ficar zangadas.

Eu caí na gargalhada ali no reservado. Era uma risada boa, decente, vinda bem do meio das costelas. Do tipo que parece uma válvula se abrindo. Minha irmã olhou para mim e soltou o ar.

– Portis Dale – disse ela, e sacudiu a cabeça.

– Eu tinha me esquecido da parte sobre a sonda – disse.

– Está brincando? Essa foi a melhor parte.

– Surreal – confirmei.

– Eu odeio essas circunstâncias – disse a Starr. – Mas é tão bom ver você.

– Eu sei. É mesmo.

– Eu não rio assim com mais ninguém.

– Nem eu.

– Então, eu vou tocar nesse assunto agora – disse ela – porque não sei em que outro momento fazer isso.

– Uh-oh.

– Nada de uh-oh – disse ela. – Só uma ideia.

– Está bem.

– Nós temos que voltar para Portland amanhã. Não aguento ficar longe do Tanner e nós dois já faltamos demais ao trabalho. Vou comprar as passagens esta noite e eu pensei que talvez você queira vir com a gente. Só vá e fique por um tempo, e veja se gosta o suficiente para se mudar.

Empurrei algumas batatas fritas pelo prato. Eu sabia o que Starr ia oferecer antes de ela abrir a boca para falar.

– Nós temos o quarto de hóspedes – disse ela. – E o Bobby acabou de fazer um segundo banheiro, então ele pode ser seu.

– Eu até prometo não cagar nele – disse Bobby.

– É verdade – disse a Starr. – Isso está registrado.

– Nós podemos pagar uma passagem de avião – disse ele. – E, se você quiser, podemos voltar no verão para buscar o seu carrinho japonês. Podemos voltar dirigindo para Portland ou você pode vendê-lo pelo dinheiro.

– O nosso distrito tem uma das melhores escolas de ensino médio do estado – disse a Starr. – Eles ganham todo tipo de prêmios. E a universidade comunitária fica um pouco mais abaixo na rua. É tipo a dois minutos da nossa casa. O Bobby e eu já conversamos a respeito e concordamos em pagar alguns dos seus primeiros cursos se você estiver interessada. Pensei em também fazer um. Talvez pudéssemos fazer juntas.

– Conte a ela sobre o outro negócio – disse o Bobby.

– Ah – disse a Starr, e estalou os dedos. – A universidade tem um ótimo curso de carpintaria.

– Marcenaria – corrigiu o Bobby.

– Marcenaria – repetiu a Starr. – Eles têm uma lojinha na escola onde fazem seus próprios móveis e vendem barato. Você entraria fácil nisso, com todo o trabalho que fez para o Jeff Pickering.

Eu não gostei do Bobby sugerir que eu vendesse a caminhonete, ele devia saber que não devia levantar essa possibilidade, mas a oferta em si era muito, muito boa. Eu teria que contar à Starr que havia largado o colégio, o que seria uma conversa desconfortável, mas eu podia conseguir meu diploma de equivalência no oeste e isso provavelmente serviria – especialmente se eu me inscrevesse em alguns daqueles cursos na universidade no outono. Eu estava interessada naquela universidade comunitária. No programa de marcenaria.

Beberiquei o meu milk-shake e me deixei imaginar como a vida poderia ser em Portland. Pensei como seria legal passar uma noite de sexta-feira no cinema com a Starr. Estar lá para ver o Tanner crescer. Viver em uma cidade a milhões de quilômetros do norte de Michigan e ter uma chance de ir para a faculdade. Ter o meu próprio quarto. Meu próprio banheiro, pelo amor de Deus. Eu não gostava da chuva, mas achei que tinha que ser melhor do que o frio e a Starr nunca parava de falar sobre como o verão era bonito.

Olhei para a Starr por um momento e achei que ia dizer sim. Achei que ia dizer sim e então ir em frente e lhe contar todo o resto de uma vez. Jenna. Shelton Potter. Carletta no trailer e como dessa vez eu achava que ela se fora para sempre. Achei que ia contar tudo, mas não contei. Não contei nada para a Starr porque só o que consegui fazer foi ficar sentada ali e chorar.

Eu chorei porque queria ir para Portland, mas sabia que não podia. Eu não podia ir para Portland e definitivamente não podia contar à Starr o porquê. No segundo em que eu dissesse que achava que mamãe estava morta, ela estaria ao telefone com o Granger, e mais do que tudo, eu ainda não estava pronta para que mamãe fosse encontrada. Ainda não estava pronta para trocar meu medo pelo peso duro da certeza.

Capítulo Vinte e Um

Eu disse à Starr que lhe mandaria um e-mail todos os dias, mesmo que tivesse que dirigir até o trabalho no meu dia de folga para fazê-lo. Starr disse que isso parecia bom, mas não estava sendo sincera. Ela estava arrasada porque eu não ia e correu para entrar na caminhonete do Bobby antes de cair aos prantos bem ali no estacionamento do Elias Brothers.

– Queixo para cima, garota – disse o Bobby, e me abraçou. – E a nossa oferta está de pé.

A Starr e o Bobby foram embora da cidade e eu tentei me manter ocupada com o trabalho. Não sabia o que mais fazer e o Jeff ficou feliz em me dar as horas.

A Móveis Pickering ficava logo saindo da autoestrada, em uma daquelas estradas de terra sem nome. O estoque era guardado no celeiro principal e etiquetado para a venda, mas todo o trabalho era feito na expansão que o Jeff construiu – um espaço de trabalho separado em que ele havia posto hidráulica e calefação.

Eu abria cedo e ficava observando as luzes piscarem. Aumentava o aquecimento, fazia um pouco de café, pegava uma lixa nova e começava. Na maior parte do tempo eu lixava e descascava, mas de vez em quando o Jeff me dava o jato de tinta e me deixava descontrair com um pouco de laca. Era um trabalho duro, mas pagava bem e eu podia estabelecer o meu horário.

Eu cumpria dias de dez horas e então ficava dirigindo por aí para evitar ir para casa. Eu não gostava da casa estar vazia, mas geralmente tinha medo de entrar na rua Clark e encontrar viaturas de polícia na calçada. Podia ver os vizinhos todos amontoados em suas varandas, todo mundo ao telefone enquanto as sirenes piscavam azul e vermelho refletindo na neve. Eu podia ver o Granger de pé ali perto da porta com seu chapéu na mão.

Isso sem mencionar o fato de que eu ainda não fazia a menor ideia de onde a Jenna estava. Eu também estava preocupada com ela, e uma noite dirigi até a igreja batista, pensando que sua família adotiva podia ser do tipo religioso. Era uma quarta-feira, então eu sabia que haveria estudos da Bíblia, e estacionei do outro lado da rua para observar as pessoas entrando. Passei um mês sob adoção temporária no sexto ano e íamos à Freedom Baptist duas vezes por semana, incluindo toda maldita noite de quarta-feira, quando todos nós nos sentávamos em volta de mesas e revezávamos lendo a Bíblia – que era exatamente tão divertido quanto parece.

Não vi a Jenna, mas uma vez achei que tinha visto e até mesmo a possibilidade fez um arrepio percorrer meu corpo. Fiquei tão sacudida que permaneci sentada ali por mais uma hora, só para observar todo mundo sair de novo e me assegurar de que não era ela.

Depois, deixei a igreja e dirigi pela cidade. Ela estava tão escura e silenciosa quanto sempre. Havia um pouco de neve caindo por entre os postes, e eu vi o pisca-pisca laranja de um limpa-neve da prefeitura dois quarteirões à frente, perto do parque Penn. Fiquei imaginando o que todos os

endinheirados do sul do estado e de Chicago estavam fazendo agora – como estavam passando o inverno em suas cidades movimentadas e bem iluminadas?

Dei mais uma volta pela cidade, fumei meu último cigarro e então fui para casa para descobrir que a Bonneville havia magicamente reaparecido na entrada.

A visão do carro da mamãe tirou todo o ar dos meus pulmões, mas eu não chorei. Estava confusa demais para chorar. Estava zangada e estava aliviada, mas acima de tudo estava chocada. Eu tivera tanta certeza de que ela se fora, mas lá estava a Bonneville e a luz da sala de estar estava acesa.

Estacionei ao lado do meio-fio e tive um pensamento de que talvez mamãe estivesse sóbria. Que ela estivera em abstinência depois do que havia acontecido nas colinas e que estivera desaparecida por tanto tempo porque finalmente chegara ao misterioso fundo do poço do qual eles falam nos filmes. O marco zero onde grandes transformações acontecem.

Eu estava com o cobertor dela no porta-luvas. Eu o levara ao funeral do Portis para dá-lo para a Starr, mas nunca dei. Guardei o cobertor pela mesma razão pela qual não contei à Starr sobre nada que havia acontecido, e o tirei agora e o segurei nas mãos. Se mamãe estava sóbria, então não haveria melhor recepção do que o cobertor que ela provavelmente achava que havia perdido.

Eu sabia que era tolice, até mesmo patético, mas dobrei o cobertor em um quadrado certinho e saí da caminhonete com uma sincera esperança no coração. Um carro estava vindo pela rua Clark e eu olhei pelo quarteirão abaixo para a Night Moves, enquanto o esperava passar. Havia luz azul no sinal de Aberto acima da porta, e no escuro ele lançava um brilho até o meio-fio, onde alguém estava de pé fumando. Podia ter sido o Gentry.

O carro passou chacoalhando e eu corri para o outro lado da rua e subi os degraus da frente. Segurei o cobertor junto ao peito e olhei para a neve que caía. Achei que mamãe podia ter me ouvido e esperei para ver se ela vinha até a porta, mas ela não veio.

Finalmente, botei o rosto no vidro da janela e lá estava ela no sofá – despejando um pouco de vodca dentro de uma caneca de café e acendendo um cigarro. Tinha um barulho saindo da televisão, mas ela não estava realmente assistindo. Estava só olhando na direção da penumbra do aposento. Seus joelhos estavam balançando para cima e para baixo enquanto ela batia a cinza de seu cigarro e falava consigo mesma ou com quem quer que ela imaginasse estar com ela lá dentro. Pode ter sido eu.

Botei a mão na maçaneta. Ela estava fria contra a minha palma e eu não a virei. Só a segurei ali e me lembrei da forma como a mamãe havia puxado no trailer e como Jenna havia berrado enquanto era esticada entre nós. Eu me lembrei do quanto mamãe estivera desesperada e como havia desmoronado nos degraus abaixo de mim quando havia acabado. Eu me lembrei de como ela havia gritado suas ameaças patéticas.

Olhei para mamãe e não senti aquela antiga raiva familiar. Não senti a fúria nem a tristeza. Até o alívio por sua volta havia sumido. A única coisa que eu sentia agora era cansaço. Eu estava totalmente exausta.

Tirei a mão, me virei e desci apressada os degraus da varanda. Corri para a caminhonete, a liguei de novo e pisei fundo no acelerador pela rua Clark. A calçada estava vazia do lado de fora da Night Moves e os meus pneus lançaram lama conforme passei rápido pela luz azul. Eu fugi da mamãe da mesma forma que fugi do Shelton Potter – como se minha vida dependesse disso.

Dirigi pela Clark através do leste de Cutler e do centro, mas quando cheguei à autoestrada não virei na direção das colinas do norte. Dessa vez parei no sinal vermelho piscante e fui para o sul. Não fazia a menor ideia de para onde estava indo, mas dirigi rápido e fiquei vendo a cidade desaparecer em um borrão suave e distante atrás de mim.

Peguei a estrada MacDougal saindo da autoestrada e me perdi nas estradas secundárias entre Cutler e o condado de Porcupine. No céu negro e na neve suave. Estava com o rádio em uma estação de música country e Emmylou Harris estava cantando sobre uma bola de demolição. Mamãe adorava aquela música, e enquanto ela tocava eu me vi lembrando das tardes em que ela costumava me levar para alimentar os cisnes no lago Spring.

Era estranho. Eu não pensava nessas memórias havia anos e de repente ali estava eu, entrando nesse laguinho logo depois de sair da autoestrada 31. Eu era só uma menina então, mas ainda podia sentir a água morna e a areia debaixo dos meus pés conforme andava até a beira da parte rasa. Podia ver as migalhas de pão que havíamos jogado e como os cisnes deslizavam com os pescoços retos pelo meio dos juncos.

Mamãe havia me avisado para não fazer isso, mas uma vez eu me aventurei perto demais. Eu me lembrei do sibilo e de como ele me assustou, como me deixou congelada na água. Eu me lembrei de um golpe rápido de um bico, e de como gritei no momento em que mamãe me pegou no colo e correu de volta para a beira comigo, rindo.

– Eu lhe disse, Docinho – dissera ela.

Eu me lembrei da mamãe arrumando o meu cabelo depois que nos retiramos para uma mesa de piquenique distante, e da maneira com que ela sorrira para mim ao sol e me perguntara se eu queria deixar o resto das migalhas de pão para lá e ir ao McDonald's para tomar sorvete.

Mamãe me amava. Eu sabia que ela amava. Ela me amava de um modo que nem a Starr poderia, mas fazia muito tempo, talvez até desde aquele dia no lago Spring, que seu amor não parecia confuso e infiltrado de tristeza. Esse sempre fora o tormento do amor da mamãe e continuava sendo assim agora – era tanto o sol que me havia carregado quanto a órbita interminável que eu trilhava em volta de sua combustão.

Emmylou cantava e eu acompanhei com a letra que sabia. Um anjo e um fantasma são duas coisas diferentes, mas ela soava como os dois ao mesmo tempo, e quando se derreteu no refrão final fez os pelos da minha nuca se arrepiarem.

Mamãe não tinha morrido. Ela não havia nem mudado. Fora eu quem a deixara, e era por isso que me sentia tão dividida e com medo. Eu fizera minha escolha no momento em que arranquei Jenna de seus braços, então a joguei na tempestade e tranquei a porta contra ela. O tempo todo, era eu quem não estava voltando para casa.

Eu dirigi até chegar às estradas de terra e entradas de carro de cascalho, a Cutler remota onde os trailers ficavam atrás de cercas de arame e os quintais eram cheios de partes mecânicas. Eu estava na fronteira do condado agora, dirigindo pelas planícies onde só há milharais e fazendas de laticínios. Passei pela cruz gigante que ficava na beira da estrada e então pelo campo de terra onde todo mundo viajava através do ácido – onde você pode ver o pulsar vermelho das torres de rádio e, atrás delas, as luzes piscantes da pista de pouso em Harbor Springs.

O rádio tocava, e enquanto uma canção se transformava em outra, havia momentos em que eu tinha certeza de que podia ouvir a Jenna chorar. Eu ouvia seu lamento agudo, como de quando eu a troquei naquela primeira vez na cabana e, apesar de eu saber que ela estava em algum lugar distante, tomara que sob os cuidados de boas pessoas, o meu coração ainda disparava ao ouvir o som.

Desliguei o rádio e tentei me concentrar somente em dirigir, mas aí o choro dela voltava e eu tinha que sacudir a cabeça para clareá-la. Tinha que lembrar a mim mesma de onde estava e o que estava fazendo. Tinha que lembrar a mim mesma que eu a deixara no hospital havia mais de uma semana.

Eu dirigi e dirigi. Dirigi e fumei cigarros e, quando finalmente o dia raiou, eu podia ver a neve acumulada em volta de mim em bancos altos e ondulados. O céu era como metal lavado acima do branco e eu olhei para fora e fiquei imaginando onde a Jenna estaria em todo aquele espaço aberto.

Dirigi até ver alguma coisa disparar pelos campos, algo baixo e preto e inclinando-se com força na direção da caminhonete. Pisei no freio e rabeei e achei que ia capotar até a Nissan parar com força e me jogar para a frente contra o volante. Perdi o fôlego com o impacto e então olhei para cima para ver Wolfdog parada ali na estrada. Suas patas dianteiras estavam cambaleantes conforme ela se inclinava para a frente, a língua pendendo enquanto sua respiração formava uma nuvem de névoa.

Capítulo Vinte e Dois

Foi assim que eu acabei deixando Cutler. Deixei mamãe na casa, encontrei Wolfdog e soube que estava na hora. Eu sabia que havia passado da hora.

Abri a porta do carona, chamei Wolfdog, e ela trotou e pulou para dentro da cabine. Estiquei a mão para acariciá-la e ela suspirou e se inclinou para a frente para se aconchegar.

– Ei, garota – disse.

Ela latiu alegremente e eu botei a caminhonete para rodar. Podia sentir o calor fedorento de seu hálito e sua cabeça enorme estava bem ali ao meu lado. Seu rosto estava achatado entre as orelhas levantadas e o maxilar formava um ângulo agudo até desaparecer no focinho. Suas pupilas eram pretas e contornadas de azul-claro, e havia uma acolhida em seus olhos que quase me destruiu.

Nós dirigimos de volta para a autoestrada, então atravessamos a cidade. Parei para abastecer o carro e comprar um pouco de comida para Wolfdog, e o sol já havia nascido quando finalmente estacionei do outro lado da rua, na frente da casinha do Granger na rua Poplar.

Ele tinha um jardinzinho quadrado e uma cesta de basquete na garagem, onde o aro estava enterrado em neve. Eu podia vê-lo lá dentro através da janela da cozinha, sentado à mesa e folheando o jornal. Ele estava bebendo café e erguia os olhos de vez em quando para olhar na direção da televisão – uma grande tela plana que eu podia ver tremeluzindo através das cortinas da sala de estar.

Wolfdog ficou sentada na cabine e encolheu as orelhas. Aí ela sacudiu o pelo e latiu.

– Está bem – falei. – Estou indo.

Granger atendeu a porta usando uma camiseta do departamento de polícia e calças de moletom cinza, e se encolheu um pouco quando viu que era eu. Talvez estivesse esperando os mórmons.

– Bem, isso é uma surpresa – disse ele.

– Eu venho em paz – repliquei.

– Jesus Cristo – disse ele, e acenou com a cabeça para a caminhonete. – Aquela é a fera do Portis, ali na cabine?

– O nome dela é Wolfdog.

– Verdade seja dita, ela sempre me pareceu mais lobo do que cachorro.

– Varia – afirmei.

– Bem – disse ele –, que tal uma xícara de café então?

O cérebro do Granger começou a funcionar imediatamente. Perguntei se ele sabia alguma coisa sobre o bebê sobre o qual vinham falando no noticiário, e ele me lançou um olhar – as sobrancelhas franzidas e vacilantes enquanto se apoiava na bancada da cozinha. Nesse momento, eu vi a luz se acender, a observei desabrochar em um meio sorriso enquanto ele sacudia a cabeça. Ele veio até a mesa com o bule de café, serviu uma xícara para mim e completou a própria.

– O que fez surgir esse interesse? – perguntou ele.

– Sou apenas uma cidadã preocupada – respondi.

– Muito preocupada – disse ele. – Pelo que parece.

Ele levou o café de volta e então se acomodou em sua cadeira. Mirou o controle remoto, desligou a televisão e empurrou o jornal para o lado. Começou a encher uma lata de tabaco.

– É só que estou curiosa para saber como ela estava – comentei.

– É mesmo?

– Acho que o que estou querendo saber é o que aconteceu com ela depois. Você sabe, depois que foi deixada.

Ele assentiu, aí pegou um pouco de tabaco e enfiou no lábio inferior.

– O que eu estou imaginando – disse ele, e enfiou o tabaco para baixo com a língua – é se quem quer que tenha trazido aquele bebê pode saber também alguma coisa sobre o que aconteceu nas colinas com todos aqueles corpos mortos.

– Sei lá – respondi. – Se um dia os encontrar, você devia perguntar.

– Ninguém está procurando – disse ele. – O negócio é esse. Michigan tem uma lei de porto seguro... significa que se você está com um bebê em perigo, você pode trazê-lo, abandoná-lo e não responder a nenhuma porra de pergunta a respeito de nada. Legalmente você tem todo o direito de se virar e ir embora. Caso encerrado. Eles aprovaram essa lei para tentar evitar que os bebês fossem jogados em lixeiras.

– Parece uma boa lei, então.

Ele encolheu os ombros.

– Não sei se é boa ou não – respondeu. – É só a lei.

– Esse negócio de porto seguro provavelmente não se aplica a cadáveres, não é?

– Não – disse ele. – Não se aplica.

Granger se curvou e pegou uma garrafa vazia de refrigerante Faygo que ele devia ter posto no chão ao lado de sua cadeira. Ele cuspiu e então pôs a garrafa de volta perto dos pés. Elegante.

– Então, esse bebê – continuei.

– Certo – disse ele. – Porque você só estava querendo saber como uma cidadã preocupada.

– Isso mesmo. Exatamente.

– É muito simples, de fato – disse ele. – O hospital nos telefonou depois da entrega e tratou do bebê. Então nós ligamos para o juiz. O juiz desligou o jogo do Michigan State, convocou uma audiência de emergência e foi até o tribunal. Procedimento padrão. O juiz determinou que o bebê seja colocado em um lar adotivo temporário até a adjudicação e devolvido ao serviço social.

– Adjudicação?

– É basicamente como um julgamento. Eles só dão outro nome.

– Quando é isso?

– Tem que acontecer dentro de sessenta dias.

– E quanto à mãe?

– Kayla Hawthorne? Eles a encontraram vagando pelas colinas do norte quando a tempestade passou. Ela estava completamente chapada e histérica. Acordou para descobrir que seu bebê havia sumido e saiu para procurá-la a pé. Estava segurando uma faca de açougueiro, por algum motivo.

Granger olhou para mim e deve ter percebido a minha surpresa. Eu não podia acreditar que ele estava me contando aquilo, que estava chamando as pessoas pelo nome e dando detalhes.

– Tudo o que estou lhe contando agora – disse ele – é de domínio público. Você pode entrar no tribunal e pedir para ver o arquivo.

– É mesmo? – perguntei.

– É mesmo – respondeu ele.

– Então onde está a Kayla Hawthorne agora? Está na cadeia?

– Cadeia? – disse ele. – Diabos, não, ela não está na cadeia. Eles não a botam na cadeia por ser uma mãe de merda e uma viciada em drogas. Ela está onde quer que costuma estar, fazendo o que quer que costuma fazer.

– Então o que vai acontecer no julgamento?

– Eles vão tomar o bebê e ela provavelmente vai ser adotada pela família adotiva que está com ela agora. A Kayla pode lutar, mas ela já perdeu um e seria muito difícil. Mas também pode nem querer tentar ficar com ela. Se não quiser, ela pode entrar em contato com o tribunal e eles fazem a papelada rapidinho. O serviço social quer aquele bebê fora de casa. Isso eu posso lhe dizer com certeza.

– Isso é bom – disse eu.

– É – disse ele. – É bom.

– E o bebê está bem?

– Ela teve uma febre e tanto, mas passou. Tem uma saúde perfeita, até onde eu sei.

– E quanto ao pai?

– O que tem ele? – perguntou Granger. – O seu palpite é tão bom quanto o meu. Tão bom quanto o da Kayla, provavelmente. Agora, posso lhe perguntar uma coisa?

– Claro – respondi.

– O que você vai fazer? Depois dessa confusão toda?

– Portland – respondi. – Acho que vou para Portland.

– Sério?

– É – disse eu. – Para morar com a Starr.

– Desde que não vá fugir com algum merdinha que conheceu na internet.

– Como você sabe, não tenho internet.

– Vai levar a caminhonete?

– Vou – respondi. – E a Wolfdog.

– Não vou me preocupar com você na autoestrada, então – disse ele. – Não com ela no banco da frente. Só não seja parada. Presumo que ela não tenha registro.

– Não vou ser parada – afirmei.

– Eu tenho alguns vales-presente – disse ele. – Refeições no Burger King, se quiser levá-los para a

viagem. Tenho uma pilha inteira presa à geladeira.

– Está tentando se livrar de mim ou algo assim?

– Não – disse ele. – É só que você tem que ir embora enquanto pode. Este lugar tem um jeito de sugá-lo, se você deixar. Como areia movediça.

– Não vou deixar – disse.

– Ótimo – disse ele. – Então pegue os malditos vales-presente.

– Obrigada – respondi. – Obrigada por ajudar com o Portis e por todo o resto.

– Proteger e servir – disse ele. – Você sabe como é.

– Granger, tenho mais um favor para pedir. Se você não se importar.

Capítulo Vinte e Três

Os pais adotivos eram Matthew e Rebecca Farmer. Granger não os conhecia pessoalmente, mas ouviu dizer que eram boas pessoas. Que estavam na lista de espera havia algum tempo e ficaram entusiasmados quando o tribunal telefonou a respeito da Jenna.

Ele rabiscou seus nomes e endereço e eu fiquei feliz de ver que ficava na rua Williams, no oeste de Cutler. Era cheio de carvalhos e calçadas largas por lá – um bom bairro com uma escola montessoriana e lindas casas antigas –, nada daquelas construções novas cafonas que você vê perto da água.

Granger saiu para trabalhar e me disse para dormir no sofá por um tempo se eu quisesse. Ele disse que eu parecia cansada e que devia descansar um pouco antes de dirigir através do país. Eu disse que ia descansar, mas me sentei à mesa da cozinha, em vez disso, e escrevi minha carta.

Granger tinha papel de caderno e alguns envelopes bem ali na bancada da cozinha e eu estava decidida a contar tudo aos Farmer. Tudo o que eu acreditava que eles precisavam saber.

Enchi minha caneca de café de novo e escrevi. Relatei ter encontrado Jenna perto da janela e a forma como a neve estava entrando enviesada. Contei sobre a caminhonete estar atolada e sobre andar ao longo do rio com o Portis. Aí havíamos marchado até a cabana e tentado sair de carro, e quando não conseguimos, o Portis havia morrido tentando salvar tanto a mim quanto a Jenna.

Deixei de fora a parte sobre a Carletta no trailer. Não vi que bem faria a qualquer um saber o que a mamãe havia feito, então mantive meu foco na Jenna e em como ela fora forte. Como ela era incrivelmente corajosa. Escrevi sobre o canguru e o cobertor e como havíamos alimentado a Jenna com leite em pó e neve derretida. Contei sobre o Shelton Potter no trailer e como ele fizera a coisa certa me deixando levar a Jenna. Eu não podia dizer que ele era um bom homem, mas podia dizer que Shelton Potter era mais do que as coisas ruins que ele havia feito.

Foi uma surpresa para mim, mas foi bom botar tudo no papel. Contar a minha história e vê-la em branco e preto. Vê-la na página e como algo fora de mim. Eu me senti mais leve com as verdades que contei, mas não vi nenhum proveito em revelar quem eu era.

Fui eu quem a encontrou, mas não sou a mesma pessoa que era antes. Sou diferente agora por causa da Jenna e do Portis Dale, e acredito que nós todos tentamos salvar uns aos outros naquela tempestade, e que na maior parte salvamos. Sei que o Portis passou a amar a Jenna naquele pouco tempo e que ele foi modificado por isso.

Incluí um breve P.S. que explicava, entre outras coisas, que os Farmer não deviam tentar me localizar.

Vou estar em algum outro lugar. E se alguém vier até vocês com uma história que contesta os acontecimentos descritos nesta carta, ele é um completo mentiroso e não devem confiar. Se precisarem de provas do meu relato, eu posso lhes falar sobre a

assadura terrível que a Jenna tinha embaixo da fralda e que ela era só pele e osso e tinha duas pontinhas de dente na época desses acontecimentos. Tenho certeza de que os médicos/policiais tiraram fotos, se acharem necessário validar minhas alegações.

Lacrei a carta no envelope, então peguei uma sacola de compras vazia que o Granger tinha na despensa e levei tudo para a caminhonete. Wolfdog se sentou e latiu e eu corri na direção dela. Abri a porta do carona para fazer carinho nela e lhe disse que estava tudo bem. Então peguei o cobertor da Carletta do porta-luvas e o joguei dentro da sacola com a carta.

Mamãe podia ter feito o cobertor para o Tanner, mas tinha sido Jenna quem fora enrolada nele. O cobertor ajudara a carregá-la e a mantê-la aquecida nas colinas do norte e isso o tornava dela.

Eu dirigi pela rua Poplar com Wolfdog ao meu lado na cabine. Eu pararia na Pickering no caminho para fora da cidade para pegar meu último pagamento e haveria o suficiente para a gasolina e até um pouco de comida se ficássemos cansadas do Burger King. Nós íamos chegar a Portland, não havia nenhuma dúvida na minha mente quanto a isso.

Pegamos a Poplar para a autoestrada, passando pela fábrica de cimento e o estacionamento de trailers, e então peguei a entrada para a cidade. Passamos pela igreja metodista e pela prefeitura, e observei o sol cintilar na água onde as ondas estavam congeladas no meio da quebra ao longo do litoral. Além do litoral ficava a baía e eu podia ver o impulso lento de um cargueiro ao longe, onde o gelo se quebrava em água azul e corria claro para dentro do céu.

Entrei no oeste de Cutler, e na rua Williams, onde diminuí a velocidade conforme passava pelo novo lar da Jenna. Acho que era o que eles chamam de bangalô. Uma dessas casas fofas, com cara de Califórnia, e lindamente pintada, para completar – tudo verde-floresta com os recortes laranja. Eu dirigi até o final do quarteirão, dei meia-volta e estacionei do outro lado da rua.

Os Farmer tinham suas calçadas limpas de neve e uma sebe aparada que acompanhava sua entrada de garagem como uma cerca. Havia um grande balanço na varanda da frente, alimentadores de pássaros em estacas pelo jardim e uma placa bem colorida acima da porta que dizia BEM-VINDO.

Havia um Pontiac Vibe vermelho vindo lentamente na nossa direção pela rua, e então a seta esquerda foi ligada e ele virou na entrada de garagem dos Farmer. Meu primeiro pensamento foi passar a marcha da caminhonete e ir embora, mas eu não fiz isso.

Observei a sra. Farmer saltar e a avaliei como tendo trinta e poucos anos. Ela tinha lindos cabelos ruivos que caíam em volta de seus ombros e estava usando um casaco amarelo North Face e calça jeans. E quando ela ergueu Jenna da cadeirinha do carro senti minha respiração ficar presa.

Jenna gritou naquele doce balbucio agudo e a sra. Farmer sorriu enquanto a passava para cima de um quadril. A sra. Farmer esticou a mão para o banco de trás para pegar uma sacola de compras e então saltitou pelos degraus da varanda acima, enquanto eu ficava sentada ali observando com um buraco no peito. Elas duas pareciam tão felizes.

Eu não sabia o que ia fazer agora, nunca havia planejado que eles pudessem estar em casa. A lateral da Wolfdog inflava com a respiração tranquila, porém, e isso me acalmou enquanto eu esperava alguns instantes e então saltava da caminhonete.

Segurei a sacola ao meu lado e dei uma corrida pela entrada da garagem. Eu podia ver mais compras no bagageiro e corri pelos degraus da varanda acima. Minha boca havia se transformado em algodão e a minha respiração estava rápida e curta nos meus pulmões.

A porta da frente estava aberta e eu podia ouvir música tocando baixinho nos fundos da casa, talvez vindo da cozinha, e quando fui botar a sacola no chão, olhei pela porta de tela e vi Jenna em cima de um tapetinho de brincar do lado de dentro.

Ela estava de barriga para cima e dando golpes em um bicho de pelúcia que balançava acima dela. Estava em um quartinho ao lado da entrada e entre ela e a porta havia um corredor comprido que levava direto aos fundos da casa.

Fiquei olhando para ela e me lembrei do bercinho e da maneira como ela gritara contra o vento. Eu me lembrei de carregá-la pela neve e como o Portis havia me ajudado quando ela ficou pesada. Eu me lembrei dela dormindo ao meu lado na cabana e a forma como mastigara os nós do meu dedo para se reconfortar quando finalmente fora libertada da Carletta. Eu me lembrei do Shelton botando-a no canguru e como a neve ainda estava caindo quando corri para a caminhonete dele.

Fiquei olhando para ela agora, em um macacãozinho de mangas compridas com pés costurados e seu cabelo preto se projetando em todas as direções. Ela arrulhava enquanto brincava, e quando se virou na minha direção, eu juro que seus olhos se arregalaram como pires e ficaram iluminados. Jenna fez *gheew* e abriu os lábios em um sorriso. Ela esticou uma das mãos para cima e eu coloquei minha palma contra a tela.

Eu vi luz através das janelas de guilhotina da sala de estar e podia ouvir a música vinda da cozinha com mais clareza agora. Ouvi o som de cordas acústicas e o barulho de latas enquanto a sra. Farmer arrumava a comida na despensa. Eu podia ouvir a tagarelice das crianças brincando em um jardim vizinho e o ronco distante de um caminhão na autoestrada.

Eu disse:

– Adeus, Docinho.

Título original
SWEETGIRL

Este livro é uma obra de ficção. Personagens e incidentes são produtos da imaginação do autor e, não devem ser interpretados como reais. Qualquer semelhança com acontecimentos reais ou pessoas, vivas ou não, é mera coincidência.

Copyright © 2016 *by* Travis Mulhauser

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida no todo ou em parte sob qualquer forma sem autorização, por escrito, do editor.

Copyright da edição brasileira © 2018 *by* Editora Rocco Ltda

FÁBRICA 231
O selo de entretenimento da Editora Rocco Ltda.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

preparação de originais
FÁTIMA FADEL

Coordenação digital
MARIANA MELLO E SOUZA

Assistente de produção digital
MARIANA CALIL

Revisão de arquivo ePub
BRUNO LORENZATTO

Edição digital: abril, 2018.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M922d
Mulhauser, Travis
Depois da tempestade [recurso eletrônico] / Travis Mulhauser; tradução Fabiana Colasanti. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Fábrica 231, 2018.
recurso digital

Tradução de: Sweetgirl
ISBN 978-85-9517-039-1 (recurso eletrônico)

1. História de suspense. 2. Ficção americana. 3. Livros eletrônicos. I. Colasanti, Fabiana. II. Título.

18-47726 CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

O texto deste livro obedece às normas do
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

O Autor

Travis Mulhauser foi nascido e criado no norte de Michigan. *Depois da Tempestade* é seu romance de estreia, que foi indicado ao prêmio The Center For Fiction's First Novel.

É também autor da coletânea de contos *Greetings from Cutler County*.

Atualmente vive em Durham, Carolina do Norte, com a esposa e os dois filhos.